

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS E INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

ESCOLA SUPERIOR DE HOTELARIA E TURISMO DO ESTORIL



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



LETRAS  
LISBOA



Instituto de Geografia  
e Ordenamento do Território  
UNIVERSIDADE DE LISBOA



## **«Rota Literária de Cascais»: um projecto em construção com a Câmara Municipal de Cascais**

António Manuel Pereira Ribeiro

Relatório orientado pelas Professoras Doutoras Alcinda Pinheiro e Maria José Pires, especialmente elaborado para a obtenção do grau de Mestre em Turismo e Comunicação.

Relatório de Estágio

2020

«Se queres dar, leitor, o mais belo dos passeios permitidos ao habitante de Lisboa, faz o que eu ontem fiz. Levanta-te às 5 horas da manhã, num Domingo, veste-te à luz do candeeiro, porque em Setembro ainda não é bem dia a essa hora, pega na tua bengala e no teu binóculo e vai à ponte dos vapores ao Cais do Sodré. Tomamos um bilhete de ida e volta no vapor de Cascais por dez tostões»

Ortigão, R. (1876). *As Praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*.

# ÍNDICE

Agradecimentos .....	5
Lista de Figuras.....	6
Lista de Tabelas .....	7
Resumo   Abstract.....	8
Introdução .....	9
<b>Parte I: Da leitura ao turismo literário .....</b>	<b>12</b>
1. Recepção e literatura.....	13
2. Para definir turismo literário .....	14
3. Sobre as motivações e o perfil do turista literário .....	15
4. O turismo literário enquanto património e criatividade .....	17
5. Edimburgo: a primeira cidade da literatura .....	18
6. O turismo literário em Portugal .....	19
<b>Parte II: Cascais enquanto destino turístico .....</b>	<b>22</b>
1. Novo lugar de veraneio a partir de meados do século XIX .....	23
1.1. Vilegiatura marítima.....	25
1.2. Nova estância balnear da realeza .....	26
1.3. Melhoramentos dos transportes .....	28
1.4. Espaços, práticas sociais e arquitectura .....	31
2. A afirmação do eixo costeiro Cascais-Estoril.....	33
2.1. A acção decisiva de Mendonça e Costa e de Fausto de Figueiredo .....	33
2.2. Período áureo de reconhecimento internacional .....	36
2.3. A influência de conflitos armados estrangeiros .....	38
3. Breve retrato na actualidade .....	40
<b>Parte III: Cascais enquanto destino literário .....</b>	<b>43</b>
1. Gil Vicente, Góis, Camões, Garrett e as primeiras referências a Cascais .....	45
2. Na literatura de viagem de Ramalho Ortigão, Alberto Pimentel e de José Saramago.....	47
3. O refúgio de Maria Amália Vaz de Carvalho e de Fernando Pessoa... ..	48
4. Eça de Queiroz e os «Vencidos da Vida».....	51
5. Ruben A. e os ecos da Segunda Guerra Mundial.....	53
6. Branquinho da Fonseca e as bibliotecas .....	55
7. Breves anotações sobre cinema e música .....	56

<b>Parte IV: O estágio no Município de Cascais e a «Rota Literária de Cascais»</b>	<b>58</b>
1. Da escolha do tema ao local.....	<b>59</b>
2. Da investigação documental à construção de um percurso literário ....	<b>60</b>
3. Reconhecimento do espaço, construção do folheto e formação dos <i>Locals</i> .....	<b>63</b>
4. Preparação da inauguração: escolha dos convidados, conclusão do folheto, simulação da Rota e trabalho com Teatro Experimental de Cascais .....	<b>65</b>
5. Inauguração da «Rota Literária de Cascais» e ecos .....	<b>68</b>
Conclusão .....	<b>72</b>
Referências .....	<b>75</b>
Apêndice I: Fichas biográficas dos autores.....	<b>84</b>
Apêndice II: Powerpoint da formação dos <i>Locals</i> .....	<b>113</b>
Apêndice III: Guião orientador para os guias-intérpretes .....	<b>128</b>
Apêndice IV: Guião orientador para os actores do Teatro Experimental de Cascais .....	<b>136</b>
Anexo I: Folheto da «Rota Literária de Cascais» .....	<b>146</b>
Anexo II: Reportagem da Câmara Municipal de Cascais sobre a inauguração da «Rota Literária de Cascais» .....	<b>156</b>

## AGRADECIMENTOS

Respeitando a nobre prática académica de prestar os devidos agradecimentos na abertura de um documento deste género, apresento o conjunto de intervenientes cujo contributo essencial ajudou à construção do presente relatório de estágio.

Em primeiro lugar, segue um especial agradecimento às Professoras Doutoradas Alcinda Pinheiro e Maria José Pires, minhas orientadoras académicas, por demonstrarem sempre o equilíbrio certo entre o rigor e a flexibilidade, desde as primeiras semanas de trabalho, em que procurávamos o local do estágio, até ao momento da entrega do relatório.

Não posso deixar igualmente de agradecer à Câmara Municipal de Cascais, minha entidade de acolhimento, por ter permitido toda esta aventura. Ao Doutor João Miguel Henriques, meu orientador, à Doutora Cláudia Mataloto, com quem acabei por trabalhar mais directamente, e a todos os restantes funcionários do município que ajudaram à construção da «Rota Literária de Cascais», expresso os meus sinceros agradecimentos.

Muito obrigado à funcionária da Biblioteca Municipal de Cascais – Casa da Horta, que me disse que as bibliotecas existem para serem desarrumadas pelos seus usuários, quando explorava caoticamente o Arquivo Local.

Agradeço à Casa Fernando Pessoa, por ter cedido gratuitamente os seus serviços de consultoria, e à Fundação Eça de Queiroz, pela disponibilização do seu vasto acervo iconográfico.

Por todo o apoio prestado durante a formação dos *Locals*, e pelo genuíno interesse demonstrado na «Rota Literária de Cascais», agradeço à Inês Sousa Martins, coordenadora do Programa *Locals*.

Na qualidade de apaixonado do teatro, segue um sentido agradecimento à encenadora Paula Fernandes, do Teatro Experimental de Cascais, e a todos os actores que abrilhantaram a inauguração do projecto.

Numa nota mais pessoal, gostaria de agradecer aos meus pais Hermínio e Maria Francelina, bem como à minha irmã Ana Margarida, pela compreensão e preocupação manifestadas, entre tantos outros ilustres sentimentos altruístas, ao longo do percurso. Obrigado a todos os meus amigos e familiares que sempre se interessaram por saber como decorria o estágio.

Agradecimento final a todos os escritores que continuam a ser fonte de inspiração de viagens para os leitores, com especial referência ao Stefan Zweig.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Os escritores Geovani Martins e José Eduardo Agualusa conversam sobre <i>O Medo no presente</i> , debate com moderação de Isabel Lucas, realizado a 18 de Outubro de 2019, no FOLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos.....	<b>21</b>
<b>Figura 2</b> – Postal comemorativo do Grande Hotel Itália, com a Ilustração da Praia do Monte Estoril (1932).....	<b>38</b>
<b>Figura 3</b> – Proveitos de aposento por capacidade de alojamento: total e por tipo de estabelecimento, em 2018.....	<b>41</b>
<b>Figura 4</b> – A Vila D. Pedro oferecida pela Duquesa de Palmela à escritora Maria Amália Vaz de Carvalho (1910).....	<b>49</b>
<b>Figura 5</b> – «Vencidos da Vida».....	<b>50</b>
<b>Figura 6</b> – Chalet Leitão.....	<b>54</b>
<b>Figura 7</b> – Mapa da «Rota Literária de Cascais».....	<b>63</b>
<b>Figura 8</b> – Intervenção inicial ao grupo junto da estação ferroviária de Cascais.....	<b>70</b>
<b>Figura 9</b> – Actor interpretando Fernando Pessoa no Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, durante a inauguração da «Rota Literária de Cascais».....	<b>70</b>
<b>Figura 10</b> – Momento de intervenção explicativa junto da Casa São Bernardo.....	<b>71</b>
<b>Figura 11</b> – Cumprimento entre actor que interpreta Eça de Queiroz e guia-intérprete, na varanda da Casa São Bernardo.....	<b>71</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Critérios da UNESCO para reconhecer uma cidade da literatura.....	<b>18</b>
<b>Tabela 2</b> – Demografia de Cascais entre 1843 e 1873.....	<b>24</b>
<b>Tabela 3</b> – Evolução do número de passageiros da Linha de Cascais entre 1890 e 1910.....	<b>31</b>

## RESUMO

O turismo literário é uma vertente do turismo cultural cujo vasto potencial continua pouco explorado em território português, pese embora a riqueza literária do país. Veja-se o exemplo de Cascais que, para além de destino turístico consolidado e reconhecido pelas suas praias desde a viragem do século XIX, reúne igualmente um património literário substancial por rentabilizar. O presente relatório refere-se ao estágio curricular realizado na Câmara Municipal de Cascais, que resultou na construção de um projecto de turismo literário intitulado «Rota Literária de Cascais». Concluiu-se essencialmente que a desarticulação verificada entre as entidades culturais e as do turismo, previamente apontadas em investigações sobre o assunto, se estendeu ao seio municipal, embora exista espaço para melhorar esse diálogo.

**Palavras-chave:** Turismo Literário; Cascais; Câmara Municipal de Cascais.

## ABSTRACT

Literary tourism is a branch of cultural tourism whose vast potential remains little explored in the Portuguese territory, despite the country's literary wealth. Cascais, for example, in addition to being a well-established tourist destination and renowned for its beaches since the turn of the nineteenth century, also has a substantial literary heritage to explore. This report refers to the curricular internship held at the Municipal Council of Cascais, which resulted in the construction of a literary tourism project entitled «Rota Literária de Cascais» («Cascais Literary Route»). The main findings of this report also portray the disarticulation between cultural and tourism entities, previously pointed out in investigations on the subject, and which seem to have stretched to the municipal area. Accordingly, there is still plenty of room to improve this most needed dialogue.

**Keywords:** Literary Tourism; Cascais; Municipal Council of Cascais.

## INTRODUÇÃO

Apesar da crescente aposta verificada em projectos de turismo literário um pouco por todo o país nos últimos anos, este género de oferta permanece demasiado residual e desordenado, face ao potencial global que o património literário nacional pode e deve atingir. Um país que viu nascer figuras universalmente reconhecidas como José Saramago, Fernando Pessoa, Luís Vaz de Camões, Eça de Queiroz e Sophia de Mello Breyner Andresen, entre tantos outros prodígios da escrita incontornáveis, tem de se prestar à valorização do seu considerável património literário.

Uma breve pesquisa pela página *online* «Visitportugal», recurso digital oficial de promoção turística de Portugal enquanto destino, ajuda-nos a comprovar um certo desalinhamento nesta matéria. Algures perdido no sub-menu «Arte e Cultura», encontramos a opção «Roteiros Literários», que reúne um conjunto de informações superficial e desagregado acerca de alguma da oferta de turismo literário existente em território nacional. Caso queiramos saber mais sobre as várias opções elencadas, somos convidados a construir autonomamente o nosso próprio itinerário, ou então a consultar uma lista de Circuitos e Serviços de Turismo com 549 resultados, na esperança de encontrar a organização certa, capaz de oferecer programas de turismo literário do nosso agrado (Visitportugal.com, 2019).

Aliás, se formos mais longe e consultarmos o programa «Estratégia Turismo 2027», documento estatal que apresenta as principais orientações estratégicas do sector turístico para a próxima década, verificamos que em nenhum momento surge a referência directa à literatura ou ao turismo literário. No entanto, o mesmo plano anuncia como uma das linhas de actuação central, no eixo da valorização do território e das comunidades, a conservação e o usufruto do património histórico-cultural e identitário (Estratégia Turismo 2027, 2017, p. 51). O turismo literário encontra-se em sintonia com este propósito fundamental, e perfila-se como uma ferramenta potencialmente importante na sua execução.

Na produção do documento «Estratégia Turismo 2027», a participação pública foi incentivada, e ofereceu-se a possibilidade de responder à seguinte questão: «Quais os 5 principais desafios para o Turismo em Portugal nos próximo 10 anos?». Combate à sazonalidade, valorização do património e cultura, desconcentração da procura, qualificação e valorização dos recursos humanos e estímulo à inovação e ao empreendedorismo, foram as respostas mais populares desta auscultação (Estratégia Turismo 2027, 2017, p. 15). Efectivamente, o turismo literário vai ao encontro de todos os principais desafios apontados.

Elena de Prada, vice-directora para Assuntos Internacionais da Faculdade de Gestão Empresarial e Turismo da Universidade de Vigo, diz-nos que o turismo literário «é um campo em aberto, cujo potencial é ainda desconhecido» (Matos, 2018). Nesse sentido, precisamos de reconhecê-lo, de explorá-lo (no melhor sentido do termo), até percebermos de que forma poderemos retirar maiores dividendos desta modalidade de turismo em que por vezes nos basta a imaginação e o conhecimento para a edificarmos. As entidades turísticas, culturais e/ou municipais envolvidas deverão assumir uma postura destemida e arrojada, face às eventuais incertezas que o turismo literário possa trazer.

Movido pelo fenómeno intangível e fascinante que nos leva a sentir o desejo de visitar um certo lugar após a leitura de um livro, e avaliando o actual momento em que se encontra o turismo literário em Portugal, onde ainda existe tanto por fazer, assim nasceu a escolha do tema a trabalhar no presente relatório de estágio. Começou então o processo de procura de projectos de turismo literário nos quais me poderia integrar, até que encontrei a Câmara Municipal de Cascais, entidade que aceitaria constituir-se como minha entidade de acolhimento.

O presente relatório de estágio foi realizado no contexto do Mestrado em Turismo e Comunicação, curso administrado em parceria pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, e Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Refere-se ao estágio curricular realizado na Câmara Municipal de Cascais entre 13 de Maio e 22 de Outubro de 2019. Durante esse período, tive a oportunidade de desenvolver o projecto de turismo literário intitulado «Rota Literária de Cascais».

Do ponto de vista estrutural, o presente relatório encontra-se dividido em quatro partes principais, que convergem harmoniosamente do geral para o particular. Começa pela tentativa de definição do conceito de turismo literário, relacionando-o com o complexo sistema da leitura adiante explicado. Neste segmento inicial, expõe-se igualmente a dificuldade em definir do perfil do turista literário e termina-se com alguns exemplos práticos desta forma de turismo. A segunda parte debruça-se exclusivamente sobre Cascais enquanto destino turístico, explicando de que forma a vila se tornou lugar privilegiado de veraneio na viragem do século XIX, atingindo um notório reconhecimento internacional a partir da década de 1930, havendo espaço ainda para traçar um breve retrato na actualidade. Segue-se uma terceira parte, também ela sobre Cascais, mas desta feita dedicada unicamente ao seu vasto património literário de raízes centenárias. Por último, uma espécie de diário de bordo, que pretende ser um relato exaustivo do trabalho desenvolvido na construção do projecto «Rota Literária de Cascais». Esta quarta parte remete-nos em variadíssimos momentos para o volumoso inventário de Apêndices e Anexos do presente relatório, que se perfilam como elementos determinantes para a compreensão da verdadeira dimensão do trabalho desenvolvido. Os Apêndices constituem os documentos

de produção própria, ao passo que os Anexos apresentados foram produzidos por terceiros. No caso particular do Anexo I, sendo de produção partilhada, optou-se por incluir na categoria dos Anexos.

**PARTE I:**  
**DA LEITURA AO TURISMO LITERÁRIO**

Evoquemos a metáfora do autor argentino-canadiano Alberto Manguel, que nos diz que o leitor pode ser visto como um viajante, avançando através das páginas dos livros (Manguel, 2017), para introduzirmos o assunto do turismo literário. Na verdade, se o viajante pode ser definido como o «indivíduo que se desloca para visitar destinos diferentes do de residência habitual, por períodos de tempo limitados e variáveis, com o objectivo de lazer através do desenvolvimento de actividades propensas ao conhecimento e ao enriquecimento pessoal» (Brito, 2000, p. 11), o leitor não se afasta muito desta descrição, ficando-lhe a faltar a componente física da deslocação, e a experiência do contacto directo que daí provém. Consequentemente, o leitor procura compensar esta ausência através da construção de geografias imaginadas, ou seja, de representações espaciais fabricadas por via dos signos e da linguagem (Duncan & Gregory, 2000, p. 6).

No texto *O Prazer da Leitura* (1905), de Marcel Proust, o autor francês coloca em evidência os sentimentos de sofrimento e decepção que o leitor vivencia ao fechar o livro: «queríamos tanto que o livro continuasse, e, se fosse possível, obter outras informações sobre todos os personagens, saber agora alguma coisa de suas vidas, empenhar a nossa em coisas que não fossem totalmente estranhas ao amor que eles nos haviam inspirado» (Proust, 1989, p. 24). É aqui que o turismo literário entra, ao oferecer um prolongamento da narrativa e/ou dos seus elementos, convidando o leitor a retardar a custosa acção de fechar o livro.

Um dos mecanismos propulsores da imaginação e dos sonhos, o livro tem a habilidade de transportar o leitor para outro universo, o que por si só pode representar uma forma de turismo em segunda mão. Embora os destinos e as personagens sejam muitas vezes ficcionais, continua a fornecer motivação para conhecer paisagens, seguir os passos das personagens do livro, ou mesmo dos seus autores. Mesmo com a hegemonia da digitalização, a literatura mantém intacta a sua capacidade de estimular respostas emocionais que conduzam à visita de um determinado destino (Jenkins & Lund, 2019, p. 11).

## **1. RECEPÇÃO E LITERATURA**

Antes de compreendermos melhor do que se trata o turismo literário, e o que motiva quem o pratica, vale a pena debruçarmo-nos um pouco sobre a literatura, procurando descodificar conceptualmente a tal aptidão dos livros acima referida, que impele os leitores a experienciar um novo destino. Para tal, urge referir a estética da recepção, teoria originária de finais da década de 1960, que defende a soberania do leitor na recepção crítica da obra de arte literária, definindo a literatura como o produto de um modo de ler, de um acordo comunitário acerca daquilo que deverá contar como literatura (Fish, 2003).

Entenda-se a recepção no âmbito da literatura como um sistema de comunicação que implica a existência de um emissor (um autor), de uma mensagem (um texto) e de um receptor (um leitor), facilitando o envio e o recebimento da mensagem. Considerar a recepção pressupõe igualmente analisar as pessoas, os processos e as instituições envolvidas na produção, transmissão, distribuição e circulação dessas mensagens e textos. No seio deste complexo sistema encontramos também as diferentes relações entre o significado e a linguagem, que nos confirmam uma verdade incontestável: não existe uma distinção segura entre o texto e a sua interpretação individual. Significa isto que é inexequível identificar todos os factores inerentes a um determinado acto de leitura complexo e heterogéneo. Contudo, reconhece-se a existência desses factores (Willis, 2018).

Esta realidade vem oferecer novos desafios ao turismo literário, nomeadamente à custosa definição dos seus praticantes. Apesar de os leitores serem guiados pelo texto durante o acto da leitura, constroem individualmente outros significados e interpretações, representando assim um alvo comercial com necessidades específicas e complexas, difíceis de detectar e satisfazer, como poderemos verificar mais adiante.

## **2. PARA DEFINIR TURISMO LITERÁRIO**

Na relação ambivalente entre leitor e itinerário enunciada por Carvalho & Baptista (2015), «tal como o leitor é essencial para que a obra literária se concretize, o itinerário literário apenas se consagra num objecto estético ao ser percebido enquanto tal pelo turista» (Carvalho & Baptista, 2015, p. 59). Valida-se assim a existência de uma relação conceptual circular entre Turismo, Cultura e Literatura, nem sempre fácil de articular, face a um cenário progressivo de massificação da experiência turística, e da «turistificação» de bens culturais (Carvalho & Baptista, 2015, p. 58).

O turismo cultural não deve ser associado somente à visita de monumentos ou de outros pontos de interesse. Inclui também o acto de experienciar o «modo de vida» dos diferentes destinos. Por outras palavras, fazer turismo cultural não é apenas consumir produtos culturais do passado, mas também lidar com o modo de vida contemporâneo e com a cultura das pessoas. (Mousavi, Doratli, Mousavi & Moradiahari, 2016, p.74). O turismo literário, por sua vez, configura-se como «um tipo de turismo cultural que tem a ver com a descoberta de lugares ou acontecimentos dos textos ficcionais ou das vidas dos autores desses textos» (Sardo, 2008, p. 27).

O turismo literário refere-se à produção e ao consumo de lugares, paisagens, museus, casas históricas e túmulos associados a publicações escritas e / ou aos seus autores (Jafari, 2000, p. 558). Esta forma de turismo tem uma longa história nas sociedades literárias, mas expandiu-se no século XIX com a crescente democratização das viagens (Watson, 2009). Às primeiras Grand Tours seguiram-se os itinerários baseados nos escritores clássicos. Mais tarde, os caminhos dos visitantes inspiraram-se em poetas românticos como Byron e Shelley (Bidaki, 2014).

Dentro do turismo literário, podemos identificar sete principais tipologias:

1. Sítios relacionados com a vida do autor (Marsh, retirado de Carvalho & Baptista, 2015, p.59);
2. Sítios relacionados com o mundo ficcional criado pelo autor na sua obra (Pocock, retirado de Carvalho & Baptista, 2015, p. 59);
3. Sítios relacionados com a vida e obra do autor, mas valorizados pelo visitante por o recordarem do seu próprio passado, evocando-lhe, por exemplo, memórias de infância, causando-lhe nostalgia (Squire, retirado de Carvalho & Baptista, 2015, p. 59);
4. Literatura de viagem (Busby & Klug, 2001, p. 316);
5. Turismo cinematográfico, onde o filme desperta interesse para a leitura e, posteriormente para o destino onde se localiza a acção (Busby & Klug, 2001, p. 316);
6. Turismo musical, quando as letras das canções inspiram a realização de novas viagens;
7. Turismo de bibliotecas.

Carvalho & Baptista (2015) ressaltam ainda a importância de estabelecer a distinção entre «sítio literário» e «itinerário literário». O sítio literário refere-se ao «lugar ao qual é associado um autor, quer seja pela sua vida ou ficção (obra literária) e que, nesse sentido, mistura passado e presente» (Fernandes & Carvalho, 2017, p. 580). Já os itinerários literários conseguem manifestar-se para lá de um local específico, sem amarras geográficas. Estes podem nascer da iniciativa individual do turista, ou de um plano concertado por organizações locais (Carvalho & Baptista, 2015, p. 59).

### **3. SOBRE AS MOTIVAÇÕES E O PERFIL DO TURISTA LITERÁRIO**

Sobre os motivos que aliciam os turistas a visitar estes lugares de turismo literário, Herbert (2001) apresenta um total de seis características fundamentais de atracção, diferenciadas por qualidades excepcionais e gerais. Defende igualmente que, quanto mais qualidades das abaixo listadas o lugar literário reunir, e se coexistir um equilíbrio entre os dois géneros, melhor será a

experiência para o turista e mais fácil se tornará o seu desenvolvimento turístico pelas entidades do sector. Sobre as qualidades excepcionais propostas por Herbert, elas existem quando:

1. Os turistas são atraídos para lugares com conexões com a vida de escritores;
2. Os turistas são atraídos para lugares literários que assentam nas configurações das obras;
3. Os turistas são atraídos para lugares literários para uma emoção mais ampla e profunda do que o escritor específico ou a história ou por razões menos relacionadas com a literatura do que com algum evento dramático na vida do escritor (Oliveira, 2017, p. 63).

Adicionalmente, Herbert reconhece qualidades gerais nos lugares literários quando:

1. Estão localizados em ambientes atraentes, como ambientes cénicos, paisagens características;
2. Oferecem uma grande variedade de recursos, *facilities* (casas de chá, cafés, restaurantes ou lojas de recordações);
3. Se tornam apenas num ponto de paragem ao longo de um outro itinerário turístico mais geral, por causa da sua localização geograficamente oportuna (Oliveira, 2017, p. 63-64).

Um dos desafios cruciais do turismo literário passa pela indefinição do seu próprio alvo. Afinal, quem são os potenciais turistas literários? Partilharão eles perfis socioeconómicos similares? Interessar-se-ão obrigatoriamente por literatura? Compreender as motivações inerentes a esta tipologia de turista representaria um passo importante rumo ao desenvolvimento de uma área tão promissora como se perfila o turismo literário (Carvalho & Baptista, 2015, p. 67). Sardo (2009) arrisca uma definição para o turista literário, classificando-o como alguém que se interessa, por exemplo, «pela forma como os lugares influenciaram a escrita e, ao mesmo tempo, como a escrita criou determinados lugares. O turista literário é aquele que pega num livro (romance, conto, novela, poesia) e parte à procura dos sítios literários» (Sardo, 2009, p. 341). Contudo, qualquer exercício de categorização carece invariavelmente de garantias absolutas, na medida em que cada turista literário tem a sua própria química com um lugar, eventos ou personagens, quer sejam eles reais ou fictícios (Herbert, 2001).

#### 4. O TURISMO LITERÁRIO ENQUANTO PATRIMÓNIO E CRIATIVIDADE

O património associado aos sítios ou aos itinerários de turismo literário deve ser reconhecido como um «importante meio de preservação das singularidades e identidade local, que a diferencia dos restantes territórios, impedindo que o destino turístico entre na tendência crescente da homogeneização e globalização» (Fernandes & Carvalho, 2017, p. 584). Quer isto dizer que urge a necessidade de articular soluções e ofertas turísticas criativas, capazes de tirar partido de valências pouco exploradas, mas facilmente relacionáveis com o património literário existente. «Embora a Literatura não possa ser entendida como principal motivação para o turista, em geral, o turismo literário pode constituir um complemento ou alternativa a outras fontes de turismo» (Sardo, 2009, p. 350). Esta ideia adquire especial relevância em zonas do território onde a incidência turística é menos expressiva:

O turismo literário torna-se capaz de promover «novos cenários» e captar novos públicos, configurando-se como uma alternativa (ou complemento, contribuindo para o prolongamento da estada) a outras formas de turismo e essencial na atração de fluxos turísticos durante a época baixa e para locais mais periféricos, essencialmente de menor densidade e procura (Fernandes & Carvalho, 2017, p. 584).

Embora o turismo literário apareça habitualmente integrado no turismo cultural, e com uma estreita ligação ao património, Oliveira (2017) apresenta uma associação do conceito ao turismo criativo. Recuperando o trabalho de Richards & Raymond (2000), podemos definir o turismo criativo como aquele que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver todo o seu potencial criativo, através da participação activa em experiências de aprendizagem articuladas com o destino de férias escolhido. Esta nova perspectiva vem dotar o turismo cultural de novas oportunidades de desenvolvimento, sustentadas pelas alterações verificadas nos hábitos e comportamentos dos turistas, cada vez mais em busca de experiências singulares e, ao mesmo tempo, sensíveis aos impactos da actividade nos locais de destino. Richards & Wilson (2007) traçam a evolução das motivações dos turistas em três estados: inicialmente, a necessidade de satisfazer necessidades básicas, que deu lugar à vontade de viajar para criar distinção, até à fase actual, onde o desenvolvimento pessoal surge como determinante. De acordo com Oliveira,

este novo paradigma pressupõe um desafio na relação entre a oferta e a procura, na co-criação de experiências significativas pelos vários intervenientes do turismo. Este representa uma via de comunicação entre

o passado e o futuro, entre os visitantes e os visitados, no qual os turistas passam de consumidores a participantes (Oliveira, 2017, p. 55).

## 5. EDIMBURGO: A PRIMEIRA CIDADE DA LITERATURA

Em 2004, a UNESCO decidiu criar a Creative Cities Network (UCCN), com o objectivo assumido de promover a cooperação com e entre cidades que identificaram a criatividade como factor estratégico para o seu desenvolvimento urbano sustentável (En.unesco.org, s/d). Esta rede passou a ser edificada anualmente, através da atribuição oficial do título de «cidade criativa», em diversas categorias, entre as quais se inclui a literatura. Mas como definir uma cidade da literatura? Após ter analisado três das cidades que já mereceram a nomeação, Marques explica-nos que a cidade literária pode assumir diversas formas, embora seja evidente que este reconhecimento se baseia na importância atribuída à interpretação vívida do património literário. Os limites da cidade literária são os limites da imaginação e da criatividade nas formas de «ser» e de se «tornar» uma cidade literária (Marques, 2019, p. 66).

<b>A CIDADE DA LITERATURA SEGUNDO A UNESCO</b>
Qualidade, quantidade e diversidade de publicações na cidade.
Qualidade e quantidade de programas educativos focados na literatura nacional ou internacional nos primeiro, segundo e terceiro ciclos.
Literatura, teatro e/ou poesia desempenham um papel importante na cidade.
Organização de eventos e festivais literários que promovam literatura nacional e internacional.
Existência de bibliotecas, livrarias e centros culturais públicos ou privados que preservem, promovam e disseminem literatura nacional e internacional.
Envolvimento do sector editorial na tradução de obras literárias das mais diversas línguas nacionais e da literatura internacional.
Envolvimento activo nos novos media e nos tradicionais na promoção da literatura e no fortalecimento do mercado para produtos literários

**Tabela 1** – Critérios da UNESCO para reconhecer uma cidade da literatura. (Fonte: Marques, 2019, p. 63).

Na edição inaugural da iniciativa da UNESCO, Edimburgo sagrou-se a primeira cidade da literatura do mundo, muito pelo seu farto património literário. A capital escocesa viu nascer nomes mundialmente reconhecidos como Conan Doyle, o

criador do icónico detective Sherlock Holmes ou Walter Scott, um dos precursores do romance histórico. Durante duas semanas em Agosto, Edimburgo recebe o maior festival literário do mundo, do qual fazem habitualmente parte cerca de 800 autores de 40 países diferentes, e reúne aproximadamente 225 mil visitantes por ano (En.unesco.org, 2019).

No último relatório de monitorização, publicado em 2017, verifica-se uma continuidade nas práticas de promoção da literatura na cidade, sempre a apontar para o futuro. Entre as principais acções relevadas neste documento estão as campanhas de leitura realizadas por toda a cidade, espectáculos em homenagem aos principais autores locais, criação de intercâmbios internacionais e de residências locais, iniciativas de apoio a escritores emergentes e a inscrição de citações em locais públicos importantes da cidade, só para chamar a atenção para alguns exemplos (UCCN Monitoring Report – Edinburgh UNESCO City of Literature, 2017).

Desde a nomeação de Edimburgo em 2004, a rede de cidades criativas da UNESCO no âmbito da literatura viu-se reforçada com a entrada de outros 28 membros, entre os quais a vila portuguesa de Óbidos.

## **6. O TURISMO LITERÁRIO EM PORTUGAL**

Tendo como ponto de partida uma investigação realizada por Inês Carvalho no ano de 2009 sobre a possível relação entre os itinerários literários e o conceito de rede de negócios, entendemos que o turismo literário em Portugal é uma actividade promissora, mas não suficientemente desenvolvida:

Em Portugal, a aposta nos itinerários literários tende a ser feita sobretudo pelo sector da Cultura e não pelo do Turismo, o que justifica que a vertente turística destes itinerários esteja ainda pouco explorada, o que limita o seu potencial contributo para o desenvolvimento sócio-económico ao nível local e regional (Carvalho, 2009, p. 94).

Este panorama deficitário veio a ser confirmado anos mais tarde, por intermédio de um novo estudo, que alertava para o público-alvo das opções de turismo literário existentes. Segundo Carvalho & Baptista (2015), caso a aposta em tais produtos continue quase exclusivamente a partir de entidades culturais, e se mantenha direccionada para o público escolar, estaremos perante uma clara limitação do potencial de desenvolvimento do turismo local e regional. Recomenda-se uma aliança entre a cultura e o turismo, pois «apesar de as

entidades organizadoras de itinerários e roteiros literários mostrarem abertura em relação à área do Turismo, a articulação entre ambas as áreas ainda não é efectiva nos casos analisados» (Carvalho & Baptista, 2015, p. 67). Não obstante este cenário, ainda é possível elencar vários exemplos de itinerários literários um pouco por todo o país, porém, a principal fatia económica da modalidade de turismo literário em Portugal, refere-se aos festivais literários, casas-museu e fundações de autores (Oliveira, 2017).

Dentro desta realidade limitada, Óbidos ocupa um lugar de destaque no desenvolvimento do turismo literário nacional. Apesar do seu estatuto de vila, passou a integrar a rede da UNESCO de Cidades da Literatura em 2015, tornando-se um exemplo paradigmático da utilização da literatura e da criatividade como motor de progresso socio-económico. O pequeno município pertencente ao distrito de Leiria criou o seu próprio património literário, através da transformação da Igreja de S. Pedro numa biblioteca e livraria e de um plano estratégico que aponta claramente para uma melhoria do acesso da comunidade à literatura. Por último, é imperioso destacar a organização do FOLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos (Figura 1), evento de periodicidade anual que se assumiu rapidamente como um dos principais certames literários do país (En.unesco.org, 2019).

Migueis, Fernandes & Ribeiro (2017) concluíram que existe um claro compromisso das entidades locais em cumprir uma estratégia de comunicação consistente, com o propósito de solidificar a identidade da marca Óbidos. De acordo com a investigação citada, a Câmara Municipal de Óbidos mantém uma aposta forte em formas de comunicação que vão para além da publicidade tradicional: «a comunicação digital, através de *websites* ou redes sociais *online*, a par da criação de conteúdos para difundir através dos meios de comunicação têm vindo a ser preferidos pela autarquia e pela organização de eventos como instrumentos de comunicação» (Migueis, Fernandes & Ribeiro, 2017, p. 701). A eficácia desta estratégia concertada que privilegia uma componente digital bem delineada tem vindo a ser comprovada pelo sucesso dos diversos eventos organizados pelo município de Óbidos, incluindo os do tipo literário.



**Figura 1** – Os escritores Geovani Martins e José Eduardo Agualusa conversam sobre *O Medo no presente*, debate com moderação de Isabel Lucas, realizado a 18 de Outubro de 2019, no FOLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos. (Fonte: FOLIO).

**PARTE II:**  
**CASCAIS ENQUANTO DESTINO TURÍSTICO**

## 1. NOVO LUGAR DE VERANEIO A PARTIR DE MEADOS DO SÉCULO XIX

Em meados do século XIX, Cascais apresentava-se no mapa somente como uma pequena vila piscatória, pontuada pela tímida existência de um rendilhado aristocrático apreciador da maresia, e cujas péssimas condições de acessibilidade aos centros urbanos mais próximos contribuíam para o contínuo isolamento da localidade. «Por velha, carcomida e esfarrapada, merecia quase o desprezo de toda a gente; a sua figura desgrenhada, triste, pobre e suja, metia nojo, medo e tédio», lembrava Dom José Coutinho de Lencastre em *Passeio de Lisboa a Cascais* (1868), obra que relata a viagem realizada pelo autor às costas do seu burro. A expressão «A Cascais uma vez e nunca mais» popularizava-se.

Acontece que Cascais ainda não havia conseguido recuperar do abalo figurativo e literal que o Terramoto de 1755 representou para a vila, ao ter destruído grande parte das suas edificações através das forças devastadoras do sismo, do fogo e do mar (Andrade, 1969, p. 59). Boa porção das muralhas centenárias do antigo Castelo de Cascais, por exemplo, pereceram irremediavelmente (Cardoso & Cabral, 1988, p. 83-88) neste evento trágico que vitimou mais de quinhentos cascalenses (Andrade, 1990, p. 213). E quando a vila se mostrava pronta para se reerguer das ruínas, a crueldade das invasões francesas à entrada do novo século deixou novamente a localidade prostrada e impotente face aos acontecimentos (Andrade, 1969, p. 60).

Censos realizados em 1864 revelam que a população da vila caiu fortemente em pouco mais de cem anos após o terramoto, de 2592 habitantes em 1758, para 1593 habitantes em 1864 (Viegas, 1940, p. 39). A nível concelhio, se nos dias de hoje a população de Cascais representa aproximadamente dois quintos dos números da vizinha capital (Pordata.pt, 2019), em meados do século XIX a realidade era bem diferente, com a totalidade das freguesias a simbolizar pouco mais de 3% dos 200 mil habitantes lisboetas (Rodrigues & Ferreira, 1993, p. 301). A esta crise demográfica concorreu o decreto de 28 de Maio, publicado a 1834, que determinou a extinção de todas as ordens religiosas, afastando a Ordem dos Carmelitas Descalços do antigo Convento de Nossa Senhora da Piedade, bem como o fim do regimento da Infantaria 19, no mesmo ano, instalado em Cascais desde 1703 (Andrade, 1990, p. 276-277).

ANO	POPULAÇÃO VILA DE CASCAIS	FOGOS	POPULAÇÃO CONCELHO
1843	1320	372	5578
1864	1593	438	6665
1873	1483	388	6399

**Tabela 2** – Demografia de Cascais entre 1843 e 1873. (Fonte: Viegas, 1940, p. 39).

Pedro Barruncho, antigo administrador do concelho de Cascais, traçava o seguinte cenário ruinoso no seu livro *Apontamentos para a História da Villa e Concelho de Cascais* (1873):

Em anos pouco anteriores a 1860, demoliam-se as casas da vila para se venderem os materiais! Outras caíram por total abandono; e muitos prédios foram vendidos por quantias tão insignificantes, que chega a parecer fábula o que se conta a tal respeito! (Barruncho, 1873, p. 144).

Contudo, esta decadência local era apenas um reflexo do estado debilitado do país, fustigado por uma série de acontecimentos políticos e bélicos que marcaram a história portuguesa do século XIX. Desde a fuga da Corte para o Brasil e posterior independência da nação brasileira, até ao estado de alerta constante que o período das invasões francesas impunha, sem esquecer a guerra civil que opôs liberais e absolutistas, o país viu-se obrigado a enfrentar vários dilemas em simultâneo que provocaram uma espécie de erosão nacional, formando uma barreira contra o progresso.

No que ao turismo diz respeito, a vila de Cascais ainda não tinha qualquer expressão. O conceito de viajar estritamente por lazer encontrava-se reservado às camadas mais elitistas da sociedade, que preferiam passar os seus Verões na região do Ribatejo desde o século XVIII. «Em Vila Franca havia caçadas reais, em Salvaterra touradas de fidalgos» (Colaço & Archer, 1999, p. 17). A obra *Viagens na minha terra* (1846) de Almeida Garrett, cujo género de literatura de viagens viria a influenciar muitos outros escritores, espelha essa mesma predilecção, pois relata com detalhe uma aventura na primeira pessoa pelo território ribatejano. Foi por influência da realeza que o foco acabaria por transitar para Sintra, quando D. Fernando II se enamorou pelas paisagens do Parque da Pena, e mandou edificar o Palácio com o mesmo nome, onde passou a veranejar regularmente (Lopes, 2016, p. 80): «Sintra surgiu no turismo nacional pelo capricho desse rei amante das velhas árvores e do murmúrio das águas nas sombras das matas» (Colaço & Archer, 1999, p. 18).

No entanto, ao longo da segunda metade do século XIX, Cascais foi deixando o anonimato em que se encontrava, e começou a despontar enquanto destino turístico. Para esta transformação decisiva na história da vila, contribuíram três factores essenciais. Foram eles o surto da vilegiatura marítima no país, a afirmação da localidade enquanto estância balnear da realeza, e a melhoria significativa das ligações rodoviárias e ferroviárias, sobretudo com Lisboa. Construíam-se desta forma as bases para aquilo que viria a tornar-se um destino turístico de excelência.

### 1.1. VILEGIATURA MARÍTIMA

Começando por abordar o fenómeno da vilegiatura marítima, importa antes de mais traçar uma definição clara do termo «vilegiatura», galicismo utilizado para descrever uma «temporada que pessoas da cidade passam no campo ou em digressão de recreio, na estação calmosa. Digressão recreativa fora das grandes povoações ou por estações balneares» (Silva, 1959, p. 715). A palavra veio sendo progressivamente substituída por «veraneio», mas o sentido conceptual manteve-se. Ora quando nos referimos a vilegiatura marítima, o significado aclara-se e remete-nos para temporadas despendidas perto do mar:

Esta prática nasceu de um projecto terapêutico que aconselha os banhos de mar para todo um catálogo interminável de doenças, físicas e psíquicas, numa atitude preventiva e curativa, a que vão ser sensíveis as elites inglesas em meados do século XVIII, as alemãs no fim do mesmo século, e as francesas no início do século XIX (Martins, 1996, p. 173).

Não tardou muito até estes hábitos higienistas passarem a ser recomendados pelos médicos portugueses. Branca de Gonta Colaço e Maria Archer relatam-nos um desses tratamentos em *Memórias da Linha de Cascais* (1943):

Nessa época tomavam-se os banhos de mar como remédio, não por prazer. Banhos de mar que deviam ser rápidos, com três mergulhos, e apanhando o banhista o choque de sete ondas... Saía-se rapidamente da água, pingando, com o fato colado ao corpo – e era de bom-tom tiritar (Colaço & Archer, 1999, p. 19).

E se inicialmente estes procedimentos tiveram na sua base propósitos medicinais, até porque muitas das epidemias ainda estavam por erradicar à

época, sobretudo nos centros urbanos, a segunda metade do século XIX transfigurou a vilegiatura marítima para uma prática de prestígio social. Uma actividade que estaria outrora prescrita à alta nobreza passou a ser cobiçada por outros membros proeminentes da sociedade portuguesa, tais como a «família real, nobreza recém-nobilitada, altos funcionários do Estado, intelectuais, oligarquia rural, financeira e comercial» (Martins, 1996, p. 174).

A vilegiatura marítima enquanto prática prestigiante acabou por encontrar correspondência na vila de Cascais, especialmente a partir de 1870, ano em que o rei D. Luís instituiu em definitivo Cascais como destino de veraneio da corte, estabelecendo uma nova dinâmica aspirativa modernista:

Se uma inicial aproximação às praias teve como origem causas medicinais e terapêuticas, rapidamente este pretexto foi ultrapassado por outro, menos despretensioso e inocente. A prática de uma rotina quase exclusiva da Corte e da aristocracia, passou a ser interpretada pela média e alta burguesia como uma oportunidade de inserção social e em poucas décadas o areal das praias tornou-se no Verão, um espaço tão importante de frequentar como os salões de baile no Inverno (Duarte, 2008, p. 163).

## **1.2. NOVA ESTÂNCIA BALNEAR DA REALEZA**

A família real tinha por hábito permanecer em Sintra e Queluz no mês de Agosto, rumando posteriormente às praias de Pedrouços, Paço de Arcos ou Caxias nos meses de Setembro e Outubro. Porém, a partir de 1870, o rei D. Luís decide romper com o costume, passando a gozar a sua temporada de praia em Cascais com a esposa D. Maria Pia e os filhos (Lopes, 2016, p. 353). À boleia desta mudança, vale a pena sublinhar a precoce mas duradoura relação que D. Luís estabeleceu com o mar, ao ser alistado aos sete anos de idade na Companhia dos Guardas-Marinhas. Dedicou boa parte da sua vida à marinha, merecendo inclusive a promoção a capitão-de-mar-e-guerra, apenas para abandonar as lides marítimas a tempo inteiro pouco depois, devido a uma ascensão inesperada ao trono em 1861 (Portugal, 1989). Em Cascais, a família real instalou-se na antiga casa do governador da cidadela - «Vieram operários, fizeram-se arranjos de salas, ampliaram-se e construíram-se outras, Mas, apesar disso, a casa ficou sempre modesta, pequena, reduzida em comodidade. Só em 1888 foi beneficiada com água canalizada, inteiramente destituída de aparato» (Colaço & Archer, 1999, p. 339). Durante a sua estadia, «D. Luís apreciava sobretudo a caça às rolas e aos pombos, a pesca e os passeios a cavalo» (Silveira & Fernandes, 2013, p. 69).

A chegada sazonal dos reis a Cascais tornou-se um momento festivo, em que toda a vila se preparava a rigor para receber os novos e ilustres residentes, como os próprios periódicos da época nos mostram:

Os bons e pacíficos cidadãos de Cascais fizeram uma esplêndida recepção a el-rei e à rainha, que, para fazerem uso de banhos de mar, chegaram àquela vila às seis e um quarto da tarde do dia 12. Desde o princípio da vila até à cidadela, as janelas estavam enfeitadas com bandeiras, globos, de vidro e vistosas colchas de damasco; as ruas achavam-se cobertas com areia e buxo (*Jornal do Comércio*, 15/09/1870, retirado de Sousa, 2003, p. 14).

Seguir-se-ia no trono D. Carlos, uma figura capaz de fortalecer a ligação da realeza com a vila de Cascais, desde 1889 até ao seu assassinato em 1908. Ainda em criança, foi salvo do afogamento certo por um faroleiro na praia do Mexilhoeiro, nas imediações da Boca do Inferno. Os dias de veraneio eram passados junto do seu irmão D. Afonso: «tomavam banho de mar cedo, e depois ficavam a brincar na areia, sozinhos ou na companhia dos filhos de algum dignatário da corte» (Ramos, 2006, p. 35).

Já no decurso do seu reinado, D. Carlos prolongou a estada balnear real em Cascais para quatro meses, fixando-se entre Agosto e Novembro na vila, embora a esposa D. Amélia preferisse Sintra, e muitas das vezes não o acompanhasse. No virar do século, Cascais já respirava outro fulgor e vivacidade em virtude da presença de uma personalidade activa, curiosa e dinâmica como D. Carlos, que não receava aproximar-se da comunidade:

Com D. Carlos, a Cidadela e a vila de Cascais ganharam nova vida graças, em larga medida, às muitas actividades sociais e recreativas em que participa o rei [...] Para além dos banhos de mar, que deliciavam inúmeros populares – D. Carlos era um exímio nadador -, o rei passava grande parte do tempo no tiro aos pombos, jogando ténis, nas gincanas de automóveis ou fotografando a paisagem e as gentes de Cascais, o que atraía muitos curiosos. Ocupava-se também, durante várias horas, com a pintura, retratando as paisagens de Cascais, para além do entusiasmo com a oceanografia, o que espelhava a paixão pelo mar herdada de seu pai e cultivada desde criança (Costa, 2011, p. 137).

D. Carlos acabaria mesmo por se revelar um dos precursores fundamentais do país no campo da oceanografia. Inspirado pelo Príncipe do Mónaco, com quem

trocou inúmera correspondência científica, reuniu uma equipa de especialistas, e partiu na primeira campanha oceanográfica nacional, a 11 de Setembro de 1896, a bordo do iate «Amélia». Para além de pioneira, esta campanha «permitiu começar o inventário da fauna de alguns dos biótipos mais característicos da baía de Cascais (fundos de areia e rochas), das zonas lodosas da costa e foz do Tejo, dos fundos de transição para a vasa do largo e, ainda, dos vales submarinos do Cabo Espichel» (Ruivo, 2014, p. 22). Aproveitou a especialização na temática para desenvolver um interesse específico por questões relacionadas com a pesca, e que influenciavam directamente a economia nacional. Credita-se igualmente a D. Carlos a autoria do primeiro inventário da fauna marinha das costas portuguesas, pelo que o seu contributo na área da oceanografia é inquestionável (Ruivo, 2014, p. 26).

### **1.3. MELHORAMENTOS DOS TRANSPORTES**

Se o surto da vilegiatura marítima e a presença da Corte em Cascais trouxeram uma visibilidade reforçada à vila a caminho do século XX, o que dizer dos beneficiamentos substanciais verificados no âmbito da mobilidade, com especial enfoque para as ligações rodoviária e ferroviária entre Cascais e Lisboa?

Os relatos e investigações existentes são elucidativos quanto a esta matéria, e atestam a dificuldade que representaria uma simples viagem de Lisboa a Cascais em meados do século XIX:

Para alcançar a Vila de Cascais, os lisboetas recorriam com frequência ao transporte marítimo, devido às péssimas ligações terrestres que desencorajavam os mais afoitos. Os incómodos do caminho contribuíam para o isolamento e pobreza do velho porto de mar, que vendia ao desbarato o seu casario, algumas vezes para recuperação dos materiais de construção (Vilarinho, 2008, p.123).

Mais uma vez, e reforçando a ideia explanada na abertura do capítulo sobre a decadência da vila, também os obstáculos estruturais à mobilidade eram reflexo de uma realidade nacional parca por definição. Veja-se que em 1852, contabilizavam-se apenas 218 quilómetros de estradas de macadame em Portugal (Viegas, 1940, p. 7), ou seja, vias pavimentadas ou calçetadas por meio de brita e saibro, posteriormente recalçadas com um cilindro (Silva, 1959, p. 342). A perda da soberania no Brasil, a defesa contra as invasões francesas, e uma guerra civil entre liberais e absolutistas, tudo isto em pouco menos de meio

século, relegou um eventual desenvolvimento da infraestrutur rodoviária nacional para segundo plano.

Porém, a criação do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria em 1852, no contexto da Regeneração, período político marcado por uma estratégia de investimento em busca de acompanhar o progresso verificado noutros países europeus, trouxe uma mudança de paradigma no que à mobilidade diz respeito. Esta novidade ministerial veio transferir as competências das estradas do Ministério do Reino, e traduziu-se num fomento rodoviário substancial, especialmente a partir de 1862, pela acção basilar do ministro Marquês de Loulé (Viegas, 1940, p. 13).

Em Cascais, enaltece-se o nome de Joaquim António Velez Barreiros, Visconde de Nossa Senhora da Luz, por ter assumido um papel fundamental no progresso da vila, ao fazer bom uso do seu cargo de Director Geral das Obras Públicas:

Começando a vir para Cascais no ano de 1862 e tomando grande amor à vila, também lhe coube a iniciativa das modernas construções, edificando em 1863 a sua linda casa no Alto da Bela Vista, na Aldeia Nova. O passeio da vila, obra do seu tempo, deveu-lhe grande impulso; e, finalmente, durante todo o tempo em que continuou a frequentar Cascais, sempre foi, apesar do grave padecimento que lhe consumia a vida, o mais desvelado amigo daquela terra (Barruncho, retirado de Andrade, 1990, p. 295).

Foi graças à sua influência decisiva que terminou com sucesso a reconstrução da estrada que ligava Cascais a Oeiras em 1864, outrora em péssimas condições, e um consequente estorvo à conexão a Lisboa. Para além de ter conseguido alocar os fundos necessários à concretização da obra, o Visconde da Luz agraciou a nova estrada com a plantação de dezenas de varas de pinho, pedidas à Câmara Municipal de Cascais (Viegas, 1940, p. 16).

Anos mais tarde, procedeu-se à renovação da estrada que ligava a vila a Sintra, em 1869, aspecto que terá contribuído indiscutivelmente para a anteriormente citada mudança da realza para Cascais em época de veraneio. Por último, convém deixar uma menção importante aos melhoramentos efectuados na estrada que unia Cascais à aldeia de Almoçageme, em 1878, e que vieram oferecer vantagens no acesso aos vinhos e pomares da região (Viegas, 1940, p. 19).

O progresso registado nas ligações entre Cascais e Lisboa fez disparar o tráfego entre ambas as localidades, e foi dissolvendo o isolamento outrora sintomático da vila. Desde a conclusão da renovada estrada até Oeiras em 1864, até ao

aparecimento da opção ferroviária em 1889, vários eram os carrões, diligências, carroças e burros que percorriam os caminhos recém-inaugurados:

De Lisboa a Cascais viajava-se então em três horas, de carruagem, se se dispunha duma parelha famosa, meio de transporte muito usado pelas famílias abastadas. O público em geral – o peão – ia de *char-à-bancs*, de diligência, de *omnibus*, em quatro horas, saindo as carripanas da praça do Município, onde se viam expostas as tabelas dos preços e se retiravam e recebiam encomendas. De carroça levavam-se oito horas a fazer o mesmo percurso – e um burro, em serviço de recovagens, passava o dia inteiro na viagem. Contudo não era raro que criado de casa rica viesse a Lisboa fazer compras bifurcado no lombo médio do jumento (Colaço & Archer, 1999, p. 22).

As primeiras notícias sobre o nascimento de uma linha férrea em Cascais surgiram em 1854, decorrentes da vontade de governantes e da população local, decididos a lutar para saírem da sombra de Sintra (Colaço & Archer, 1999, p. 21). Por esta altura, o caminho-de-ferro em território luso ainda se encontrava em fase de estudos, contratos de concessão e construção, estágio iniciado em 1844 com a fundação da Companhia das Obras Públicas de Portugal, e que colheu os primeiros frutos em 1856, após a inauguração do primeiro troço ferroviário do país, entre Lisboa e o Carregado (Portugal, 2019). No continente europeu, países precursores como o Reino Unido ou a França, procediam à circulação de passageiros por este meio de transporte desde a década de 1820, e à data do troço pioneiro em Portugal, todos os territórios do Velho Continente a Oeste da Prússia, inclusive, já tinham experienciado o começo do advento ferroviário (Commons.wikimedia.org, 2013).

Pesem embora as tentativas documentadas para avançar com o transporte ferroviário entre Cascais e Lisboa, chegando mesmo a verificar-se a existência de concessões em 1854 e em 1871, «estas concessões, porém, caducaram, em virtude dos concessionários não precederem aos respectivos trabalhos nos prazos determinados» (Pimentel, 1892, retirado de Miranda, 1990). Foi preciso esperar até 1887 para a Companhia Real dos Caminhos de Ferro levar a bom porto um requerimento de concessão. Dois anos mais tarde, nascia a primeira ligação ferroviária entre Lisboa e Cascais, estreada a 30 de Setembro de 1889, num percurso que na sua versão inicial terminava em Pedrouços. Seguiram-se trabalhos exaustivos no prolongamento da linha, que confluíram na inauguração de novas estações terminais em Alcântara (1892) e, finalmente, no Cais do Sodré (1895) (Miranda, 1990).

ANO	NÚMERO TOTAL DE PASSAGEIROS
1890	615.592
1900	2.302.790
1910	2.016.522

**Tabela 3** – Evolução do número de passageiros da Linha de Cascais entre 1890 e 1910. (Fonte: Viegas, 1940, p. 22).

Fruto da sua rapidez e comodidade, «o comboio de Cascais, contudo, caiu em cheio no agrado do lisboeta» (Colaço & Archer, 1999, p. 35). Quer fosse para gozar as temporadas de veraneio, desfrutar de banhos do mar mais ou menos terapêuticos, espreitar os membros da realeza, ambicionar a convivência com grupos sociais elitistas, ou qualquer outra motivação, viajar de comboio até Cascais tornou-se uma prática cada vez mais popular. Consequentemente, este dinamismo e esta pujança conquistados pela vila nas vésperas do século XX deram origem a mutações urbanísticas e arquitectónicas importantes, que determinaram novas formas de experienciar o espaço e geraram novas representações de Cascais.

#### 1.4. ESPAÇOS, PRÁTICAS SOCIAIS E ARQUITECTURA

Frequentar as praias não era ocupação suficiente para a família real, e muito menos para a elite lisboeta que foi estabelecendo Cascais como local privilegiado de veraneio. Dessa forma, estes grupos procuraram replicar vários dos hábitos e espaços sociais característicos dos centros urbanos. Nasceu o Teatro Gil Vicente (1869), sala de espectáculos que convenceu o rei D. Luís a mudar os seus planos de veraneio para Cascais, e cuja dinâmica terá sido propulsora dominante do surto associativista que se seguiria na vila (Henriques, 2015). Em 1873 chegou o já extinto Casino da Praia, junto da Praia dos Pescadores, espaço notabilizado pela sua elegância e por organizar festas deslumbrantes (Cascais.pt, 2012). Seguiu-se o Sporting Club de Cascais (1879), sediado nos terrenos do Jardim da Parada, que viu o nascer do dia pela acção do ainda príncipe D. Carlos. Tratava-se de uma agremiação desportiva e cultural restrita, responsável por dar-nos a conhecer o críquete, impulsionar a prática do ténis, e por introduzir o futebol em Portugal, sendo que estas duas últimas modalidades deveram-se ao pioneirismo dos irmãos Pinto Basto (Câmara Municipal de Cascais, 2004). Decorrente do conhecido enamoramento do rei D. Carlos pelo mar, haveria de nascer também a Real Associação Naval, entidade que assegurava a organização e promoção de diversas regatas pela baía de

Cascais. Todas estas adições ofereceram um novo cenário visual à vila, fazendo desaparecer o aspecto decrépito de outrora:

Em breve, num espectáculo de inextinguível beleza, cruzar-se-iam na extensa baía, os barcos multicores de faina diária da pesca e as pequenas embarcações de recreio, os luxuosos iates. De quando em quando, a baía transforma-se num esplendoroso ancoradouro das grandes frotas navais. Cascais internacionaliza-se. O seu porto começou a ser conhecido e incluído na rota e manobra dos principais vasos de guerra (Andrade, 1969, p. 60).

A entrada massiva de residentes, ainda que temporários na sua maioria, numa pequena localidade com problemas demográficos, onde se chegaram a demolir casas para vender os materiais, provocou um aumento significativo das encomendas privadas para construção. Os recém-chegados veraneantes, cientes do seu estatuto privilegiado, desejavam uma casa que se distinguisse das demais, e que simbolizasse o veraneio. Coincidentemente, o eclectismo arquitectónico que se havia começado a manifestar por toda a Europa desde meados do século XIX ia ao encontro das vontades elitistas: «um eclectismo segundo que, cansado dos compêndios neoclássicos, foi procurar inspiração na espessura do passado, no gótico, no árabe, no românico, mas também nas expressões tradicionais de diversos regionalismos» (Silva, 1988, p. 62-63). No caso português em geral, e cascalense em particular, muito do que se mandou construir teve como principal fonte de inspiração o Palácio da Pena, pela valorização do maravilhoso sobre a habitabilidade, algo que servia perfeitamente as pretensões de uma residência distintiva de veraneio (Silva, 1988, p. 63). Nos primórdios da arquitectura de veraneio em Cascais, podem ser identificados dois modelos dominantes: os palácios historicistas e os *chalets* rústicos (Silva, 2010, p. 15-16). Este «desejo de diferenciação, que alguns lhe criticam, considerando o sinal de «novo-riquismo», foi uma espécie de agulhão para o desenvolvimento social, cultural e artístico e, sem dúvida, para a elaboração da imagem de Cascais como nosso património colectivo» (Silva, 2010, p. 23).

Em menos de meio século, a vila de Cascais melhorou a acessibilidade com os centros urbanos fronteiriços, tornou-se a estância balnear favorita da realeza e da elite lisboeta, criou novos espaços de sociabilidade, e viu nascer um património arquitectónico de valor inquestionável - «Desde meados de Setembro até ao fim da estação, Cascais torna-se o centro mais completo, o mais fino extracto da vida elegante em Portugal» (Sousa, 2003, p. 88). Os augúrios eram positivos à entrada do século XX, e pouco tardou até à consagração de Cascais enquanto destino turístico.

## **2. A AFIRMAÇÃO DO EIXO COSTEIRO CASCAIS-ESTORIL**

### **2.1. A ACÇÃO DECISIVA DE MENDONÇA E COSTA E DE FAUSTO DE FIGUEIREDO**

O ritmo crescente de veraneantes em Cascais veio oferecer um novo cenário à histórica vila, e estimulou uma série de melhorias estruturais no virar do século XIX, para além da erupção de hotéis, restaurantes e bares. Por esta altura, tanto os órgãos de poder municipais como os próprios residentes começam a reconhecer a importância decisiva do turismo para o desenvolvimento urbanístico local. Se inicialmente tinham sido os forasteiros a contribuir para a criação de novos espaços de sociabilidade e para gerar património arquitectónico diferenciado, chegaria a vez de os cascalenses identificarem necessidades elementares essenciais, que permitissem agradar veraneantes elitistas e exigentes:

Verifica-se então uma crescente preocupação dos munícipes em dotar o concelho de sistemas eficientes de saneamento, higiene, limpeza, iluminação, conservação e construção de vias públicas, bem como em obter abastecimento de água e alimentos de qualidade, para além de melhoramentos urbanísticos e segurança, sendo comum a invocação da opinião dos visitantes que consciente ou inconscientemente regem a vivência do litoral concelhio (Henriques, 2000, p. 151).

Em consonância com esta preocupação local, nasceria a Sociedade Propaganda de Portugal a 28 de Fevereiro de 1906, uma associação que viria beneficiar largamente o turismo nacional, com incontestáveis dividendos para Cascais. Na origem deste movimento basilar da história do turismo luso esteve Leonildo de Mendonça e Costa, funcionário da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, e fundador da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* (1888), «jornal dedicado ao transporte ferroviário, mas também às preocupações de desenvolvimento económico de que aquele fazia parte e onde se integravam os restantes melhoramentos materiais e a actividade industrial» (Cerdeira, 2019, p. 45). O seu cargo conferia-lhe a possibilidade privilegiada de viajar um pouco por todo o mundo, e Mendonça e Costa procurou sempre trazer para o seu país a inovação que encontrava no estrangeiro. Aliás, a ideia da criação da Sociedade Propaganda de Portugal surgiu inclusivamente numa dessas viagens, quando num comboio entre Barcelona e Madrid, «encontrou um álbum com vistas e descrições das cidades austríacas» (Cerdeira, 2019, p. 55).

Mendonça e Costa enviou uma carta ao director do *Diário de Notícias*, Alfredo da Cunha, em 1899, a requerer apoio para o seu plano, sem sucesso. No

entanto, quando o jornal decide publicar essa mesma carta em Janeiro de 1906, consegue despertar o interesse de diversa iniciativa privada, e um mês depois, na sede da Liga Naval Portuguesa, formou-se oficialmente a Sociedade Propaganda de Portugal. Na sessão inaugural, o elemento fundador anunciava os propósitos centrais desta nova associação: «fazer a propaganda do nosso país, promover nele os melhoramentos necessários para o tornar visitável por estrangeiros e desenvolver o gosto pelo excursionismo em Portugal» (*Boletim da SPP*, 1907, retirado de Cerdeira, 2019, p. 68). No ano seguinte, seriam publicados os estatutos, cujas linhas orientadoras se mantiveram inalteradas:

Edificada sobre a noção clara de que o turismo poderia emergir enquanto motor de desenvolvimento nacional, a SPP definiu como princípios operativos fundamentais os melhoramentos e a propaganda, sendo a sua conjugação – a concretização da modernidade – que conduziria ao progresso nacional. Os dois factores, melhoramentos e propaganda, eram indispensáveis para a criação de um Portugal turístico para portugueses e estrangeiros: um não serviria sem o outro, o que revelava uma compreensão da articulação de elementos que caracteriza o turismo moderno (transportes, hotéis, termas, publicidade) e do papel das associações de turismo enquanto peças organizadoras de todo o jogo turístico (Cerdeira, 2019, p. 193-194).

Focando-nos no princípio da propaganda, responsável por inspirar a acção pioneira de Mendonça e Costa, é imperioso destacar o trabalho realizado pela Sociedade Propaganda de Portugal na produção incansável de material de divulgação turística nacional, em diversos idiomas. O próprio Mendonça e Costa assinaria o *Manual do Viajante em Portugal* (1907), obra determinante e precursora no mapeamento de excursões, numa altura em que apenas a literatura de viagens de autores como Ramalho Ortigão ou Alberto Pimentel piscavam o olho a potenciais excursionistas (Matos, 2000, p. 40).

Ao mesmo tempo que se assistia a um esforço concertado para fazer evoluir o turismo no âmbito nacional, este sector de negócio ainda recente registava fortes avanços na localidade de Cascais, pese embora a existência uma conjuntura por vezes pouco favorável ao investimento. O regicídio de D. Carlos em Fevereiro de 1908 representou um duro golpe emocional para uma vila que se orgulhava de ter acolhido a família real, e agora, durante o período que era habitualmente de veraneio, «um silêncio tétrico, pressago, pairava sobre a vila» (Andrade, 1990, p. 408). Valeu a chegada de Fausto de Figueiredo a Cascais, em vésperas da Implantação da República, para recuperar o ânimo local, através da sua atestada visão e tenacidade.

Embora não fosse originário da vila de Cascais, Fausto de Figueiredo ficará para sempre ligado à história do desenvolvimento turístico da região, sobretudo no que ao Estoril concerne. Nasceu a 17 de Setembro de 1880, na freguesia de Baraçal, concelho de Celorico da Beira, mas mudou-se para Lisboa ainda em criança, onde terminou o Curso de Farmácia. O seu percurso tem alguns pontos de contacto com o acima referido Mendonça e Costa, na medida em que fez parte da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, desta feita na condição de administrador, e foi através das viagens pelas principais cidades europeias que reconheceu o potencial de negócio do turismo.

Mudou-se para o Estoril em Maio de 1910 e três anos mais tarde comprou com o seu cunhado Augusto Carreira de Sousa as vizinhas Quinta do Viana, Quinta do Machado e do Caldas, estabelecendo a firma Sociedade Figueiredo e Sousa, Limitada. (Baraona, 1995, p. 141-143). A Quinta do Viana, propriedade dotada de um extenso pinheiral costeiro, e que já havia acolhido um convento, seria o local escolhido por Fausto de Figueiredo para construir uma nova estância balnear. O empresário português deslocou-se até Paris para encomendar a Henri Martinet, arquitecto paisagístico responsável pelos principais jardins franceses de então, o desenho do seu ambicioso projecto (Andrade, 1990, p. 420).

Em Maio de 1914, a publicação do folheto *Estoril – Estação Marítima, Climatérica, Termal e Sportiva*, deu a conhecer os detalhes da sua idealização, que incluíam duas novas unidades hoteleiras, um renovado estabelecimento termal, um campo de golfe e um casino, tudo isto junto da estação ferroviária do Estoril, enobrecida com uma entrada e um parque majestosos. No referido folheto podíamos ler o seguinte:

O Estoril é como uma mulher prodigiosamente bela a quem só falta o artifício das convenções estéticas da moda para enlouquecer e seduzir os homens. No dia em que se tiver transformado neste sentido, ficará consumada em Portugal a mais surpreendente criação do nosso tempo: teremos enfim, no nosso país, quase no ponto mais ocidental da Europa, o *rendez-vous* do turismo universal, o centro de onde se poderá irradiar para todo o território da República afim de conhecer melhor os nossos monumentos artísticos, históricos e naturais, que serão por esta forma objecto da mais completa vulgarização (Figueiredo & Sousa, 1914, retirado de Matos, 2000, p. 48).

Apesar dos constrangimentos decorrentes do estalar da Primeira Grande Guerra, Fausto de Figueiredo manteve a sua postura determinada e não desistiu de materializar a tão desejada obra. Fundou a Sociedade Estoril novamente com

o cunhado em 1915, e retomou os trabalhos em 1916. Desta feita sob a orientação do arquitecto Silva Júnior, responsável por dar continuidade ao trabalho de Martinet, que entretanto abandonara a Sociedade. Para além deste projecto de enorme envergadura, também devem ser creditados à iniciativa de Fausto de Figueiredo o monumento edificado em homenagem ao Regimento de Infantaria 19, e a inauguração da primeira via-férrea electrificada do país, a 15 de Agosto de 1926, após ter assumido a concessão da linha Cascais-Lisboa (Bonvalot, 2002, p. 95-96).

## 2.2. PERÍODO ÁUREO DE RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

À medida que a zona do Estoril vai sendo alvo de melhorias estruturais sucessivas ao longo da década de 1920, o seu nome surge cada vez mais nos circuitos balneares europeus, destacando-se pelo clima privilegiado no Inverno, comparativamente aos destinos concorrentes:

As belas edificações da Sociedade do Estoril, os vastos jardins ao centro, e o aro dos pinhais do Parque, oferecem um conjunto de rara e magnificente beleza [...] As suas condições climatéricas não têm rival na Europa. As temperaturas médias dos períodos hibernais são de onze graus e meio, enquanto que em Biarritz são de menos de sete, em Nice de menos de oito, em Hyères, em Arcachon, em Menton de menos de nove, em Nápoles, Cannes e Mónaco de menos de dez. A variação diurna é somente de cinco graus. E pode dizer-se que não há nevoeiros. Fausto de Figueiredo, ao lançar, há quinze anos, os fundamentos desta obra, decidiu ao futuro dos Estoris, que não poderiam triunfar somente pelo prestígio do mar azul, do céu azul, tudo confiando de satíricas esperanças... (Oliveira, 1929, p. 375-376).

Raúl Proença, no seu exaustivo *Guia de Portugal* (1924), partilhava da mesma opinião: «No Inverno, diante deste mar tão cariciosamente azul, sob a abóbada doce e cetínea do céu, com os campos ainda matizados e floridos e o ar impregnado dum perfume tépido, o Monte Estoril conserva o encanto voluptuoso das primaveras inextinguíveis» (Proença, 1924, p. 617).

O coroar do arrojado empreendimento projectado por Fausto de Figueiredo deu-se no arranque da década de 1930, com a cerimónia de inauguração oficial do Hotel Palácio do Estoril, a 30 de Agosto. Terá sido «um dos mais importantes acontecimentos sociais do Verão de 1930» (Matos, 2000, p. 70), que contou com a prestigiante presença do General Óscar Carmona. O então Presidente da

República aproveitou a ocasião para agraciar Fausto de Figueiredo com a Grã-cruz da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial, e não tardou muito até publicar um artigo elogioso no *Diário de Lisboa*, onde atestava categoricamente a valia do Hotel Palácio do Estoril: «Visitem Portugal, porque além das suas incomparáveis belezas naturais, ele proporcionar-vos-á uma hospedagem confortável e não inferior ao que recebeis nos melhores «Palaces» do mundo» (Carmona, 1930). Todos os convidados, jornalistas e hóspedes declaravam-se maravilhados com a qualidade desta nova unidade hoteleira (Anjos, 2012, p. 75). Adicionalmente, o Verão de 1930 ficaria marcado por uma outra significativa melhoria impulsionada pela Sociedade Estoril de Fausto de Figueiredo. Na qualidade de entidade gestora da linha de Cascais, conseguira estender a circulação do *Sud-Express* até à estação do Estoril. A linha que ligava Paris a Lisboa, com passagem por Madrid, passaria a ter como terminal o Estoril, defronte da recém-inaugurada obra:

Para Fausto de Figueiredo o comboio fazia parte do seu projecto de transformar o Estoril num empório turístico total. Para que nada faltasse lembrou-se que os turistas poderiam vir aqui de comboio desde os seus lugares de origem. Tão directamente que não tinham que dar um passo. Chegavam à estação do Estoril no SUD-EXPRESS que saía de Paris, vinha um carro recolhê-los e levava-os até ao hotel. Não tinham de andar nem sequer os cem ou cento e cinquenta metros que vão da estação do Estoril até ao Palácio ou ao Hotel do Parque (Gurriarán, 1939, retirado da página *online* «Real Villa de Cascais»).

A germinação de hotéis elegantes e de ligações ferroviárias directas com importantes capitais europeias, aliada à concessão da prática legal do jogo em Dezembro de 1927, fez do Estoril um destino turístico aliciante do ponto de vista internacional (Guimarães & Valdemar, 2001, p. 138), tendo vivenciado um período especialmente áureo no decorrer da década de 1930. Estávamos assim perante a consagração daquela que ficaria conhecida por Costa do Sol, uma «nova área de turismo de Lisboa, cujas potencialidades lhe permitiram atrair um excursionismo cosmopolita e transformar-se num dos mais ambicionados locais de residência para nacionais e estrangeiros» (Henriques, 2008, p. 287).

Convém notar ainda que, no capítulo dos costumes, toda esta afluência internacional veio conferir ao Estoril uma aura progressista, em contraponto com o restante país, toldado por práticas moralmente castradoras impostas pelo regime salazarista. Desde a evolução das tendências dos fatos de banho femininos, até à mudança de paradigma no que diz respeito ao bronzado, que passou a ser visto com bons olhos, as praias do Estoril assumiram-se como uma

espécie de microclima dos costumes, capaz de bloquear condições externas nefastas:

Na década de Trinta, no seio de uma sociedade tradicionalmente conservadora e de um regime que tinha no seu programa a regeneração moral e física do seu povo, alguns sítios houve em que o tempo passado à beira-mar na costa portuguesa foi transformado numa estação de lazer caracterizada por uma inesperada liberdade, sobretudo quando associada às férias de Verão (Pacheco, 2007, p. 27).



**Figura 2** – Postal comemorativo do Grande Hotel Itália, com a ilustração da Praia do Monte Estoril (1932). (Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal).

### 2.3. A INFLUÊNCIA DE CONFLITOS ARMADOS ESTRANGEIROS

A estância balnear do Estoril afigurava-se imparável no circuito turístico internacional, pelo menos até finais da década de 1930, período que trouxe novos desafios, desencadeados por conflitos armados vizinhos. Durante a Guerra Civil Espanhola, travada entre 1936 e 1939, Portugal assumiria uma posição oficial de neutralidade face à contenda, embora as suas ações evidenciassem um claro apoio à facção Franquista. Salazar chegaria mesmo a enviar soldados lusitanos para combater, e o Estoril servia muitas vezes de retaguarda e/ou base de operações para militares espanhóis. Esta dualidade

acabaria por afectar negativamente a imagem do Estoril enquanto destino turístico aos olhos da opinião internacional (Anjos, 2012, p. 284-285).

Seguir-se-ia novo conflito, desta feita de proporções infinitamente superiores, e dada a neutralidade portuguesa na Segunda Guerra Mundial, juntamente com a sua posição geográfica extremada a Ocidente, Cascais começou a receber uma série infindável de turistas involuntários. Diplomatas, executivos, comerciantes, artistas, ou desempregados, todos eles corriam em direcção ao oceano, na tentativa de escapar à perseguição política e racista de que eram alvo numa Europa dominada por Hitler. Enquanto esperavam por uma solução vinda de Lisboa que os levasse ao outro lado do Atlântico, muitos foram aqueles que aproveitaram as potencialidades do Estoril, abstraindo-se por momentos dos motivos que os trouxeram até ali, como nos conta Cristina Pacheco:

Em Cascais esperava-se, trocavam-se contactos, negociava-se, desenvolviam-se intrigas de variada espécie, fixavam residência os mais variados tipos de pessoas. Mas sobretudo esperava-se pelos resultados das diligências em Lisboa, pela partida do transporte de ligação cujas carreiras tinham sido drasticamente diminuídas pela guerra. [...] Enquanto isso, jogava-se no Casino do Estoril, frequentavam-se as esplanadas do Tamariz, a praia, se o tempo o permitisse, e desfrutavam-se as múltiplas actividades de lazer (Pacheco, 2004, p. 71).

Entre as figuras ilustres que se refugiaram temporariamente em Cascais estão os escritores Stefan Zweig e Antoine de Saint-Exupéry, os duques de Windsor, o barão de Rotschild, o realizador Herbert Wilcox e a actriz Anna Neagle (Matos, 2000, p. 88), só para referenciar alguns.

Com o findar da Segunda Grande Guerra, outro tipo de personalidades proeminentes começou a instalar-se em Cascais, nomeadamente, realza europeia que havia perdido o reconhecimento no seu país, ou que virara alvo de perseguição impiedosa como consequência do desfecho do conflito mundial. Reis sem reino, como apelida Helena Matos (Matos, 2014, p. 179). A revista norte-americana *Life* chegaria inclusive a escrever uma reportagem sobre o assunto, descrevendo Cascais como a «Morgue Real da Europa», por conter mais realza exilada por metro quadrado do que qualquer outro lugar no mundo. Por lá poderíamos encontrar Humberto II de Itália, destronado com o fim da monarquia italiana, Carol da Roménia, forçado a abdicar do trono, ou mesmo o conde de Barcelona em fuga do regime ditatorial de Franco, entre tantas outras figuras pertencentes a uma realza de prestígio e estatuto decadentes.

Cascais não perderia a dinâmica internacional que conquistara com a iniciativa visionária do empreendedor Fausto de Figueiredo, embora essa mesma influência externa tenha sofrido manifestas mutações na sua forma. Manteve-se, contudo, reservada a uma elite da sociedade europeia, primeiro como destino turístico privilegiado, depois como sala de espera para refugiados de guerra em trânsito, e finalmente, enquanto espaço de exílio da realeza europeia proscrita.

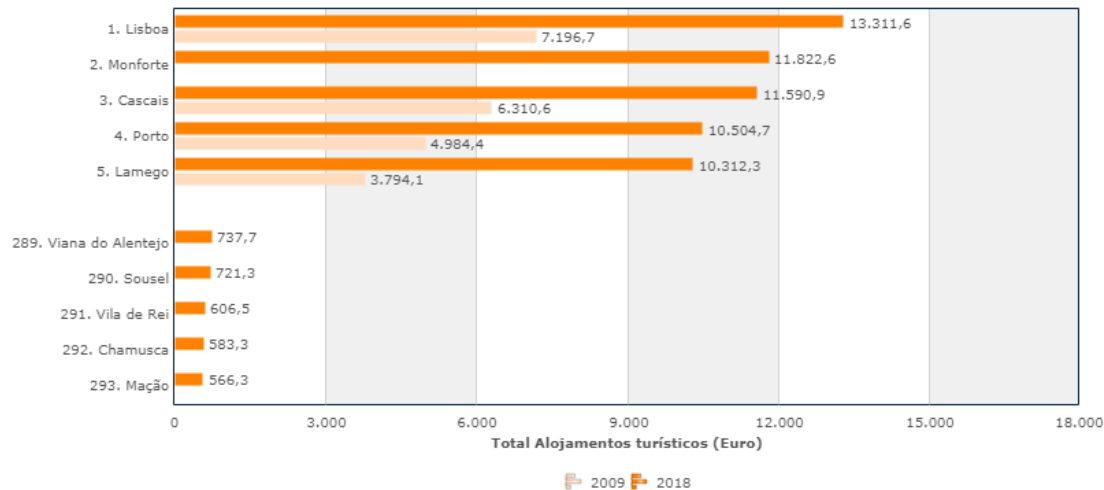
### 3. BREVE RETRATO NA ACTUALIDADE

Depois de aprofundar as raízes do turismo cascalense e de enquadrar o período áureo do sector na década de 1930, faz sentido dedicar alguns parágrafos à actualidade, não obstante as dificuldades que acarreta uma reflexão sobre o presente em constante mutação. De modo a traçar um retrato possível de Cascais no que ao turismo diz respeito, a opção metodológica recaiu no recurso ao seguinte trio de fontes de informação: guias turísticos com o termo «Cascais» no título publicados nos últimos cinco anos, passíveis de serem consultados na Biblioteca Nacional de Portugal; estatísticas, gráficos e indicadores municipais da PORDATA – Base de Dados do Portugal Contemporâneo, na categoria de turismo; entrevista realizada ao vice-presidente da Câmara Municipal de Cascais, e responsável pela área do Turismo e Desenvolvimento Económico do município, Miguel Pinto Luz. Quanto a esta última fonte, foram enviadas perguntas por *e-mail* ao próprio, e dada a ausência de respostas, recorreu-se a uma entrevista concedida pelo vice-presidente à *Publituris*, publicação especializada em turismo, disponibilizada online a 1 de Outubro de 2019.

Começando por analisar as representações de Cascais nos principais guias turísticos, podemos verificar de imediato que não existem obras do género a debruçar-se exclusivamente sobre Cascais. A vila surge invariavelmente como um destino complementar nos guias sobre Lisboa, tal como Sintra, ou até Mafra. Em *Best of Lisboa: Cascais, Sintra, Oeiras: apenas o melhor* (2016), Cascais é descrito da seguinte forma: «os velhos guias resumem Cascais a uma vila de pescadores que em vez de peixe passou a pescar turistas. Mas o lugar que alto e bom som anuncia o oceano tem muito para dar a quem o visita e o maior dos prémios a quem decida lá viver. E tornou-se o isco de si própria» (Reis, 2016, p. 49). Já o guia *Lisboa, Cascais, Estoril, Sintra: novo livro turístico* (2016) considera Cascais «uma das mais bonitas e elegantes estâncias de férias de Portugal. Está rodeada por pequenas praias de sonho decoradas de palacetes aristocráticos, marinas de luxo, ruas e pequenas praças com algumas esplanadas e restaurantes, museus de grandes artistas quase tudo à volta da típica Praia dos Pescadores e da Cidadela de Cascais» (Silva, 2016, p. 90). Em *Lisboa wait for me: Mafra, Sintra, Cascais: guia turístico* (2017), Cascais «desenha-se numa paisagem exuberante, recortada entre a imensidão do mar e

a ondulação da serra, pontuada por palacetes» (Fonseca, Rodrigues & Fonseca, 2017, p. 150). Entre os principais pontos de interesse indicados pelos guias turísticos consultados, identificam-se o Farol Museu de Santa Marta, a Casa das Histórias Paula Rego e a Boca do Inferno, sem esquecer as afamadas praias da região.

Ao consultar os dados mais recentes disponibilizados pela PORDATA, referentes ao ano de 2018, existe um parâmetro em que Cascais se destaca a nível nacional. O município surge na terceira posição, apenas superado por Lisboa e Monforte, nos proveitos de aposento por capacidade de alojamento (Figura 3), o que significa que Cascais consegue garantir um aproveitamento económico notável das infraestruturas de alojamento à sua disposição. Reúne um total de 82 alojamentos turísticos (12º a nível nacional), 3791 quartos (10º) e 8576 camas (10º), arrecadando 98 708 euros em receitas (7º). Vale a pena igualmente sublinhar que Cascais é o oitavo município português no que concerne ao volume de dormidas (1 564 139) e de hóspedes (553 723), também em 2018. Por outro lado, apresenta uma reduzida proporção de dormidas nos alojamentos turísticos entre os meses de Julho e Setembro (167º colocado em 293 municípios considerados), indicador que atesta uma menor dependência da sazonalidade por comparação com outros municípios.



**Figura 3** – Proveitos de aposento por capacidade de alojamento: total e por tipo de estabelecimento, em 2018. (Fonte: INE / PORDATA).

De forma a acompanhar a tendência de crescimento verificada, a capacidade de alojamento encontra-se prestes a ser reforçada, segundo as palavras de Miguel Pinto Luz, vice-presidente da Câmara Municipal de Cascais, e responsável pela área do Turismo e Desenvolvimento Económico do município. Em entrevista à *Publituris*, dá conta de um aumento na ordem das 1200/1300 camas nos

próximos dois a três anos, números substanciais que representam 15% da actual oferta disponível.

Sobre o actual momento do turismo no concelho, Miguel Pinto Luz explica o seguinte:

Cascais tem estado em linha com o país, com a diferença de que há uns anos o país caiu e Cascais não. Esteve sempre a crescer. Depois, quando o país recuperou, Cascais também continuou a sua tendência de crescimento. Este destino tem um crescimento que pode ser avaliado de duas formas: através do aumento de camas disponíveis. Nessa matéria, temos vindo a inaugurar hotéis sucessivamente e temos cinco hotéis em fase de licenciamento, todos cinco estrelas para os próximos anos. Ou seja, continuamos com esse posicionamento 'premium' de quatro e cinco estrelas, 85% da nossa oferta hoteleira está concentrada nessas classificações (Monteiro, 2019).

No entanto, qualquer crescimento no sector do turismo acarreta novos desafios no que diz respeito à sustentabilidade, desafios esses que estão a ser considerados pelas entidades municipais:

A nossa prioridade é fazer de Cascais o sítio ideal para viver. O Turismo é uma externalidade positiva. Um exemplo cabal em que o nosso posicionamento foi completamente diferente do de Lisboa foram os tuk tuks. Não se vê um tuk tuk em Cascais, porque proibimos. Lisboa não tem nada a ver com tuk tuks e penso que não adiciona nada à qualidade do destino. Não temos pressão nenhuma, temos é uma visão estratégica muito clara e não fugimos a essa visão estratégica. Essa visão consiste em manter o carácter genuíno desta terra e das nossas gentes e uma capacidade de saber receber bem acima da média. Depois, a estratégia é termos tudo bem cuidado, bem arranjado para saber receber, mas genuínos, não é com artificialismos que não são portugueses que iremos construir um potencial de crescimento de futuros visitantes. Os turistas procuram hoje a experiência e o carácter genuíno dos destinos. Lutamos todos os dias com os nossos hotéis e restaurantes, com os serviços da câmara e com os cascalenses para ter um carácter autêntico.

(Entrevista completa disponível em: <https://www.publituris.pt/2019/10/01/e-tudo-barato-em-portugal-temos-de-deixar-de-ser-o-pais-do-baratinho-e-ser-o-pais-da-qualidade/> [Consultado a 18 Out. 2019]).

**PARTE III:**  
**CASCAIS ENQUANTO DESTINO LITERÁRIO**

Tendo em consideração que o turismo literário se perfila como uma variante do turismo cultural, torna-se pertinente ressaltar a capacidade evidenciada pelo concelho de Cascais ao longo dos anos de atrair criadores culturais:

os escritores, artistas e executantes e os profissionais intermédios da criação artística residentes no concelho [...] constituem contingentes relativamente importantes e em crescimento, reforçando assim a imagem de um concelho com uma população com índices de qualificação acima da média nacional (Santos, Lima & Neves, 2005, p. 319).

Assim sendo, reúnem-se condições privilegiadas para o fortalecimento da imagem de Cascais enquanto destino marcadamente literário, ficando as entidades municipais responsáveis pela sua rentabilização, através da implementação de políticas quantitativas e diversificadas no domínio da cultura. Até porque esta «está a deixar de ser um mero ornamento da política para se transformar num segmento autónomo e nevrálgico do crescimento das sociedades, de fortalecimento das suas identidades e de harmonia entre os cidadãos e os espaços que povoam e animam» (Letria, 2000, p. 32).

Cascais consegue agregar um património literário centenário de valor inestimável. O escritor local Júlio Conrado assumiu um papel de destaque na recolha deste património concelhio, inicialmente no jornal regional *A Zona*, com a publicação regular da rubrica *A nossa terra na literatura contemporânea*, durante o ano de 1990. Mais tarde publicaria o livro *Lugares de Cascais na Literatura* (1995), que mereceu uma nova edição revista e aumentada em 2001, onde o autor partilha uma antologia exaustiva de textos com menção a Cascais. Ao apresentar-nos este trabalho, Júlio Conrado identifica representações dominantes de Cascais na literatura, relacionadas invariavelmente com o imaginário do prazer efémero associado à vila:

A mera alusão ao Estoril ou a Cascais implica uma ideia de feliz mobilidade: são sítios onde se vem jantar, jogar, amar, acertar negócios, passar férias. [...] O mito de uma «Linha» frívola repercute, de maneira geral, na literatura daqueles que a tomam por palco onde se movem as suas personagens, quase sempre pertencentes à tribo invasora que com novos feitos lhe acrescenta a lenda pueril (Conrado, 1995, p. 9).

Porém, existem certos casos que não acompanham a narrativa habitual. Os principais exemplos contrários a esta imagem predominante pertencem aos escritores Augusto Abelaira e a Mário Dionísio, que substituíram a alegria e luz

habituais do território pelo elogio do cinzento. Tanto a personagem do romance *Enseada Amena* (1966), de Augusto Abelaira, como o próprio Mário Dionísio no diário *Passageiro Clandestino* (1964), escolhem Cascais como refúgio para trabalhar, e nunca numa perspectiva de lazer. Atente-se ao seguinte trecho de *Passageiro Clandestino*:

Sete horas da manhã. Último dia de Cascais. E novamente a chuva. Mas a praia está linda, meio submersa num tom de pérola fosca. Qual convite à viagem! Apetece é ficar. À volta dos barcos andam homens de amplas capas de borracha com capuzes. Amarelas, verdes, pretas e azuis: a indústria das tintas que progride (Dionísio, retirado de Conrado, 1995, p. 288).

## **1. GIL VICENTE, GÓIS, CAMÕES, GARRETT E AS PRIMEIRAS REFERÊNCIAS A CASCAIS**

É possível descortinar vestígios importantes de Cascais na literatura originários do século XVI, a começar por Gil Vicente, figura ímpar da história do teatro nacional. Existem referências a Cascais em três das suas peças (*Triunfo do Inferno*, *Farsa de Inês Pereira*, *Cortes de Júpiter*), e ainda hoje o dramaturgo dá nome ao imponente teatro de Cascais. Na farsa *Triunfo do Inferno* (1529), uma das personagens declama o seguinte trecho: «pelas moscas diligentes, / emparo de gafanhões, / remédio pera rascões / que dormem sempre chameante, / e furtam nesses favões, / e mantem-se polas vinhas, / que não puseram seus pais: / e quanto às comarinhas, / sem elas vive Cascais» (Vicente, retirado de Andrade, 1990, p. 88).

Também Damião de Góis, historiador proeminente da época, publicou a obra *Lisboa de Quinhentos* (1554), dedicada à capital portuguesa, mas com espaço para algumas linhas sobre a costa cascalense:

Mais para dentro, a pequena distância, no extremo da abertura do estuário de Lisboa, assenta sobre cachopos uma ermida, dedicada a Nossa Senhora, chamada da Guia. À noite, acendem ali uns fachos para indicar o trajecto aos mareantes, não seja o caso que estes, por não lobrigarem a passagem, arremessem, contra vontade, as naus para os baixios e rochedos. Costeando dali para o interior, na direcção do norte, dá-se com a fortaleza de Cascais, onde as naus de carga, ancoradas em porto amplo e seguro, esperam a maré e a monção (Góis, 2003, p. 43).

Seguiu-se Luís Vaz de Camões, nome maior da literatura lusófona, com um epigrama que conta um episódio infeliz que envolve D. António de Castro, 4º Conde de Monsanto. O fidalgo pedira ao poeta um breve conjunto de versos, em troca de seis galinhas. Na altura do pagamento, D. António de Castro apenas entregou meia galinha, situação que inspirou Camões a escrever o seguinte epigrama: «Cinco galinhas e meia / Deve o Senhor de Cascais; / E a meia vinha cheia / De apetite para as mais» (Camões, retirado de Andrade, 1990, p. 105).

Três séculos depois, outro escritor incontornável da literatura nacional, Almeida Garrett, virou as suas atenções para Cascais. Embora inicialmente seguisse a tendência generalizada de viajar até ao Ribatejo, como o seu livro *Viagens na minha terra* (1846) atesta, uma questão de amor incurável arrastou-o para novas paragens. Conheceu num baile Rosa de Montufar Infante, esposa do amigo e Visconde da Luz, o oficial do exército Joaquim António Velez Barreiros, individualidade fundamental no progresso da vila em meados do século XIX. A Viscondessa da Luz era natural de Cádiz, e dezasseis anos mais nova do que Garrett. Os dois começaram a trocar inúmeras cartas, e a encontrar-se furtivamente em locais entre Oeiras e Cascais. Essa correspondência encontra-se devidamente trabalhada e contextualizada por Sérgio Nazar David, na obra *Cartas de Amor à Viscondessa da Luz* (2007). Um ano antes do seu falecimento, Garrett publica *Folhas Caídas* (1853), livro de poemas que contém variadíssimas referências mais ou menos ocultas à Viscondessa da Luz. As palavras «rosa» e «luz» surgem por diversas vezes ao longo da obra, e embora a edição inaugural da obra tivesse surgido sem indicação do autor, rapidamente se chegou a Garrett. O reconhecido génio era indisfarçável. Um desses poemas intitula-se «Cascais», do qual seguem os primeiros versos: «Acabava ali a terra / Nos derradeiros rochedos / A deserta árida serra / Por entre negros penedos / Só deixa viver mansinho / Triste pinheiro maninho» (Garrett, 1999, p. 80).

Para além de incluir Cascais nos seus escritos, Almeida Garrett deve ser igualmente lembrado por ter iniciado a discussão política que conduziria à posterior implementação da primeira legislação portuguesa sobre propriedade literária e artística, aprovada em 1851 (Rebello, 1999). A questão dos direitos de autor já tinha começado a ser debatida no início do século XVIII, em países como Inglaterra ou França, precursores na aplicação de instrumentos legais em prol da produção artística e da defesa do criador da obra. No entanto, apenas em 1886 se estabeleceria *A Convenção de Berna para a proteção de Obras Literárias e Artísticas*, tratado internacional determinante que ainda hoje serve de referência em todo o mundo nesta matéria (lgac.gov.pt, 2019).

## 2. NA LITERATURA DE VIAGEM DE RAMALHO ORTIGÃO, ALBERTO PIMENTEL E DE JOSÉ SARAMAGO

O universo da literatura de viagem em território nacional, impulsionado pelo livro *Viagens na minha terra* (1846) de Almeida Garrett, autor a quem José Saramago chamou de «mestre de viajantes» (Saramago, 2016, p. 5), desde cedo começou a averbar menções à vila de Cascais, nem que fosse pela sua proximidade a Lisboa. José Coutinho Lencastre publica *Passeio de Lisboa a Cascais* ainda em 1868, e Lopes de Oliveira dedica algumas páginas a Cascais em *Por terras de Portugal: paisagens: arte-costumes-roteiros* (1929), só para citar alguns exemplos. Porém, dentro deste género literário, as referências mais marcantes pertencem a Ramalho Ortigão e a Alberto Pimentel, sem esquecer José Saramago.

Confesso admirador de Garrett, o portuense Ramalho Ortigão deu início ao seu percurso na literatura de viagem em Paris, no ano de 1868, a propósito da afamada Exposição Universal da capital francesa. Escreveu igualmente sobre as suas viagens pela Holanda, Inglaterra e Brasil, mas era a percorrer o seu país que se sentia verdadeiramente realizado. Ora em 1876, publica *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, obra de título esclarecedor, que relata o seu percurso pela costa lusitana. No capítulo VII, *De Pedrouços a Cascais*, o autor e viajante apresenta-nos uma descrição da viagem de vapor desde o Cais do Sodré, e escreve uma crónica onde detalha o património, a população, a história e as dinâmicas sociais da então vila de Cascais.

Anos mais tarde chegaria a vez de Alberto Pimentel, um dos escritores mais prolíferos da história da literatura portuguesa, e outro apaixonado pela literatura de viagens, de narrar a sua passagem por Cascais. No segundo capítulo do livro *Sem passar a fronteira* (1902), Alberto Pimentel conta-nos episódios relacionados com a concorrida época balnear da localidade, aproveitando para enaltecer as praias que Cascais tem para oferecer. Com muito humor à mistura, descreve a excursão de um grupo de alentejanos oriundos de Estremoz, derrete-se pela Calçada da Assunção (actual Rua Marques Leal Pancada) e por uma pastelaria tradicional, e classifica os quatro tipos de maridos existentes em Cascais (o roda-viva, o metódico, o plantão e o rebelde):

Quem se der a observar a vida das praias, reconhecerá facilmente que têm de ser classificados em várias categorias os maridos, que são obrigados à perpetração do que geralmente se chama «a estação balnear» [...] O marido roda-viva é aquele que todos os dias vai à sua repartição ou ao seu escritório, pretextando o rigor burocrático ou a afluência de negócios. [...] O marido metódico é aquele que arranja as suas coisas de modo que só tem que ir uma vez por semana a Lisboa,

sempre no mesmo dia. [...] O marido plantão é o que, durante a temporada da praia, não sai de ao pé da família. Sabe tudo o que se passa em casa e fora de casa. [...] O marido rebelde é aquele que vem buscar a Cascais a folia, que neste momento lhe faltaria em Lisboa. Trouxe a família como bagagem. Pô-la em casa e saiu logo para a rua. A família que se divirta, que ele trata de fazer o mesmo (Pimentel, 2000, p. 22-25).

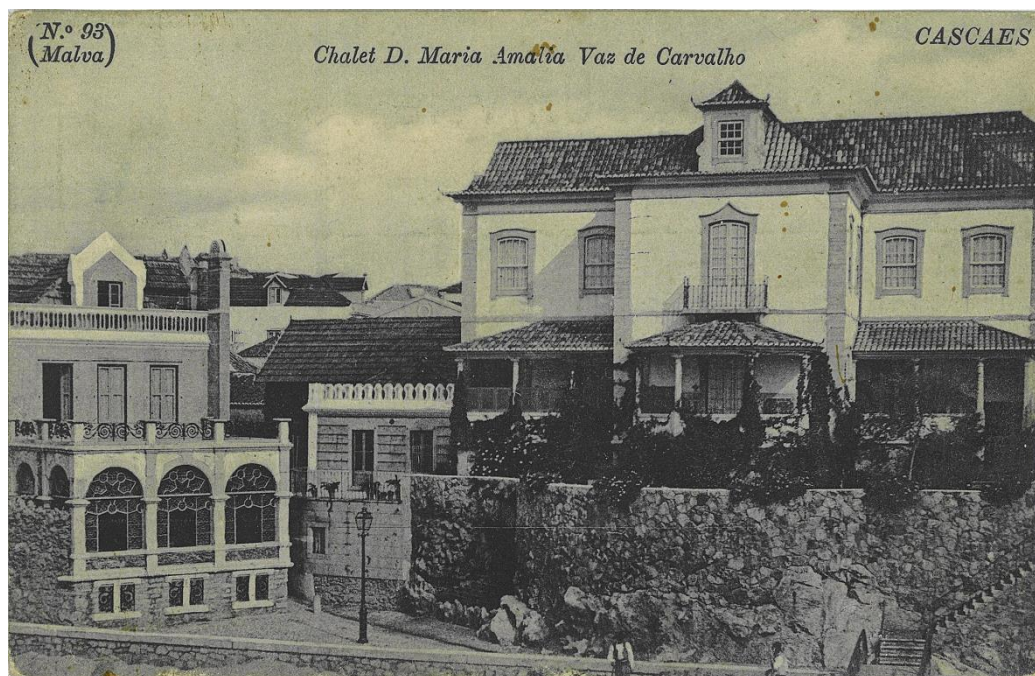
Por último, vale a pena citar o Prémio Nobel da Literatura, José Saramago, que dedicou alguns parágrafos a Cascais, na sua extensiva *Viagem a Portugal* (1995). Visitou o Museu Condes de Castro Guimarães, e passeou pelo Estoril:

Estas terras marginais são predilectas do turismo. O viajante não é turista, é viajante. Há grande diferença. Viajar é descobrir, o resto é simples encontrar. Por isso se há-de compreender que passe sem particulares demoras por estas amenas praias, e se nas ondas pacatas do Estoril decidir dar breve mergulho, fique este sem menção (Saramago, 2016, p. 366).

### **3. O REFÚGIO DE MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO E DE FERNANDO PESSOA**

Cascais serviu igualmente de espécie de refúgio emocional para alguns escritores, sendo um dos casos mais evidentes dessa realidade o de Maria Amália Vaz de Carvalho. Quando enviuvou do poeta Gonçalves Crespo, perdeu à nascença aquele que seria o seu terceiro filho, e descobriu indícios de infidelidade do falecido marido, tudo isto num curto espaço de tempo, a escritora mergulhou numa fase emocional particularmente conturbada. Viu-se forçada a encetar um ritmo de trabalho exaustivo, de modo a conseguir sustentar os dois filhos, mas contou com o apoio incondicional de muitas das suas amigas que havia estabelecido ao longo dos anos, através das populares tertúlias literárias que organizava na sua casa. Maria Amália Vaz de Carvalho ganhou o hábito de passar temporadas em Cascais, perto do Parque Marechal Carmona, ou então na casa da amiga, a Duquesa de Palmela. Encontrou conforto junto do seu grande amigo, o político e historiador Oliveira Martins, por quem nutria uma forte admiração. Os ares da maresia de Cascais eram revigorantes para a escritora, e os amigos com quem se deparava por lá, também despertavam esse efeito positivo. Embora não pertencesse oficialmente ao grupo de ilustres auto-intitulado «Vencidos da Vida», exclusivamente masculino, Maria Amália Vaz de Carvalho conviveu de perto com vários dos seus integrantes, como foram os casos de Ramalho Ortigão ou de Eça de Queiroz. Pelo contributo histórico

fundamental que significou a publicação de *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein* (1898-1903), a Duquesa de Palmela acabaria por agraciá-la com a oferta da Vila D. Pedro, habitação localizada na Rua Fernandes Tomás, nº 1 (Silva, 1997).



**Figura 4** - A Vila D. Pedro oferecida pela Duquesa de Palmela à escritora Maria Amália Vaz de Carvalho (1910). (Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais).

No livro *Pelo mundo fora* (1896), Maria Amália Vaz de Carvalho recorda os tempos passados em Cascais com Oliveira Martins, aludindo à debilitação da saúde do amigo:

Feridos os dois por uma doença traiçoeira que se apresentava no empobrecido organismo de ambos, igualmente ameaçadora de morte próxima e que para ele tão cedo realizou a negra ameaça, ambos tínhamos partido com diferença de dias apenas para Cascais.

Eram contíguas as casas que habitávamos, davam ambas para o lindo parque que o falecido Visconde de Gandarinha ali plantou luxuosamente. [...] Avistava-se, das janelas dos dois convalescentes, o mar, o grande mar azul, em que Oliveira Martins lera tão comovedoramente a lenda do nosso destino nacional, a história gloriosa e trágica da vida e da morte da Pátria Portuguesa. [...]

Menos abatido de espírito, e mesmo de corpo, que eu, era ele quem, descendo a escada da sua casa e subindo a da minha, vinha sentar-se na

pequenina sala onde eu quotidianamente esperava aquela visita deliciosa.  
[...]

Falávamos de tudo. Mais, no entanto, do presente que do passado. Era nobre, glorioso, épico o passado? Decerto!

Mas que importava, se estava inteiramente extinto para nós (Carvalho, 1896, p. 247-250).

Fernando Pessoa, um dos poetas mais influentes do século XX, também encontrava especial conforto na vila de Cascais. Sempre que lhe apetecia abrigar-se da agitação cosmopolita da cidade de Lisboa, alugava casa na antiga Rua Oriental do Passeio, nº2, que hoje se chama Alameda dos Combatentes da Grande Guerra, ou então, ficava com a irmã, que entretanto se havia instalado no Estoril, na Rua de Santa Rita. Candidatar-se-ia inclusive ao cargo de conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, acabando preterido a favor do pintor português Carlos Bonvalot. Numa das cartas enviadas à sua amada Ofélia Queiroz, datada de 29 de Setembro de 1929, Fernando Pessoa confirma o desejo de se mudar para Cascais:

O que lhe disse de ir para Cascais (Cascais quer dizer um ponto qualquer fora de Lisboa, mas perto, e pode querer dizer Sintra ou Caxias) é rigorosamente verdade: verdade, pelo menos, quanto à intenção. Cheguei à idade em que se tem o pleno domínio das próprias qualidades, e a inteligência atingiu a força e a destreza que pode ter. É pois a ocasião de realizar a minha obra literária, completando umas coisas, agrupando outras, escrevendo outras que estão por escrever. Para realizar essa obra, preciso de sossego e um certo isolamento. Não posso, infelizmente, abandonar os escritórios onde trabalho (não posso, é claro, porque não tenho rendimentos), mas posso, reservando para o serviço desses escritórios dois dias da semana (quartas e sábados), ter de meus e para mim os cinco dias restantes. Aí tem a célebre história de Cascais (Pessoa & Queiroz, 2012, p. 229-230).

A dada altura da sua vida, Fernando Pessoa decide mergulhar no universo do ocultismo, e é a partir desta iniciação esotérica que nasce um dos episódios mais marcantes do poeta em Cascais. Estudioso incansável de astrologia, Pessoa decide enviar uma carta a Aleister Crowley, mago e ilustre astrólogo inglês, a informar que o seu horóscopo estaria errado. Crowley responde a dar razão ao português, e desde então, estabelece-se uma troca de correspondência fértil entre os dois. Mais tarde, o astrólogo inglês auto-intitulado «A Besta 666», cuja excêntrica reputação o perseguia um pouco por todo o mundo, anunciou uma visita a Lisboa, consumada no dia 2 de Setembro de 1930.

Durante a sua estadia em território lusitano, Pessoa e Crowley decidem encenar o misterioso desaparecimento do forasteiro, a 25 de Outubro, algures na estrada da Boca do Inferno. Com a ajuda de um jornalista do *Notícias Ilustrado*, que se dispôs a publicar o tal desaparecimento em forma de reportagem, personificando alguém que teria encontrado uma cigarreira e uma carta misteriosa de Crowley no Canal de Mata-Cães. O jornalista em questão, Augusto Ferreira Gomes, entregou os objectos à Polícia, e Fernando Pessoa chegaria mesmo a prestar declarações, negando qualquer tipo de conhecimento sobre o sucedido, e deixando em aberto as hipóteses de assassinato ou até de suicídio. Crowley voltou a aparecer publicamente três semanas depois, em Berlim, na abertura de uma exposição de pintura sua. Este episódio serviu de inspiração para Pessoa escrever *A Boca do Inferno* (1932), romance policial na primeira pessoa, sobre um detective de nacionalidade inglesa fictício, que teria sido incumbido de investigar o desaparecimento de Aleister Crowley (Rosa, 2001).

#### **4. EÇA DE QUEIROZ E OS «VENCIDOS DA VIDA»**

Segundo as palavras do historiador Gomes Monteiro, os «Vencidos da Vida» eram «todos aqueles que impelidos pela ânsia de realizar uma obra grandiosa, embora muito conseguissem, sucumbiram, por fim, desalentados e incompreendidos, ante a doentia convicção de que todo o emprego foi mal-empregado» (Monteiro, 1944, p. 16). O célebre autor Eça de Queiroz orgulhava-se de integrar este grupo formado em finais do século XIX, que reunia intelectuais em jantares e tertúlias animadas, por vários pontos de Lisboa e Cascais. Figuravam nestes ajuntamentos personalidades ilustres como Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão ou os condes de Sabugosa e de Arnosó. Eça descreve o «vencido» da seguinte maneira:

se um sujeito, aí pelos vinte anos, quando se escolhe uma carreira, decidiu ser um milionário, um poeta sublime, um general invencível, um dominador de homens (ou de mulheres, segundo as circunstâncias), e se, apesar de todos os esforços e empurrões para diante, fica a meio caminho do milhão, do poema ou do penacho – ele é para todos os efeitos um vencido, um morto da vida, embora se pavoneie por essa Baixa amortalhado numa sobrecasaca do Poole e conservando no chapéu o lustre da resignação (Queiroz, 1981, p. 187).



**Figura 5** – «Vencidos da Vida». Da esquerda para a direita (sentados): Carlos Mayer, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão; de pé: Marquês de Soveral, Conde de Sabugosa, Carlos Lobo d'Ávila e Eça de Queiroz; sobre a escada Guerra Junqueiro, Conde de Arnoso e Conde de Ficalho. (Fonte: Fundação Eça de Queiroz).

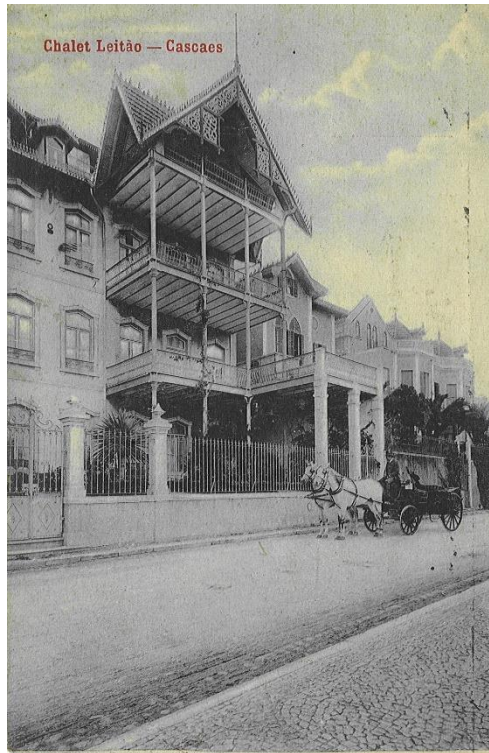
Desde o seu regresso de Havana que Eça de Queiroz começou a ser presença rotineira por Cascais, ficando na Casa São Bernardo (Avenida Humberto II de Itália), do seu amigo Conde de Arnoso, no Hotel do Globo (onde é hoje o Hotel Baía), ou então no também extinto Hotel do Estoril. Por lá encontrava-se com o amigo Ramalho Ortigão, nadava nas águas que lhe faziam lembrar as praias do Norte, ou partia numa das suas extensas e prazerosas caminhadas ao longo da costa. É possível encontrarmos inúmeras referências a Cascais na sua vasta correspondência publicada. Eis um trecho de uma carta enviada ao conde de Arnoso, a 25 de Julho de 1896:

Não quero eternizar esta epístola. Por isso não te digo a saudade com que penso na varanda de Cascais, e nas preguiçosas manhãs passadas a pasmear para a luz e para a água, e nas cavaqueiras com a prima Matilde, e nas noitadas, em que sob o silêncio e a penumbra propícia, decidíamos os grandes problemas. Imagino que toda essa delícia aí se está repetindo, e que têm havido na varanda todas as coisas boas, vós, Sabugosas, luar, frescura do mar, e um bocado de guitarra. Dá mil saudades a todos esses queridos amigos da varanda (Queiroz, retirado de Matos, 2015, p. 154).

## 5. RUBEN A. E OS ECOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

O conflito armado mais trágico do século XX acabaria por manifestar ecos na vida e na literatura de Ruben A. Primo da ilustre poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen, o escritor nasceu em Lisboa, mudou-se para o Porto ainda em criança, mas habituou-se a passar as férias de Verão em Cascais, mais propriamente no Chalet Leitão, propriedade de familiares. Quando atingiu a maioridade, os seus pais ofereceram-lhe uma viagem pela Europa, prémio decorrente de um contrato de seguro que haviam celebrado anos antes. Esta aventura acabaria por marcar profundamente o jovem Ruben A., que se deparou com uma Europa alarmante em vésperas da Segunda Guerra Mundial. No Verão de 1938, percorreu várias cidades alemãs, viveu a boémia de Bremen, Munique e Berlim, mas foi no decurso da sua estadia na Áustria que tropeçou numa realidade desconhecida e incompreensível. Pouco tempo após o seu regresso, começou a frequentar o Curso de Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras de Lisboa, e o Chalet Leitão tornou-se destino de fim-de-semana e palco de tertúlias com ilustres colegas como Almada Negreiros, António Duarte, ou Barata Feyo. Simultaneamente, Ruben A. começou a assistir à chegada a Cascais de vários refugiados, criando relações de amizade com alguns deles. Reavivou-se assim o sentimento desolador que Ruben A. havia experienciado inicialmente na sua aventura pela Europa. Na sua extensa autobiografia de três volumes intitulada *O mundo à minha procura* (1964, 1966 e 1968), Ruben A. escreve sobre as férias de Verão em Cascais, o estilo de vida despreocupado que levava e o posterior contacto com aqueles que tentavam escapar aos horrores da guerra:

Falava-se da guerra com mais certeza, muitos com certa vontade, o que contrariava um pouco o espírito pacífico do português. Os refugiados surgiam por aqui, traziam um não-sei-quê de fim, de abandono total; massa amorfa, misturada, onde trigo e joio se tornava difícil de distinguir. Uma chusma que dos antros europeus começava a marchar para esta plataforma ibérica, viajava na companhia de famílias, e de famílias que para sempre abandonavam teres e haveres, outros ainda traziam somente saudades de um restolho que ficava para trás. A nossa visão raro caía na desgraça, caía nos automóveis espampanantes de matrícula, nas fêmeas de apetite, nas delicadas parceiras para todos os jogos, nos últimos encontros que a vida queria trazer ao nosso dia-a-dia. Se alguns desses seres eram espíões, visitados por maridos hipotéticos, se umas empacotavam lembranças, certas de quem nunca mais se vê, outras ficavam para sempre na memória como pessoas diferentes, que nos tratavam cheias de mimo, talvez por estarem numa terra neutra e quererem um pouco de amor que lhes escapava na origem (A., 2000, p. 107-108).



**Figura 6** – Chalet Leitão (1917). (Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais)

Entre os refugiados que passaram por Cascais antes de atravessarem o Oceano Atlântico, contam-se vários artistas ilustres, alguns deles proeminentes no domínio da literatura. Vejam-se os casos do austríaco Stefan Zweig, um dos escritores mais aclamados da época, e do francês Antoine de Saint-Exupéry. Este último escreveria sobre o assunto em *Carta a um Refém* (1943):

Como não consegui hospedar-me na própria cidade, vivia no Estoril, perto do Casino. Acabava de sair de uma guerra dura: o meu Grupo Aéreo, que durante nove meses nunca interrompera os voos sobre a Alemanha, perdera, no decurso da única ofensiva alemã, três quartos das suas tripulações. De regresso a casa, conheci a triste atmosfera da escravatura e a ameaça da fome. Tinha vivido a noite sombria das nossas cidades. E agora, a dois passos da minha casa, o Casino do Estoril enchia-se todas as noites de fantasmas. Eram depositados ali, na areia fina do pórtico de entrada, por *Cadillacs* silenciosos que simulavam dirigir-se a qualquer parte. Tinham-se vestido para jantar, como noutros tempos. Exibiam gravatas ou pérolas. Convidavam-se uns aos outros para repastos de figurantes, em que não tinham nada para dizer uns aos outros (Saint-Exupéry, 2015, p. 15-16).

## 6. BRANQUINHO DA FONSECA E AS BIBLIOTECAS

Natural de Mortágua, distrito de Viseu, Branquinho da Fonseca decide mudar-se para Cascais no início da década de 1940, altura em que assume um cargo na comissão de obras da Base Naval de Lisboa. O escritor já se havia candidatado ao posto de conservador da Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, sem sucesso, ainda em 1932. Dez anos mais tarde, a sua candidatura é recuperada, e recebe a almejada nomeação para conservador, função que desempenhou ao longo de dezanove anos. Desde o primeiro momento Branquinho da Fonseca procurou aproximar a biblioteca da comunidade e, conseqüentemente, influenciar positivamente os hábitos de leitura dos habitantes da vila. Procedeu inicialmente à renovação e reorganização do espaço, em busca de um ambiente mais acolhedor, capaz de atrair e fixar mais usuários. Instituiu a modalidade de empréstimo, de forma a não restringir o acto da leitura à biblioteca e, mais importante, reforçou substancialmente o acervo disponível. Este enriquecimento da colecção denotou uma orientação clara, com o intuito de tornar a biblioteca mais generalista, diversificando as temáticas, e de colocá-la em contacto com o presente, através da aquisição de obras recentes. Contudo, o seu maior contributo viria a ser a implementação das bibliotecas itinerantes, iniciativa cujo sucesso se traduziria na replicação do conceito anos mais tarde, pela Fundação Calouste Gulbenkian (Henriques & Pacheco, 2012).

As primeiras experiências do género em Portugal verificaram-se em 1914, pela mão de Augusto Pereira de Bettencourt Ataíde, sem êxito. O escritor Raúl Proença também tentara um modelo parecido, e mais tarde, já sob a tutela do Estado Novo, António Ferro instituíra as bibliotecas ambulantes de cultura popular entre 1945 e 1949 (Henriques & Pacheco, 2012). No entanto, quando chegou a vez de Branquinho da Fonseca reavivar o conceito em 1953, deparou-se com um «contexto favorável na Campanha Nacional para a Alfabetização e Educação de Adultos lançada pelo subsecretário de Estado da Educação Nacional, Henrique Veiga de Macedo, que tinha por objectivo diminuir o então ainda elevadíssimo índice de analfabetismo do país» (Henriques & Pacheco, 2012, p. 104). O impacto da acção foi imediato, e o número de leitores cascalenses disparou de poucas centenas até dezenas de milhares em poucos anos. Na comunicação distribuída pelas aldeias do concelho, podia ler-se o seguinte convite: «Dirigimo-nos principalmente aos novos. Esta biblioteca é vossa. Tratai-a com carinho, não sujando nem extraviando os livros que vos são confiados» (retirado de Cortesão, 1955, p. 7). A palavra espalhou-se a um ritmo alucinante, e até Jaime Cortesão, jornalista do portuense *O Primeiro de Janeiro*, escreveu uma crónica louvando as novas bibliotecas itinerantes de Cascais, intitulada *O povo tem fome de cultura*, onde se podia ler a seguinte passagem:

A juventude actual desponta para a vida com mais sedes espirituais. Oxalá as demais câmaras do país venham temperar com iniciativas semelhantes à de Cascais, a paixão exclusiva e deformadora do pontapé na bola, equilibrando a cultura física com a do espírito (Cortesão, 1955, p. 7).

Agora com a designação de Biblioteca Móvel de Cascais, o projecto permanece activo sob a alçada da Fundação Dom Luís I, organização responsável pela gestão dos espaços expositivos do Centro Cultural de Cascais, de génese municipal, mas aberta à participação privada. A biblioteca móvel funciona aos fins-de-semana de Outono e Inverno, em Carcavelos, São Domingos de Rana e Estoril, ao passo que na Primavera e no Verão, circula entre Quinta-feira e Domingo, fixando-se em diferentes praias da região. De acordo com dados do município, 1637 pessoas recorreram aos serviços da Biblioteca Móvel de Cascais entre Outubro de 2017 e Junho de 2018 (Cultura.cascais.pt, 2019).

Para além das bibliotecas móveis, o município de Cascais dispõe actualmente de outras três bibliotecas municipais, que integram a Rede Nacional de Bibliotecas de Leitura Pública: Biblioteca Infantil e Juvenil, no Parque Marechal Carmona; Biblioteca Municipal de Cascais - Casa da Horta da Quinta de Santa Clara; Biblioteca Municipal de S. Domingos de Rana. Praticamente 260 mil leitores visitaram a rede de bibliotecas de Cascais durante o ano de 2017 (Cultura.cascais.pt, 2019).

## **7. BREVES ANOTAÇÕES SOBRE CINEMA E MÚSICA**

Tanto o turismo cinematográfico como o turismo musical partilham vários elementos em comum com o turismo literário (Marques, 2019, p. 57), a começar pelas palavras que compõem os guiões ou que constituem as letras das canções. Nesse sentido, é importante dedicar um espaço no presente capítulo, ainda que breve, para elencar as principais referências de Cascais no cinema e na música. No caso da «sétima arte», Cascais prima por ter acolhido o primeiro filme realizado em território nacional, intitulado *A Boca do Inferno* (1896), do britânico Robert William Paul (Matos-Cruz, 2015, p. 223). Em *Cascais e Estoril: um roteiro fílmico, 1896-1974*, texto de José de Matos-Cruz inserido no compêndio *Arquivo de Cascais: história, memória, património* (2015), encontramos uma listagem exaustiva de dezenas de produções cinematográficas filmadas no eixo Estoril-Cascais até à Revolução de 1974. A mais emblemática delas todas será, sem dúvida, *007 Ao serviço de sua Majestade* (1969), realizado por Peter Hunt, e protagonizado por George Lazenby. No período pós-25 de Abril, outras produções decorreram em Cascais,

com destaque para o cinema nacional. *Os Imortais* (2003) de António-Pedro Vasconcelos, e *Tabu* (2012) de Miguel Gomes figuram entre as longas-metragens mais reconhecidas. Já no que diz respeito à música, não são muitas as menções a Cascais nas letras das canções, sendo que a mais identificável pertence ao grupo de pop-rock oriundo da vila, Delfins. Em actividade entre 1981 e 2009, esta banda lançaria o seu primeiro álbum em 1987, chamado *Libertação*, que incluía o tema *Baía de Cascais*, com o seguinte poema:

Na baía de Cascais / Avistei ao longe um barco a arder / Perguntaste  
porque o sonhava / Olhei ao céu, não pude responder / Vejo o mar nos  
teus olhos / Ao contar-te velhos quadros / Das viagens, que o mar soube  
esconder / Eu pinto esta baía assim / E são mil cores ao pé de mim / Nesta  
baía eu descobri / Tantas imagens ao pé de mim.

**PARTE IV:**  
**O ESTÁGIO NO MUNICÍPIO DE CASCAIS E A**  
**«ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS»**

## 1. DA ESCOLHA DO TEMA AO LOCAL

Assim que ficou definida a realização de um estágio como opção para finalizar o mestrado, dei de imediato preferência à temática do turismo literário. Nutro um fascínio pela forma como os livros podem influenciar a imagem do destino turístico, e são capazes de criar novas geografias imaginadas junto do leitor, ele próprio também um viajante. No decorrer do meu percurso académico, tive a possibilidade de estudar e produzir ensaios sobre o assunto em várias Unidades Curriculares, o que me levou a concluir que o turismo literário ainda é uma vertente pouco desenvolvida, sobretudo em Portugal, configurando-se assim como uma oportunidade privilegiada de acrescentar valor.

O meu impulso inicial levou-me naturalmente até Stefan Zweig. O autor austríaco e a sua relação com o Brasil despertaram o meu interesse desde a longa-metragem *Stefan Zweig: Adeus, Europa* (2016), tendo sido inclusive objecto de estudo de um ensaio científico produzido no contexto da Unidade Curricular de Turismo e Comunicação Intercultural. Nesse sentido, entrei em contacto com a Casa Stefan Zweig, museu e memorial do exílio que se situa na serra de Petrópolis, no estado brasileiro do Rio de Janeiro. Contudo, através dos esclarecimentos prestados pela directora-executiva da Casa Stefan Zweig, Kristina Michahelles, ainda no Verão de 2018, entendi que um eventual estágio no Brasil levantaria uma série de desafios e incertezas logísticas difíceis de contornar. Além disso, corria o risco de se revelar uma experiência académica com insuficiente relevância. Por isso mesmo, acabei a virar as atenções para o território português.

Juntamente com as orientadoras Alcinda Pinheiro e Maria José Pires, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, encetei um trabalho de pesquisa de projectos de turismo literário existentes em Portugal, na perspectiva da possível integração num deles. Foram encontradas algumas iniciativas do género na região Centro (Leiria, Coimbra), e uma outra no concelho de Cascais. Por razões de proximidade, privilegiou-se esta última, intitulada «Rota dos Escritores».

Agendou-se prontamente uma reunião com o município de Cascais em Fevereiro de 2019, tendo como propósito discutir os eventuais objectivos do estagiário e da entidade de acolhimento, compreender em que estado se encontrava o projecto de turismo literário desenvolvido, e entender a pertinência da inclusão do estagiário para ambas as partes. O encontro veio revelar uma conjugação de interesses favorável à realização do estágio. A «Rota dos Escritores» havia sido criada em 2016, no âmbito do Festival Internacional da Cultura, e era vontade do município descortinar uma maneira de reavivar a iniciativa, e de torná-la mais apelativa. Ora isto ia claramente ao encontro das minhas valências, e daquilo que poderia (e queria) oferecer.

Confirmou-se posteriormente a realização do estágio curricular no município de Cascais, entre os dias 13 de Maio e 14 de Agosto de 2019, orientado, na entidade de acolhimento, pelo Doutor João Miguel Henriques, Chefe da Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico, e com o acompanhamento da Doutora Cláudia Mataloto, do Departamento de Inovação e Comunicação. Foram acordados entre as duas partes os seguintes objectivos do estágio:

1. Analisar o projecto de turismo literário «Rota dos Escritores», desenvolvido previamente pelo Município de Cascais e identificar formas de despertar maior interesse e dinâmica locais;
2. Colaborar em projectos de turismo gastronómico, e encontrar pontos de convergência com a literatura;
3. Dar apoio a qualquer outra função relativa à comunicação da cultura e do turismo do Município de Cascais.

## **2. DA INVESTIGAÇÃO DOCUMENTAL À CONSTRUÇÃO DE UM PERCURSO LITERÁRIO**

O arranque do estágio aconteceu, como previsto, no dia 13 de Maio, com uma primeira reunião com João Miguel Henriques e Cláudia Mataloto. Apreciando a dimensão do projecto em cima da mesa, e olhando para a duração do estágio combinada (três meses), decidiu-se desde logo restringir o alcance da minha colaboração à renovação da Rota, abstendo-me assim de dar apoio a qualquer outra função e/ou projecto do Município de Cascais. Determinou-se igualmente que, dada a natureza do trabalho a desenvolver, não seria estipulado qualquer tipo de horário de trabalho, nem nenhuma obrigatoriedade quanto à minha presença física nas instalações do Município de Cascais durante o período de estágio. No que diz respeito ao âmbito do meu contributo, este passaria pela construção de uma nova rota, que não substituísse nem replicasse em demasia a «Rota dos Escritores». Numa fase posterior, este percurso seria assegurado pelo Programa *Locals*, iniciativa municipal que, entre outras acções, reúne estudantes da licenciatura em Informação Turística da ESHTe e promove a sua participação em percursos pedonais gratuitos pela vila. Por isso mesmo, uma das minhas funções seria a de preparar e dar a devida formação aos futuros guias-intérpretes. A rota contaria com um momento de inauguração oficial, exclusivamente para convidados, onde eu assumiria o papel de guia-intérprete. Ao olhar para a calendarização do estágio, apontámos provisoriamente a realização desse evento para o dia 8 de Agosto. Como tarefa inicial, foi-me sugerida uma pesquisa preliminar sobre Cascais e referências à vila no universo literário, a partir da qual teria o prazo de duas semanas para apresentar as minhas primeiras ideias a aplicar na Rota.

A investigação decorreu maioritariamente na Biblioteca Municipal de Cascais – Casa da Horta, onde tive a oportunidade de consultar a totalidade do Arquivo Local disponível para consulta, em busca de referências de Cascais na literatura. Complementei esta pesquisa na Biblioteca Nacional de Portugal, com uma parte substancial do catálogo referente a Cascais. No decurso desta tarefa, revelou-se de grande utilidade o livro *Lugares de Cascais na Literatura* (1995), de Júlio Conrado, que agrega inúmeras referências a Cascais na literatura. Confrontei naturalmente a informação recolhida com a «Rota dos Escritores», de forma a garantir uma contribuição original que acrescentasse valor.

Em resultado da pesquisa gizada, a 29 de Maio propus as seguintes iniciativas de teor literário, que, embora não estivessem directamente relacionadas com a rota, poderiam depois chamar a atenção para a existência da mesma, e despertar a curiosidade de eventuais interessados:

1. Aludir a uma série de outros lugares literários fora do percurso da rota, contribuindo para a descentralização do concelho, e dando a conhecer novos pontos de interesse, fazendo com que a rota não se esgote na sua realização;
2. Criar uma página *online* de levantamento de referências literárias sobre Cascais, aberta ao contributo do público, com o intuito de identificar e enriquecer o património do município;
3. Colocar pela vila diversas inscrições com citações sobre Cascais e os espaços onde se encontram;
4. Organizar encontros que reúnam vencedores de concursos de escrita municipais, de forma a consubstanciar um maior envolvimento da comunidade;
5. Promover a realização de concursos de escrita sobre Cascais, almejando um crescimento das referências literárias relacionadas com a vila;
6. Apresentar a nova rota literária aos hotéis do concelho, para que eles possam dar a conhecer esta opção aos seus hóspedes.

Quanto à rota literária propriamente dita, elenquei uma listagem inicial de dezasseis autores passíveis de serem incluídos no percurso final. Foi-me sugerido que aprofundasse a investigação em curso, de forma a poder reduzir uma lista considerada demasiado extensa, e que, em simultâneo, começasse a preparar os materiais de formação destinados aos guias-intérpretes.

Nas semanas seguintes, procedeu-se a uma pesquisa mais detalhada da literatura relacionada com Cascais, que conduziu à constituição da lista final de autores a considerar na rota, composta pelos seguintes oito nomes ordenados alfabeticamente: Alberto Pimentel, Almeida Garrett, Branquinho da Fonseca, Eça de Queiroz, Fernando Pessoa, Maria Amália Vaz de Carvalho, Ramalho Ortigão e Ruben A. Com base nesta listagem, dei início à produção de fichas biográficas sobre os autores em questão, que pudessem servir de material indispensável para os futuros guias-intérpretes. A pesquisa decorreu novamente na Biblioteca Nacional de Portugal, a que acrescem os complementos importantes concedidos pela Casa Fernando Pessoa e pela Fundação Eça de Queiroz. A primeira

entidade disponibilizou gratuitamente um conjunto exaustivo de referências a consultar e reviu os conteúdos produzidos, ao passo que a segunda cedeu acesso ao volumoso arquivo fotográfico em carteira. Ao interiorizar o essencial sobre estas figuras, os *Locals* estariam desde logo preparados para realizar o percurso, sem ficarem demasiado reféns da rigidez de um guião. Em todos os escritores, optei por organizar a informação em dois grandes capítulos: um primeiro com uma nota biográfica generalista sobre o autor, e um outro acerca da relação do escritor com Cascais, que incluía invariavelmente trechos fundamentais sobre a vila. Este material de formação foi sendo enviado espaçadamente, pois aguardava aprovação dos elementos do Município de Cascais, e a sua versão final entregue no dia 3 de Julho (Apêndice I).

A partir do momento em que os nomes dos autores a integrar na Rota estavam definidos, chegou a vez de escolher os lugares da vila de Cascais que melhor os representassem, dando assim início ao processo de estruturação do percurso. Ao contrário da original «Rota dos Escritores», que se focava exclusivamente nas casas de Cascais por onde passaram grandes criadores da literatura portuguesa, procurei abrir o leque de possibilidades a outros espaços. Face ao conjunto de informação trabalhada, a opção recaiu num total de oito locais a colocar na Rota. Embora o número de lugares inventariado coincida com a quantidade de autores, esta casualidade deve ser assumida como tal, na medida em que vários dos autores não se circunscrevem somente a um lugar possível. Por outro lado, alguns dos lugares podem albergar mais do que um autor. Eis a lista final dos oito lugares seleccionados, já ordenados pela sequência proposta na Rota e complementados com os autores afectos a eles: Praia da Conceição (Ramalho Ortigão, Ruben A. e Alberto Pimentel); Jardim Visconde da Luz (Almeida Garrett); Vila D. Pedro (Maria Amália Vaz de Carvalho); Antiga Casa Faz-Tudo (Alberto Pimentel); Chalet Leitão (Ruben A.); Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães (Branquinho da Fonseca e Fernando Pessoa); Casa São Bernardo (Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão); Boca do Inferno (Fernando Pessoa). Observando a localização dos pontos no mapa da vila, a sua ordenação acabou por ser traçada naturalmente, com o ponto de partida, num dos extremos, próximo da estação ferroviária. Esta proposta de configuração foi apresentada sob a nomenclatura «Rota Literária de Cascais», e validada numa reunião realizada a 4 de Julho, altura em que se decidiu acrescentar esta nova Rota à rede municipal existente, ao invés de substituí-la pela «Rota dos Escritores».

Nessa mesma reunião, já com o percurso traçado e acordado, foi-me proposto o adiamento da inauguração da Rota, de 8 para 21 de Agosto, de modo a poder assegurar-se a realização do evento com menos sobressaltos, garantindo uma maior tranquilidade na sua organização. Novas tarefas foram definidas, a começar pela preparação da formação presencial que iria ser concedida aos *Locals*, agendada para 9 de Agosto. Fiquei também a par da possibilidade de

recorrer ao Teatro Experimental de Cascais (TEC), e de utilizar este recurso cénico para enriquecer o momento da inauguração. Discutimos desde logo a forma como esta colaboração poderia ser rentabilizada, de maneira a fazer seguir a proposta para o TEC com a antecedência necessária. Estipulou-se o recurso a seis actores, que representariam as seguintes figuras: Almeida Garrett, Viscondessa da Luz, Alberto Pimentel, vendedora da Antiga Casa Faz-Tudo, Eça de Queiroz e Fernando Pessoa. Por último, foi-me incumbida a tarefa de escrever e seleccionar os conteúdos a incluir no folheto referente à Rota, que iria ser impresso e disponibilizado *online* na página do Município de Cascais.



**Figura 7** – Mapa da 'Rota Literária de Cascais'. (Fonte: Câmara Municipal de Cascais).

### **3. RECONHECIMENTO DO ESPAÇO, CONSTRUÇÃO DO FOLHETO E FORMAÇÃO DOS LOCALS**

A 11 de Julho fui informado de um novo adiamento da inauguração da Rota, desta feita para o dia 18 de Setembro, justificado pela abundância de eventos com o carimbo do Município de Cascais nesse período, que poderia acabar por desviar atenção e recursos da Rota, comprometendo o seu êxito. De qualquer das formas, continuei o meu trabalho de preparação da formação presencial, bem como o de produção dos conteúdos para o folheto. Até ao dia da formação,

fiz duas simulações de reconhecimento, a primeira delas a 12 de Julho na companhia das minhas orientadoras académicas da FLUL. Mais tarde, no dia 24 de Julho, procedi sozinho a um novo exercício de reconhecimento, de maneira a definir os caminhos exactos do percurso. Tomei notas exaustivas sobre os elementos envolventes do trajecto, mesmo os que não têm relação com a literatura, para ter um conhecimento mais transversal do espaço, e assim robustecer o meu grau de preparação. Antes mesmo de conhecer os formandos, tomei a iniciativa de me inscrever numa *Walking Tour* por Cascais (5 de Agosto), iniciativa orientada pelos próprios, de modo a poder observar o seu *modus operandi*, e absorver eventuais informações relevantes. Verifiquei que este percurso, embora dotado de um traço mais generalista, a apontar principalmente para a história da vila de Cascais, não difere substancialmente no que respeita ao caminho palmilhado. O documento de apresentação a utilizar na formação foi remetido a 2 de Agosto após revisão, e a sua construção apoiou-se fundamentalmente no conjunto de fichas biográficas dos autores já produzidas. Acrescentaram-se informações indispensáveis de enquadramento que explicitavam a importância e os objectivos do itinerário, uma nota introdutória baseada na obra *Lugares de Cascais na Literatura* (1995), de Júlio Conrado, e a inclusão da estação ferroviária de Cascais como ponto de encontro para o arranque da Rota (Apêndice II). A formação em sala decorreu como previsto a 9 de Agosto, para cerca de 15 membros do Programa *Locals*, e teve uma duração aproximada de 90 minutos. No final da formação, os coordenadores do Programa propuseram a realização de um percurso simulado nas vésperas da inauguração da Rota direccionada aos formandos, almejando uma melhor interiorização dos conteúdos.

Quanto ao folheto, decidi estruturar o documento por autores, atribuindo cada um dos pontos do percurso a cada um deles, e apresentando em cada secção uma breve biografia que salienta a relação do escritor com Cascais, seguida de uma citação do próprio sobre a vila. Por indicação do orientador da entidade de acolhimento, adicionei posteriormente um texto introdutório, capaz de unir harmoniosamente os restantes conteúdos. Na versão final do documento, estava prevista a inclusão de um mapa orientador, recurso indispensável para quem pretende aventurar-se no percurso de forma autónoma. Contudo, um dos grandes desafios passou pela ilustração do folheto. Após ter consultado o arquivo iconográfico da Biblioteca Nacional de Portugal, o Arquivo Fotográfico de Lisboa, o Arquivo Histórico Municipal de Cascais, o Arquivo cedido pela Fundação Eça de Queiroz, vários bancos gratuitos de imagens *online*, entre outras fontes de informação, verificou-se que muitas das imagens recolhidas não tinham a qualidade necessária para uma boa impressão. A 26 de Agosto remeti a versão final dos textos a incluir no folheto, acompanhada das imagens com maior resolução encontradas até então, dando conhecimento dessa dificuldade. Determinei igualmente a georreferenciação dos oito pontos da rota, dado importante que iria constar do folheto informativo, e avaliei as primeiras

estimativas de duração da Rota. O percurso realizado individualmente teria uma duração aproximada de 60 minutos, com guia-intérprete chegaria aos 90 minutos, e no dia da inauguração, considerando a presença do Teatro Experimental de Cascais e de eventuais intervenções dos convidados, fixar-se-ia entre os 150 e os 180 minutos.

Para além das minhas intervenções enquanto guia-intérprete e dos apontamentos cénicos concedidos pelos actores do TEC, o evento de estreia contaria com a presença da Biblioteca Móvel junto ao Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, em alusão ao escritor Branquinho da Fonseca, e com uma visita à Casa São Bernardo, espaço de acesso restrito. O orientador da entidade de acolhimento, João Miguel Henriques, iria também fazer uma breve intervenção sobre a oferta municipal de bibliotecas, na qualidade de Chefe de Divisão de Arquivos, Bibliotecas e Património Histórico da Câmara Municipal de Cascais. Outro pormenor de natureza logística consistiu na reserva de um autocarro para transportar os convidados da Casa São Bernardo até à Boca do Inferno, ponto terminal da Rota.

Redigi entretanto um documento a que chamei «Guião Orientador», que reúne a súmula da informação essencial a transmitir pelo guia-intérprete durante a Rota, incluindo um breve enquadramento a prestar no ponto de partida. Este documento de apoio visa estabelecer um padrão importante para os futuros guias-intérpretes, e foi apresentado aos orientadores da FLUL e da entidade de acolhimento a 9 de Setembro (Apêndice III). Porém, foi-me comunicada no dia seguinte a necessidade de proceder a um novo adiamento do evento inaugural da Rota, desta feita para uma data ainda a determinar. O atraso verificado na produção do folheto e mais uma vez a existência de uma agenda municipal de eventos preenchida motivaram a decisão.

#### **4. PREPARAÇÃO DA INAUGURAÇÃO: ESCOLHA DOS CONVIDADOS, CONCLUSÃO DO FOLHETO, SIMULAÇÃO DA ROTA E TRABALHO COM TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS**

Os trabalhos da «Rota Literária de Cascais» apenas voltariam a ser retomados a 3 de Outubro, aquando de uma reunião com membros da equipa do grafismo, que serviu para discutir as intenções quanto à imagem da Rota, e sua reprodução no folheto. O estilo do documento iria, em traços gerais, assemelhar-se aos outros materiais do tipo disponibilizados pelo município. Durante a reunião ressurgiu a preocupação associada à insuficiente resolução de alguma da iconografia recolhida, cenário que a equipa do grafismo iria tentar contornar com recurso a um banco de imagens próprio, ou mesmo criando novas

fotografias. No mesmo dia, agendou-se a realização do percurso inaugural para 22 de Outubro, pelas 14 horas, bem como de uma simulação para o dia 14.

Considerando que se trataria de um evento fechado, uma das tarefas fulcrais consistia na escolha das pessoas a convidar. Este grupo restrito congregava o Presidente da Câmara Municipal de Cascais, Presidentes da Junta das quatro Freguesias do concelho (Alcabideche, Carcavelos e Parede, Cascais e Estoril e São Domingos de Rana), outras figuras da administração municipal, e ainda comunicação social local, sendo complementado com uma listagem de convidados sugerida por mim. Na formação desta lista, procurei eleger personalidades relevantes, quer pela sua ligação a Cascais e/ou aos escritores abordados durante a Rota, quer pela sua ligação à temática do turismo literário. Elaborei inicialmente uma lista de nove convidados, reforçada com outros três nomes propostos pelas orientadoras académicas da FLUL. A indicação do grupo final de doze convidados seguiu para o Município de Cascais a 9 de Outubro, e apresentava a seguinte composição:

- José Jorge Letria, escritor e vereador da Cultura da Câmara Municipal de Cascais entre 1994 e 2002;
- Miguel Ângelo, vocalista da banda Delfins e compositor do tema *Baía de Cascais* (1987);
- Elmano Sancho, actor que interpretou Eça de Queiroz na série de televisão *O nosso cônsul em Havana* (2019), transmitida pela Rádio e Televisão de Portugal;
- Edgar Pêra, realizador que adaptou várias obras de Branquinho da Fonseca para o cinema;
- Alcinda Pinheiro e Maria José Pires, professoras orientadoras do Relatório de Estágio, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- Ana Ferreira Mendes, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e coordenadora do Mestrado em Turismo e Comunicação;
- Clara Riso, directora da Casa Fernando Pessoa;
- Afonso Eça de Queiroz Cabral, Presidente do Conselho de Administração da Fundação Eça de Queiroz;
- Fabrizio Boscaglia, coordenador de projectos turístico-literários sobre Pessoa e outros escritores;
- Isilda Leitão, professora na Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, com publicações sobre turismo literário;
- Marisa Feio, jornalista e coordenadora editorial do programa de televisão *Literatura Aqui*, da RTP2.

Na simulação de 14 de Outubro estiveram presentes a Doutora Cláudia Mataloto e a coordenadora do Programa *Locals*, Inês Sousa Martins. Note-se que os seus formandos não puderam comparecer pois a data era coincidente com compromissos académicos. Esta simulação serviu maioritariamente para avaliar a dinâmica espacial dos diferentes pontos da Rota, e perceber com exactidão onde me poderia posicionar durante as intervenções, de modo a assegurar uma

comunicação mais eficaz. Debateremos simultaneamente questões de posicionamento dos actores, determinantes para a eficiente articulação entre os diferentes momentos do percurso. Foi-me ainda sugerido que introduzisse breves apontamentos literários a meio das duas distâncias mais longas entre pontos, ou seja, entre a Praia da Conceição e o Jardim Visconde da Luz (500m), e entre o Chalet Leitão e o Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães (500m). Excluiu-se a distância maior que liga a Casa São Bernardo à Boca do Inferno por se fazer excepcionalmente num autocarro. No primeiro caso, acordou-se uma rápida paragem junto da antiga loja de discos Valentim de Carvalho inaugurada em 1966, por exibir na sua fachada o poema *Num tempo sentado*, da autoria de Herberto Helder, num trabalho artístico assinado pelo pintor Sá Nogueira. O segundo apontamento seria junto da Cidadela de Cascais, onde faria referência à livraria solidária Déjà Lu situada no seu interior, e à livraria da Casa Sommer, localizada do lado contrário da avenida.

Ainda no mesmo dia, fiquei a conhecer a proposta da equipa do grafismo quanto ao folheto, que não havia encontrado uma solução satisfatória para ilustrar a sua capa. Face à urgência da situação, recorri ao arquivo fotográfico da Fundação Eça de Queiroz e solicitei a cedência de um conjunto de fotografias que, embora não tivessem sido captadas em Cascais, mostravam na mesma imagem Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, dois dos autores mencionados na Rota. Nas mesmas fotografias de grupo é possível identificar igualmente o historiador Oliveira Martins e os poetas Guerra Junqueiro e Antero de Quental. Depois de definida a imagem de rosto do folheto, o documento foi alvo de uma última revisão por parte do Doutor João Miguel Henriques e a versão finalizada seguiu para impressão a 16 de Outubro (Anexo I).

O trabalho desenvolvido com o Teatro Experimental de Cascais começou ainda a 6 de Setembro, fruto de uma primeira reunião com os encenadores Fernando Alvarez e Paula Fernandes, mas o anúncio do adiamento da inauguração da Rota para data indeterminada forçou a interrupção temporária da tarefa. Após confirmação da nova data, retomei o contacto e voltei a reunir no Teatro Municipal Mirita Casimiro, no Estoril, desta feita com a encenadora Paula Fernandes, responsável por orientar esta colaboração, e com os actores designados (alunos do TEC), a 15 de Outubro. As primeiras preocupações suscitadas pela encenadora prendiam-se desde logo com a logística da operação, ou seja, onde seria o camarim dos actores, e se existiria um carro que os transportasse no caso de maiores distâncias. Através da acção do Doutor João Miguel Henriques, agilizou-se a cedência do Auditório da Casa Sommer para base de operações do TEC no dia do percurso, assim como a concessão de uma viatura municipal e de um motorista para satisfazer as necessidades de deslocação mais prementes. Foram igualmente facultados de imediato materiais de contextualização importantes como o mapa da Rota, as fichas biográficas dos escritores, o guião orientador dos guias-intérpretes, e uma estimativa horária

detalhada do percurso, essencial para controlar os *timings* das performances. Nessa reunião transmiti aos actores pela primeira vez tudo aquilo que era pretendido, lembrando que o improvisado seria uma vertente fundamental das suas intervenções cénicas. Na sequência desta troca de ideias, produzi e remeti um documento explicativo que continha informação determinante, como o horário estimado da Rota e das intervenções, indicações visuais do posicionamento dos actores e descrição pormenorizada das performances, acompanhada de todos os textos de apoio imprescindíveis (Apêndice IV).

## **5. INAUGURAÇÃO DA «ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS» E ECOS**

A poucas horas da inauguração da Rota Literária de Cascais, tomei conhecimento de que os convites não tinham sido enviados pelo departamento de Relações Públicas da Câmara Municipal de Cascais, por motivos que me são completamente alheios. Perdia-se assim a oportunidade de enriquecer a experiência com os eventuais contributos de figuras com fortes relações à vila, à literatura tratada, ou mesmo ao turismo literário. Atendendo a esta contrariedade, convidaram-se funcionários do Município de Cascais para compor o grupo participante. A Rota contaria ainda com a presença das orientadoras académicas da FLUL e da entidade de acolhimento, e do Presidente e Director-Delegado da Fundação D. Luís, Salvato Teles de Menezes, em representação do ausente Presidente da Câmara Municipal, e da instituição responsável pela gestão da Biblioteca Móvel de Cascais. Na mesma manhã, fiz um reconhecimento do local com a encenadora Paula Fernandes, para acertar detalhes de última hora relacionados com a participação dos actores.

Após um imperioso exercício de reflexão sobre o que aconteceu no decurso da inauguração da «Rota Literária de Cascais», convém sintetizar algumas observações importantes. Começo por dar nota de destaque ao facto de ter sido cumprida a estimativa horária previamente delineada, aspecto fundamental para evitar possíveis desencontros temporais com os actores. Quanto ao ambiente envolvente, embora as condições atmosféricas tenham sido excelentes para este género de actividade, o ruído excessivo em alguns dos pontos gerou aparente desconforto no grupo, e representou uma dificuldade acrescida na minha função de guia-intérprete. Na estação ferroviária, na Vila D. Pedro e junto ao Chalet Leitão, este obstáculo foi por demais evidente. Além disso, e adoptando agora uma abordagem de teor mais autocrítico, apesar de me sentir suficientemente preparado quanto ao domínio do conteúdo informativo exposto ao longo do percurso, deparei-me com problemas de técnica decorrentes da minha inexperiência no papel de guia-intérprete. A apropriada colocação e projecção da voz constitui um obstáculo pessoal natural, com que me fui gladiando progressivamente durante as várias intervenções, melhorando

consideravelmente a audibilidade da mensagem transmitida. No entanto, deve ser um aspecto a trabalhar em futuros contextos. Finalmente, uma palavra de enaltecimento a todas as performances cénicas protagonizadas pelos alunos do TEC presentes, que se revelaram capazes de oferecer o colorido esperado ao percurso e de improvisar de forma competente quando necessário.

Ao analisar os ecos imediatos da «Rota Literária de Cascais», apurou-se a publicação de uma notícia na página oficial da Câmara Municipal no dia seguinte (Anexo 2), acompanhada de uma galeria de fotografias do evento. Adicionalmente, o programa de televisão *Nada será como Dante* (2019), transmitido pela RTP2, manifestou interesse em realizar uma reportagem sobre o projecto. As filmagens decorreram a 25 de Outubro em alguns pontos específicos da Rota, e o resultado final foi exibido a 12 de Novembro. O referido episódio pode ser encontrado *online* no seguinte endereço: <https://www.rtp.pt/play/p6188/e438334/nada-sera-como-dante>.

À data da entrega do presente relatório de estágio, não existia qualquer informação sobre a «Rota Literária de Cascais» na página oficial da Câmara Municipal (<https://cascais.pt>), sem contar com a notícia acima referida. No menu principal da página, situado no canto superior direito, se colocarmos o cursor por cima da opção «Agenda», surge-nos um submenu com a opção «Rotas». Ao clicarmos nessa opção, apuramos somente a existência de outras rotas de iniciativa municipal. Note-se que o processo de navegação pela página principal do município em busca das rotas revelou-se confuso e pouco intuitivo, sobretudo porque estas encontram-se agrupadas no menu «Agenda», termo que nos remete para uma dimensão efémera, quando as rotas são, por oposição, intemporais.



**Figura 8** – Intervenção inicial ao grupo junto da estação ferroviária de Cascais. (Fonte: Câmara Municipal de Cascais).



**Figura 9** – Actor interpretando Fernando Pessoa no Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, durante a inauguração da «Rota Literária de Cascais». (Fonte: Câmara Municipal de Cascais).



**Figura 10** – Momento de intervenção explicativa junto da Casa São Bernardo. (Fonte: Câmara Municipal de Cascais).



**Figura 11** – Cumprimento entre actor que interpreta Eça de Queiroz e guia-intérprete, na varanda da Casa São Bernardo. (Fonte: Câmara Municipal de Cascais).

## CONCLUSÃO

A associação do turismo à literatura é uma prática passível de encontrar significativa margem de progressão em Portugal, quer pela riqueza patrimonial do país no campo das letras, quer pela escassa e desordenada oferta que hoje apresenta, convidando ao estabelecimento de novos projectos deste tipo. Mesmo em territórios onde os vestígios literários pareçam menos evidentes, o turismo literário prova ser uma opção bastante viável, na medida em que a inovação e a criatividade podem ser utilizadas na transformação de novo património. Veja-se o exemplo de Óbidos, primeira e única localidade portuguesa a integrar a rede criativa da UNESCO na categoria de literatura, pelo meritório trabalho desenvolvido com a comunidade local nesta área. Adicionalmente, a aplicação de uma comunicação municipal reconhecidamente eficaz que privilegia o espaço digital na divulgação das iniciativas literárias (e não só), continua a recolher dividendos, como foi o recente êxito de mais uma edição do FOLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos.

No caso de Cascais, estamos perante um destino turístico consolidado além-fronteiras, muito graças às suas afamadas praias, pelo que a aposta no turismo literário poderia representar um factor importante de desconcentração do principal pólo de atracção da vila, e adensar a variedade da oferta disponível. Por outro lado, a imagem de Cascais enquanto lugar de lazer prazeroso reflecte-se invariavelmente no seu património literário centenário, dando origem a uma geografia imaginada desejável. A partir do considerável número de referências que a vila reúne na literatura, e da quantidade significativa de escritores que por lá passaram, as opções de abordagem são imensas, e a «Rota Literária de Cascais» foi somente o resultado de uma delas. A literatura no feminino ou os escritores refugiados da Segunda Guerra Mundial são algumas das possibilidades temáticas alternativas que podiam igualmente ser desenvolvidas.

No decurso do estágio curricular realizado na Câmara Municipal de Cascais, verificou-se um progressivo afastamento dos objectivos acordados pouco antes do arranque oficial. O que estaria previsto como uma melhoria da existente «Rota dos Escritores» redundou na criação de um projecto original intitulado «Rota Literária de Cascais», inaugurado oficialmente a 22 de Outubro. A inclusão da componente gastronómica no projecto também acabou por ser descartada naturalmente, receando uma eventual sobreposição de temáticas na sua aplicação. Contudo, a inauguração da Rota acabaria mesmo por conter um momento gastronómico, despoletado por um trecho do escritor Alberto Pimentel, em que os presentes tiveram a oportunidade de provar alguns doces típicos da vila, durante a recriação da confeitaria «Antiga Casa Faz-Tudo». Por último, a possibilidade de estender a minha colaboração a outras tarefas da Câmara Municipal de Cascais foi retirada, algo que se revelaria extremamente vantajoso

durante o período de investigação, mas que nas últimas semanas conduziu a uma percepção de afastamento da equipa de trabalho envolvida no projecto.

Se a investigação de Carvalho & Baptista (2015) conclui a existência de uma desarticulação entre as entidades turísticas e as culturais no que ao turismo literário nacional diz respeito, a construção da «Rota Literária de Cascais» vem descortinar fenómenos limitativos semelhantes, desta feita no seio do município. Os progressivos adiamentos verificados na inauguração da Rota, por exemplo, colocam em questão o devido planeamento do estágio curricular em discussão, gerando um permanente sentimento de incerteza quanto ao projecto e, em última instância, secundarizando-o.

Embora seja importante notar que o imprevisto relacionado com a falha no envio dos convites tenha comprometido o potencial da inauguração da Rota, tanto a presença indispensável dos alunos do Teatro Experimental de Cascais, como a da Biblioteca Móvel ajudaram a dar vida ao património literário exposto. Se o reconhecimento do valor literário de um lugar tem por base a importância atribuída à interpretação vívida do património literário, podemos afirmar que este princípio foi respeitado, reforçando a convicção de que é essencial ir para além do texto, e dotar a experiência literária de uma componente performativa. Porém, a presença esmagadora de funcionários do Município de Cascais no evento, em consequência da desarticulação com os convites, aparentou tratar-se de um *soft opening* de abrangência interna. De um ponto de vista mais pessoal, a minha completa inexperiência no papel de guia-intérprete representou um desafio adicional que tive de ultrapassar, pontuado por dificuldades na projecção da voz e por uma certa poluição sonora que fui combatendo ao longo do percurso.

À data de entrega do presente relatório (30 de Novembro), uma breve notícia na página *online* do município configura-se, por enquanto, como a única chamada de atenção para a existência da «Rota Literária de Cascais». Esta realidade vem reforçar a ideia acima debatida sobre a secundarização, e/ou falta de planeamento, e introduzir uma nova dimensão relacionada com a dúvida quanto à aplicação e/ou continuidade do projecto. Por outro lado, apraz referir que tal como na página «Visitportugal», principal recurso digital de promoção turística de Portugal enquanto destino, identificamos um exemplo de semelhante desalinhamento no que concerne a estratégia de comunicação, desta feita à escala municipal. Posto isto, vale a pena sublinhar novamente a relevância de uma comunicação eficaz na divulgação de iniciativas de turismo literário para o sucesso das mesmas, ideia atestada pelo previamente citado município de Óbidos.

As últimas palavras do presente relatório devem apontar para o futuro, e por isso mesmo, vale a pena sugerir abordagens de investigações vindouras acerca da temática do turismo literário. É importante realizar mais experiências do género

em diferentes municípios, de forma a adensar o conjunto de trabalhos publicados sobre o assunto, possibilitando assim análises comparativas conclusivas. Estaríamos igualmente a contribuir para o enriquecimento do património local e nacional, através do conseqüente incremento de referências literárias associadas aos diversos lugares. Finalmente, os estudos que visam definir o perfil do turista literário devem ter uma continuidade regular, na tentativa de nos aproximarmos de uma resposta contundente. A probabilidade de êxito torna-se infinitamente superior assim que entendermos a quem nos dirigimos.

## REFERÊNCIAS

- A., Ruben. (2000). *O mundo à minha procura*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Andrade, F. (1969). *Monografia de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal.
- Andrade, F. (1990). *Cascais – Vila da Corte: oito séculos de história*. Cascais: Município.
- Anjos, M. (2012). *O turismo no eixo costeiro Estoril-Cascais (1929-1939): equipamentos, eventos e promoção do destino*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Antunes, A., Henriques, J. & Santos, M. (2015). *Arquivo de Cascais: história, memória, património*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais – Departamento de Inovação e Comunicação.
- Arquivo Histórico Municipal de Cascais.
- Baraona, J. (1995). *Personalidades da Costa do Estoril*. Cascais: Supereco Propaganda.
- Barruncho, P. (1873). *Apontamentos para a História da Villa e Concelho de Cascais*. Lisboa: Typographia Universal.
- Biblioteca Nacional de Portugal.
- Bidaki, A. (2014). Literary Tourism as a Modern Approach for Development of Tourism in Tajikistan. *Journal Of Tourism & Hospitality*, 03 (01), 120.
- Bonvalot, M. (2002). *Cascais: janela da Europa*. São João do Estoril: Sopa de Letras.
- Brito, B. (2000). *O Turista e o Viajante: Contributos para a conceptualização do Turismo alternativo e Responsável*. IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra.
- Busby, G. & Klug, J. (2001). Movie-induced tourism: The challenge of measurement and other issues. *Journal Of Vacation Marketing*, 7 (4), 316-332.
- Câmara Municipal de Cascais (2019). *Rota Literária de Cascais*.

Cardoso G. & Cabral, J. (1988). Apontamentos sobre os vestígios do antigo castelo de Cascais. *Arquivo de Cascais*, 7, 77-90.

Carmona, Ó. (1930). *Diário de Lisboa*. [1 Set.].

Carvalho, I. (2009). *Turismo literário e redes de negócios: Passear em Sintra com «Os Maias»*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro.

Carvalho, I. & Baptista, M. (2015). Perspectivas sobre o turismo literário em Portugal. *Revista Turismo E Desenvolvimento*, 24, 55-68.

Carvalho, M. (1896). *Pelo mundo fora*. [ebook] Disponível em: [http://purl.pt/6306/6/l-41045-p\\_PDF/l-41045-p\\_PDF\\_24-C-R0150/l-41045-p\\_0000\\_capa1-capa4\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/6306/6/l-41045-p_PDF/l-41045-p_PDF_24-C-R0150/l-41045-p_0000_capa1-capa4_t24-C-R0150.pdf) [Consultado a 9 Out. 2019].

Cascais, Câmara Municipal. (2004). *Cascais: aqui nasceu o futebol em Portugal 1888-1928*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais e Quimera.

Cascais.pt. (2012). *História - Casino da Praia | Câmara Municipal de Cascais*. [online] Disponível em: <https://www.cascais.pt/historia-casino-da-praia> [Consultado a 3 Set. 2019].

Cascais.pt. (2019). *Rota Literária de Cascais | Câmara Municipal de Cascais*. [online] Disponível em: <https://www.cascais.pt/noticia/rota-literaria-de-cascais> [Consultado a 31 Out. 2019].

Cerdeira, P. (2019). *A Sociedade Propaganda de Portugal e a construção do turismo moderno (1888-1911)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Colaço, B. & Archer, M. (1999). *Memórias da linha de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

Commons.wikimedia.org. (2013). *File:First-railway-Europe-country.jpg - Wikimedia Commons*. [online] Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:First-railway-Europe-country.jpg> [Consultado a 3 Set. 2019].

Conrado, J. (1995). *Lugares de Cascais na Literatura*. Lisboa: Notícias, D. L.

Cortesão, J. (1955). O povo tem fome de cultura. *O Primeiro de Janeiro*. [12 Out.].

Costa, A. (2011). *Palácio da Cidadela de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

Cultura.cascais.pt. (2019). *Bibliotecas Municipais de Cascais | Cascais Cultura*. [online] Disponível em: <https://cultura.cascais.pt/listagens/bibliotecas-municipais-de-cascais-0> [Consultado a 9 Out. 2019].

Cultura.cascais.pt. (2019). *Infografia Bibliotecas Municipais | Cascais Cultura*. [online] Disponível em: <https://cultura.cascais.pt/galerias/infografia-bibliotecas-municipais> [Consultado a 9 Out. 2019].

David, S. (2007). *Cartas de amor à Viscondessa da Luz de Almeida Garrett*. Vila Nova de Famalicão: Quasi.

Delfins (1987). *Baía de Cascais*. [CD].

Duarte, P. (2008). *Casas de Verão entre Belém e Cascais: uma leitura sobre a arquitectura do lazer através da «construção moderna»*. Tese de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa.

Duncan, J. & Gregory, D. (1999). *Writes of passage*. Londres: Routledge.

En.unesco.org. (2004). *Creative Cities | Creative Cities Network*. [online] Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/home> [Consultado a 1 Out. 2019].

En.unesco.org. (2019). *Edinburgh | Creative Cities Network*. [online] Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/edinburgh> [Consultado a 1 Out. 2019].

En.unesco.org. (2019). *Óbidos | Creative Cities Network*. [online] Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/node/370> [Consultado a 1 Out. 2019].

Estratégia Turismo 2027. (2017). [ebook] Disponível em: [https://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Estrategia\\_Turismo\\_Portugal\\_ET27.pdf](https://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Estrategia_Turismo_Portugal_ET27.pdf) [Consultado a 30 Out. 2019].

Fernandes, S. & Carvalho, P. (2017). Património e turismo literário: Leiria Queiroziana. *Imprensa Da Universidade De Coimbra*.

Fish, S. (2003). *Is there a text in this class?*. Harvard Univ. Press.

Folio Festival. (2019). *18 Outubro*. [online] Disponível em: <https://foliofestival.com/galeria/18-outubro/> [Consultado a 30 Out. 2019].

Fonseca, S., Rodrigues, P. & Fonseca, S. (2017). *Lisboa wait for me: Mafra, Sintra, Cascais: guia turístico*. Maia: Objecto Anónimo.

Fundação Eça de Queiroz.

Garrett, A. (1999). *Folhas caídas*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.

Garrett, A. (2017). *Viagens na minha terra*. Lisboa: Guerra & Paz.

Góis, D. (2003). *Descrição da cidade de Lisboa*. Lisboa: Frenesi.

Guimarães, M. & Valdemar, A. (2001). *Grandes hotéis de Portugal*. Lisboa: INAPA.

Gurriarán, J. (1939). *Real Villa de Cascaes*. [online] Facebook.com. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/RealVilladeCascaes/photos/a.500977429944114/491979070843950/?type=1&theater> [Consultado a 23 Set. 2019].

Henriques, J. (2000). *O concelho de Cascais: dos finais da monarquia aos primeiros anos da República, 1908-1914; um contributo para o estudo*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa.

Henriques, J. (2008). *Da Riviera Portuguesa à Costa do Sol: fundação, desenvolvimento e afirmação de uma estância turística: (Cascais, 1850-1930)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.

Henriques, J. (2015). *O Teatro Gil Vicente em Cascais*. [online] Cascalenses.blogs.sapo.pt. Disponível em: <https://cascalenses.blogs.sapo.pt/o-teatro-gil-vicente-em-cascais-40589> [Consultado a 3 Set. 2019].

Henriques, J. & Pacheco, C. (2012). *Branquinho da Fonseca: um escritor na biblioteca*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

Herbert, D. (2001). Literary Places, Tourism and the Heritage Experience. *Annals of Tourism Research*, 28 (2). 312–333.

Igac.gov.pt. (2019). *História - IGAC*. [online] Disponível em: <https://www.igac.gov.pt/historia> [Consultado a 9 Out. 2019].

Jafari, J. (2000). Literary Tourism. In *Encyclopedia of Tourism*. Londres/Nova Iorque: Routledge.

Jenkins, I. & Lund, K. (2019). *Literary Tourism: Theories, Practice and Case Studies*. CABI.

Lencastre, J. (1868). *Passeio de Lisboa a Cascaes*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Letria, J. (2000). *Pela cultura: a experiência de Cascais e outras reflexões*. Lisboa: Hugin.

Lopes, M. (2016). *D. Fernando II: um rei avesso à política*. Lisboa: Temas e Debates.

Manguel, A. (2017). *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. Edições Sesc.

Marques, L. (2019). The Making of the Literary City: Edinburgh, Barcelona and Óbidos. In: I. Jenkins and K. Lund, ed., *Literary Tourism: Theories, Practice and Case Studies*. CABI, 57-70.

Martins, M. (1996). *A vilegiatura marítima no século XIX: de Belém a Cascais*. Tese de Mestrado, ISCTE.

Matos, A. (2015). *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Matos, H. (2000). *Costa do Estoril: um século de turismo*. Estoril: Junta de Turismo.

Matos, I. (2018). «Portugal é um País perfeito para apostar no Turismo Literário». [online] Publituris. Disponível em: <https://www.publituris.pt/2018/07/03/portugal-um-pais-perfeito-apostar-no-turismo-literario/> [Consultado a 30 Out. 2019].

Migueis, I., Fernandes, F. & Ribeiro, R. (2017). Place Branding - Óbidos e os eventos culturais: Estudo de caso sobre Óbidos Vila Natal e Festival do Chocolate. *Revista Turismo E Desenvolvimento*, 27/28, 691-702.

Miranda, L. (1990). Quando a linha era apenas uma ideia... *A Zona* [1 Fev.].

Monteiro, C. (2019). «É tudo barato em Portugal. Temos de deixar de ser o país do baratinho e ser o país da qualidade». [online] Publituris. Disponível em: <https://www.publituris.pt/2019/10/01/e-tudo-barato-em-portugal-temos-de-deixar-de-ser-o-pais-do-baratinho-e-ser-o-pais-da-qualidade/> [Consultado a 18 Out. 2019].

Monteiro, G. (1944). *Vencidos da Vida: relance literário e político da segunda metade do século XIX*. Lisboa: Romano Torres.

Mousavi, S., Doratli, N., Mousavi, S. & Moradihari, F. (2016). *Defining Cultural Tourism*. International Conference on Civil, Architecture and Sustainable Development, Londres.

Oliveira, L. (1929). *Por terras de Portugal: paisagens: arte-costumes-roteiros*. Lisboa: Casa Portuguesa.

Oliveira, S. (2017). *Um Porto de encontro entre Turismo e Literatura*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto.

Ortigão, R. (2014). *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*. Lisboa: Quetzal.

Pacheco, C. (2004). *Tempo de Guerra: Portugal, Cascais, Estoril e os refugiados na Segunda Guerra Mundial: catálogo da exposição*. Cascais: Câmara Municipal.

Pacheco, C. (2007). *Memórias de Verão: a Costa do Sol e o Estoril nos anos 30*. Cascais: Câmara Municipal.

Pessoa, F. & Queiroz, O. (2012). *Cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Pimentel, A. (2000). *Cascaes: In Sem passar a Fronteira*. Cascais: Câmara Municipal.

Pordata.pt. (2019). *População residente média anual*. [online] Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente++m%C3%A9dia+anual-359> [Consultado a 3 Set. 2019].

Pordata.pt. (2019). *Proveitos de aposento por capacidade de alojamento total e por tipo de estabelecimento*. [online] Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Proveitos+de+aposento+por+capacidade+de+alojamento+total+e+por+tipo+de+estabelecimento-760> [Consultado a 18 Out. 2019].

Portugal, C. (2019). *Cronologia | CP - Comboios de Portugal*. [online] CP.PT | Comboios de Portugal. Disponível em: <https://www.cp.pt/institucional/pt/cultura-ferroviaria/historia-cp/cronologia> [Consultado a 3 Set. 2019].

Portugal, Estado Maior da Armada. (1989). *Homenagem da Marinha a D. Luiz Marinho e Rei*. Lisboa: Instituto Hidrográfico.

Proença, R. (1924). *Guia de Portugal*. Vol.1. Biblioteca Nacional de Lisboa.

Proust, M. (1989). *O prazer da leitura*. Campinas: Pontes.

- Queiroz, E. (1981). *Correspondência de Fradique Mendes*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Ramos, R. (2006). *D. Carlos: 1863-1908*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Rebello, L. (1999). *Garrett, Herculano e a propriedade literária*. Lisboa: Dom Quixote.
- Reis, Á. (2016). *Best of Lisboa: Cascais, Sintra, Oeiras: apenas o melhor*. Lisboa: Bestguide.
- Richards, G. & Raymond, C. (2000). Creative Tourism. *ATLAS News*, 23, 16-20.
- Richards, G. & Wilson, J. (2007). *Tourism, Creativity and Development*. Routledge: Nova Iorque.
- Rodrigues, T. & Ferreira, O. (1993). *As cidades de Lisboa e Porto na viragem do século XIX - Características da sua evolução demográfica: 1864-1930*. [ebook] Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6392.pdf> [Consultado a 3 Set. 2019].
- Rosa, M. (2001). *Encontro «Magick» de Fernando Pessoa e Aleister Crowley*. Lisboa: Hugin.
- Ruivo, M. (2014). *D. Carlos de Bragança: naturalista e oceanógrafo*. Lisboa: Instituto Hidrográfico.
- Saint-Exupéry, A. (2015). *Carta a um refém*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Santos, M., Lima, M. & Neves, J. (2005). *Cartografia cultural do concelho de Cascais*. Cascais: Observatório das Actividades Culturais.
- Saramago, J. (2016). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Porto Editora.
- Sardo, A. (2008). Turismo Literário: Uma forma de valorização do património e da cultura locais. *Egitania Scientia*, 2, 75-96.
- Sardo, A. (2009). Turismo literário: a importância do património e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional. In: *Turismo de Nichos: Motivações, Produtos Territórios*. Centro de Estudos Geográficos [da] Universidade de Lisboa, 339-352.
- Silva, A. (1959). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10ª ed. Confluência.

Silva, A. (1997). *Esboço da vida e obra de Maria Amália Vaz de Carvalho*. Lisboa: Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho.

Silva, C. (2016). *Lisboa, Cascais, Estoril, Sintra: novo livro turístico*. Forways.

Silva, R. (1988). *Cascais*. Lisboa: Presença.

Silva, R. (2010). *Arquitectura de veraneio: Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

Silveira, L. & Fernandes, P. (2013). *D. Luís*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Sousa, M. (2003). *Cascais 1900*. Lisboa: Inapa.

*UCCN Monitoring Report – Edinburgh UNESCO City of Literature*. (2017). [ebook] Disponível em: [https://en.unesco.org/creative-cities/sites/creative-cities/files/monitoring\\_reports/2017%20-%20UNESCO%20Monitoring%20Report%20-%20EDINBURGH.pdf](https://en.unesco.org/creative-cities/sites/creative-cities/files/monitoring_reports/2017%20-%20UNESCO%20Monitoring%20Report%20-%20EDINBURGH.pdf) [Consultado a 1 Out. 2019].

Viegas, J. (1940). *As comunicações de Cascais para Lisboa: terrestres, ferroviária, marítima, postal, telegráficas e telefónicas*. Cascais: Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães.

Vilarinho, L. (2008). *De Lisboa a Cascais: rostos, liberdade e medicina*.

Visitportugal.com. (2019). *Roteiros Literários*. [online] Disponível em: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/roteiros-literarios> [Consultado a 30 Out. 2019].

Watson, Nicola J. (2009). *Literary Tourism and Nineteenth-Century Culture*. Houndmills, Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Willis, I. (2018). *Reception*. Nova Iorque: Routledge.

# **APÊNDICES**

## I: FICHAS BIOGRÁFICAS DOS AUTORES

### BANHOS DE CALDAS, ÁGUAS MINERAIS E PRAIAS DE RAMALHO ORTIGÃO

#### Sobre o autor

Ramalho Ortigão nasceu no Porto, em 24 de Outubro de 1836. Passou a sua infância na zona da Foz com a avó materna, e contou com o acompanhamento pedagógico do seu tio e padrinho. Chegou a estudar Direito em Coimbra, mas acabaria por regressar às origens bem antes de terminar o curso, onde se tornou professor de francês no colégio da Lapa, instituição chefiada pelo seu pai. Ensinou futuros ilustres como foram os casos de Ricardo Jorge e Eça de Queiroz, sendo que este último viria a ser um dos seus grandes companheiros de amizade.

O percurso literário de Ramalho Ortigão tem início no *Jornal do Porto*, onde exerceu funções de cronista e jornalista. Ao longo da sua vida de escritor, aventurar-se-ia em diversos géneros, mas foi a literatura de viagens que mais o apaixonou, desde que se deixou inspirar pela leitura de *Viagens na minha terra* (1846), obra fundamental de Almeida Garrett. Estreou-se em 1868, com a publicação de *Em Paris*, testemunho que versava sobre a afamada Exposição Universal na capital francesa, que havia ocorrido no ano anterior. Escreveu igualmente sobre as suas viagens pela Holanda, Inglaterra e Brasil, mas era a percorrer o seu país que se sentia verdadeiramente realizado.

*«Gosto de correr terras, de palmilhar estradas, de parar nos alpendres ouvindo retinir o martelo no banco de pinchar; de pernoitar nas estalagens escutando histórias à lareira, de atravessar os campos e de subir os montes, ao chiar das noras, ao zoar dos moinhos, ao marulhar dos regos, no cheiro dos musgos, das estevas ou das giestas, no tempo das ceifas, no tempo das debulhas, no tempo das vindimas, no tempo da monda, da lavra e da sementeira, em todos os tempos, enfim, em que o homem renova o seu doce enlace com a terra benigna, em cujo seio tem de dormir para sempre»*

*«Tenho, sem me gabar, a sincera convicção de que, a não ser alguns viajantes de comércio, ou algum almocreve paleontológico, anterior ao dilúvio dos caminhos-de-ferro, ninguém tem calçado mais terra portuguesa do que este seu criado. A verdade é que ninguém, sobretudo, terá nela viajado com mais empenho, com mais curiosidade, com mais desinteresse, com mais amor»*

Retirado de *Viajar com...Ramalho Ortigão* (2012)

Por esta altura já Ramalho Ortigão se tinha mudado para Lisboa, onde encontrou o seu antigo aluno Eça de Queiroz, com quem iniciou uma parceria literária bastante frutífera. O resultado mais celebrado desta colaboração foi *O mistério da Estrada de Sintra* (1870), um dos principais romances da literatura portuguesa, publicado inicialmente de forma anónima, em fascículos separados do *Diário de Notícias*. Os dois assinaram também *As Farpas* (1871-82), um conjunto de folhetos icónicos de periodicidade mensal, que faziam um retrato da sociedade portuguesa, muitas vezes satírico, em todas as suas vertentes, tais como os hábitos alimentares, fenómenos sociais, ideologias, questões amorosas, etc. Eça de Queiroz escreveu a dada altura que Ramalho Ortigão «*estudou e pintou o seu país na alma e no corpo*».

Integrou o autodenominado grupo 'Vencidos da Vida', comunidade informal composta por uma série de intelectuais desalentados, grande parte deles membros da 'Geração de 70', movimento académico que visava promover a discussão assuntos de literatura, política, arte ou religião, e que acabaram silenciados pelo governo de então. Entre os mais ilustres filiados desta pequena comunidade, destacam-se Eça de Queiroz, Oliveira Martins e Carlos Lobo de Ávila. Nas palavras do historiador Gomes Monteiro, os «*Vencidos da Vida seriam todos aqueles que, impelidos pela ânsia de realizar uma obra grandiosa, embora muito conseguissem, sucumbiram, por fim, desalentados e incompreendidos, ante a doentia convicção de que "todo o emprego foi mal empregado"*» (*Vencidos da Vida: relance literário e político da segunda metade do século XIX*, 1944).

Por último, é imperioso ressaltar o papel activo e determinante exercido por Ramalho Ortigão na promoção do património nacional, ao longo dos 40 anos em que exerceu funções na Academia das Ciências de Lisboa. Orgulhoso patriota, esteve envolvido nas principais acções de promoção, deciframento e conservação do património português do século XIX, e inventariou obsessivamente inúmeros aspectos da cultura regional e nacional. Acreditava que o registo, a protecção e a exaltação da sua cultura contribuiriam decisivamente para a construção e preservação de uma identidade. Defendeu publicamente a relevância da história e da arte para uma comunidade, construindo as bases daquilo que viriam a ser os estudos do património e da museologia. Em 1896, Ramalho Ortigão enviou uma extensa mensagem à Comissão dos Monumentos Nacionais, requerendo uma reforma urgente, com vista à valorização do património nacional.

*«A decapitação oficial da nossa educação artística manifesta-se ainda de mais perto, acotovelando-nos e contundindo-nos por toda a parte, no aspecto do povo, na estética das cidades, na aparência dos prédios, na decoração das praças, das avenidas, dos cemitérios, dos jardins públicos...»*

*O culto da arte em Portugal* (1896)

Ramalho Ortigão veio a falecer em Lisboa, a 27 de Setembro de 1915. Sobre o seu génio, vale a pena citar o velho amigo Eça de Queiroz, que numa carta enviada ao poeta Joaquim Araújo ainda em 1878, escrevia o seguinte sobre Ortigão:

*«Mas a glória de Ramalho é o seu estilo e as suas concepções satíricas. É, sem dúvida alguma, o estilista mais poderoso de Portugal: tem uma linguagem viva, colorida, bem cunhada, de uma grande elasticidade e de uma grande solidez, ferindo admiravelmente, colando-se à ideia como um estofo, ao mesmo tempo prática e resplandecente»*

*Notas contemporâneas (1927)*

## Referências a Cascais

Ao percorrer a obra de Ramalho Ortigão, podemos encontrar uma mão-cheia de referências a Cascais, umas mais vincadas do que outras. Aquela que nos merece maior atenção consta do livro *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante* (1876), um manual de título esclarecedor, que nos conduz por várias zonas costeiras do país. No capítulo VII, apelidado de 'De Pedrouços a Cascais', o autor e viajante apresenta-nos uma descrição da viagem de vapor desde o Cais do Sodré, e escreve uma crónica onde detalha o património, a população, a história e as dinâmicas sociais da então vila de Cascais.

Ainda na temática balnear, destaque para a publicação de *Banhos de caldas e águas minerais* (1875), uma colectânea das termas e águas terapêuticas existentes em território nacional. Neste guia, Ramalho Ortigão traça um breve perfil das três fontes de água mineral salina muriática de Cascais: Fonte de Santo António do Estoril, Fonte da Poça e Fonte do Estoril.

Entre as diversas edições d' *As Farpas* assinadas por Ortigão, três delas versam directamente sobre Cascais. Em Outubro de 1888, num texto intitulado *O Grand-prix, vilegiatura de Cintra e de Cascaes, perfis de senhoras*, tece largos elogios ao Sporting Club, instalado no Jardim da Parada, enquanto critica o perfil antipático das senhoras elitistas que costumam socializar em frente do Casino. No mesmo mês surge nova crónica, *Últimos melhoramentos*, onde aplaude as transformações anunciadas para a zona do Estoril.

*«O sindicato de Cascais propõe-se transformar o lindo arrabalde do Estoril, onde junto da praia há uma rica nascente de água termal em vila de banhos e de águas no moderno tipo elegante de Wiesbaden, de Trouville ou de Saint Sebastien. Seria isto, a realizar-se o último dos grandes benefícios com que nos últimos tempos nos tem cumulado a Providência. Desde que se decidiu para todos os efeitos que isto é um alegre desfazer de feira, que depois de nós pode vir o dilúvio quando for servido, porque a gente vai acabar com o resto que há para perder o mais velozmente que ser*

*possa – desde que esta decisão se tomou por acordo geral e a contento de maior número -, Estoril-les-Bains, tornou-se para nós uma necessidade social»*

*As Farpas (1888)*

No ano seguinte, Ramalho Ortigão conta-nos o episódio do falecimento do Rei D. Luís, com a Cidadela de Cascais como pano de fundo, em *Aspectos vários da sociedade, da política, da administração* (1889). O seu sucessor, o Rei D. Carlos, mereceu o reconhecimento e a admiração ramalhiana, que o via mais como um artista do que como figura máxima da realeza nacional.

*«O que ele elege do mundo e da natureza para no afago da transcrição artística concretizar a sua pessoal maneira de sentir e de pensar perante a misteriosa sugestão das coisas, é o mar da costa de Portugal, é o estuário do Tejo, é a baía de Cascais e é a sua província do Alentejo na mais rústica e mais popular expressão da simples vida agrária»*

*S. M. El-Rei Dom Carlos I e a sua obra artística (data desconhecida)*

Por último, uma breve menção ao texto *A obra de ventura terra* (1903), em que Ramalho Ortigão critica fortemente o estado da evolução urbanística no Monte Estoril.

*«Estávamos neste importante ramo da arte pública sob o regime patológico da insânia.*

*O Monte Estoril, por exemplo, é um aflitivo manicómio de prédios, onde cada casa manifesta a sua especial mania. Uma julga-se chinesa, outra suíça, outra gótica, outra normanda: esta supõe-se castelo feudal, e tem ganas de pôr besteiros de bacinete e loriga por detrás das suas ameias; aquela imagina-se modesta e idilicamente, pequena granja de Nuremberga, e vê-se que sonha em colocar à porta uma vaquinha leiteira...empalhada. Raríssimos naquele horto psiquiátrico os prédios com o aspecto estrutural e decorativo de serem aquilo que todos aqueles teriam restrita obrigação de parecer – singelas, confortáveis, risonhas habitações de honestos burgueses de Lisboa, que para aí vão no Verão tomar banhos de mar com a sua família»*

*A obra de ventura terra (1903)*

## O ROMANTISMO DE ALMEIDA GARRETT

### Sobre o autor

Figura precursora do Romantismo em Portugal, João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu no Porto, a 4 de Fevereiro de 1799. Os primeiros anos do século XIX coincidiram com a sua infância, marcada por uma forte influência do seu tio bispo, que o introduziu a uma carreira eclesiástica. Atraído pelos ensinamentos que daí decorriam, Almeida Garrett abraçou o início do que parecia ser uma promissora vida de missão religiosa, e aprendeu entusiasticamente latim, literatura clássica e filosofia moderna ainda numa tenra idade.

Aos 13 anos, a família decide mudar-se para a ilha Graciosa, de forma a escapar ao período conturbado que se vivia no continente, com as invasões francesas. É durante estes anos passados nos Açores que Almeida Garrett revela um perfil inquieto, e tanto a pequena ilha como o universo clerical começam a ser pequenos para o seu espírito ávido. Regressa ao continente em 1817, para se matricular em Leis, na cidade de Coimbra.

Desde muito cedo que Almeida Garrett procurou assumir um papel bastante activo na esfera política, acabando por estar envolvido em vários momentos emblemáticos da política nacional do século XIX. Defensor aguerrido do movimento liberalista constitucionalista que reconhecia D. Pedro IV como legítimo sucessor de D. João VI, exilou-se em Inglaterra e França aquando dos primeiros triunfos da facção absolutista, a favor de D. Miguel I. Anos depois, retoma a sua vida política em Portugal, e torna-se um dos opositores mais ferozes do governo liderado por Costa Cabral. Após a destituição do então presidente, Garrett vira peça importante da Regeneração, período político que visa a modernização do país, através de uma estratégia de obras públicas e aumento da fiscalização.

Entre as principais proezas políticas de Almeida Garrett, releva-se a criação do Conservatório de Arte Dramática, e do Teatro Nacional D. Maria II, acções integrantes da reforma de instrução pública, levada a cabo em finais da década de 1830, assim como a autoria da primeira lei sobre a propriedade literária e artística.

No campo das letras, Almeida Garrett ficará para sempre notabilizado como o introdutor do Romantismo em Portugal, movimento artístico que alastrou pela Europa a partir da segunda metade do século XVIII, e que encontrou expressão na literatura através de uma abordagem sentimental, em prol da natureza e das sensações, rompendo com a norma clássica existente. Da rica bibliografia publicada de Garrett, o romance *Viagens na minha terra* (1846) é considerado

por muitos o expoente máximo da sua carreira literária. Narra na primeira pessoa uma viagem do autor pelo Ribatejo, aproveitando para deixar críticas à sociedade da altura, e aventurando-se no estilo de literatura de viagens que veio a inspirar outros tantos escritores. Nota de destaque merecem também as inúmeras peças de teatro assinadas (*Um Auto de Gil Vicente, Frei Luís de Sousa, Falar Verdade a Mentir...*), muitas delas colocadas em cena pela primeira vez no espaço que ele próprio ajudou a fundar, o Teatro Nacional D. Maria II. No género da poesia, não podemos ignorar a publicação de *Folhas Caídas* (1853), obra essencial do Romantismo português, e que reflecte o amor incondicional que sentia pela comprometida Viscondessa da Luz.

Almeida Garrett faleceu em Lisboa, a 9 de Dezembro de 1854, vítima de cancro hepático, e os seus restos mortais foram entretanto trasladados para o Panteão Nacional.

### Referências a Cascais

A relação de Almeida Garrett com Cascais está intrinsecamente ligada a questões do coração. Em meados da década de 1840, o escritor conheceu num baile Rosa de Montufar Infante, esposa do amigo e Visconde da Luz, o oficial do exército Joaquim António Velez Barreiros. Natural de Cádiz, e dezasseis anos mais nova, a Viscondessa da Luz deixou Garrett completamente apaixonado, e não tardou muito a retribuir este amor proibido. Os dois trocavam inúmeras cartas, e encontravam-se furtivamente em diversos locais entre Oeiras e Cascais. A obra *Cartas de Amor à Viscondessa da Luz* (2007), organizada por Sérgio Nazar David, reúne e contextualiza algumas dessas cartas.

Um ano antes do seu falecimento, Garrett publica *Folhas Caídas* (1853), livro de poemas que contém variadíssimas referências mais ou menos ocultas à Viscondessa da Luz. As palavras «rosa» e «luz» surgem por diversas vezes ao longo da obra, e embora a edição inaugural da obra tivesse surgido sem indicação do autor, rapidamente se chegou a Garrett. O reconhecido génio era indisfarçável. Um desses poemas intitula-se «Cascais».

### CASCAIS

*Acabava ali a terra  
Nos derradeiros rochedos,  
A deserta árida serra  
Por entre negros penedos  
Só deixa viver mansinho  
Triste pinheiro maninho.*

*E os ventos despregados  
Sopravam rijos na rama,  
E os céus turvos, anuviados,*

*O mar que incessante brama...  
Tudo ali era braveza  
De selvagem natureza.*

*Ali na quebra do monte,  
Entre uns juncos malmedrados,  
Seco o rio, seca a fonte,  
Ervas e matos queimados,  
Aí nessa bruta serra,  
Aí foi um céu na terra.*

*Ali sós no mundo, sós,  
Santo Deus! como vivemos!  
Como éramos tudo nós  
E de nada mais soubemos!  
Como nos folgava a vida  
De tudo o mais esquecida!*

*Que longos beijos sem fim,  
Que falar dos olhos mudo!  
Como ela vivia em mim,  
Como eu tinha nela tudo,  
Minha alma em sua razão,  
Meu sangue em seu coração!*

*Os anjos aqueles dias  
Contaram na eternidade:  
Que essas horas fugidias,  
Séculos na intensidade,  
Por milénios marca Deus  
Quando as dá aos que são seus.*

*Ai! sim, foi a tragos largos,  
Longos, fundos, que a bebi  
Do prazer a taça — amargos  
Depois...depois os senti  
Os travos que ela deixou...  
Mas como eu ninguém gozou.*

*Ninguém: que é preciso amar  
Como eu amei — ser amado  
Como eu fui; dar, e tomar  
Do outro ser a quem se é dado,  
Toda a razão, toda a vida  
Que em nós se anula perdida.*

*Ai, ai! que pesados anos  
Tardios depois vieram!  
Oh! que fatais desenganos,  
Ramo a ramo a desfizeram  
A minha choça na serra,  
Lá onde se acaba a terra!*

*Se o visse... não quero vê-lo  
Aquele sítio encantado;  
Certo estou não conhecê-lo,  
Tão outro estará mudado,  
mudado como eu, como ela,  
Que a vejo sem conhecê-la!*

*Inda ali acaba a terra,  
Mas já o céu não começa;  
Que aquela visão da serra  
Sumiu-se na treva espessa  
E deixou nua a bruteza  
Dessa agreste natureza.*

*Folhas Caídas (1853)*

## A VILA D. PEDRO DE MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

### Sobre a autora

Durante um período político nacional conturbadíssimo, na ressaca da queda do governo de Costa Cabral, nasceu uma das escritoras mais influentes do século XIX. A 2 de Fevereiro de 1847, em Lisboa, no seio de uma família com raízes aristocráticas, Maria Amália Vaz de Carvalho deu-se a conhecer ao mundo.

Dada à inexistência de escolas para estudantes do género feminino, foi educada em casa pela mãe, beneficiando de um ambiente familiar intelectualmente privilegiado. Aos quinze anos, muda-se com a família para o Palácio de Pintéus, em Santo Antão do Tojal, Loures. Por lá, apesar do afastamento da cidade, muitas foram as tertúlias que o pai promovia em casa com notáveis personalidades da época, amenizando dessa forma o isolamento que a nova residência poderia proporcionar.

Maria Amália Vaz de Carvalho estreou-se através da poesia, mas seria a prosa o género que mais a consagraria. Em 1871, apaixonou-se perdidamente pelo livro de poemas *Miniaturas*, da autoria de Gonçalves Crespo, e acaba por se enamorar pelo próprio poeta. Depois de uma troca de correspondência romântica e idealista, digna de amantes da poesia, os dois casam-se em 1874. Todavia, acorda com a irmã, também recém-casada, continuar a acompanhar a mãe viúva em Pintéus, enquanto os maridos de ambas não concluíssem os seus compromissos académicos em Coimbra.

Em 1877, uma tia de Maria Amália compra o Palácio, e o casal decide mudar-se para Lisboa. É por esta altura que a escritora enceta um ritmo de produção literária frenético, que incluiu o início de uma colaboração de longa duração com o *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro. Seguiu igualmente o exemplo do pai, e passou a organizar diversas tertúlias em sua casa, com algumas das principais figuras literárias de então.

Seis anos após o regresso a Lisboa, um conjunto de acontecimentos trágicos vem abalar fortemente o espírito sonhador que Maria Amália ainda preservava. O marido Gonçalves Crespo não resiste a uma tuberculose, deixando-a grávida do terceiro filho, que por sua vez, também viria a falecer durante o nascimento. Além disso, descobriu uma série de cartas que indiciavam a infidelidade do falecido marido, algo que viria a deixar uma marca emocional profunda no seu âmago.

Não lhe restou outra opção senão continuar a trabalhar exaustivamente, de modo a conseguir sustentar os dois filhos que tinha a cargo. O apoio dos amigos e da família terá sido fundamental para enfrentar a angústia que Maria Amália

sentia. Muitos acolhiam-na nos seus lares, e a sua própria casa, na Travessa de Santa Catarina, voltou a ser um ponto de encontro para ilustres individualidades, mais vigoroso do que nunca.

No processo de apaziguamento emocional, muito contribuíram as suas estadias recorrentes em Cascais, junto da companhia do seu grande amigo, o historiador Oliveira Martins. Em finais do século XIX, a escritora começa finalmente a ser alvo de reconhecimentos e distinções oficiais. Pela sua detalhada biografia de três volumes intitulada *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein* (1898-1903), a Duquesa de Palmela, amiga e frequentadora assídua das suas tertúlias, oferece-lhe uma casa em Cascais (Vila D. Pedro, na Rua Fernandes Tomás, nº1), e o pagamento de uma pensão. Assim, teria um sítio para combater os constantes problemas de saúde que a assolavam.

Todavia, o casamento dos filhos, a morte consecutiva de amigos próximos, e a sua saúde débil, conduzem-na a uma etapa final da vida envolta em solidão e desencantamento. Manifestou publicamente o seu desapontamento contra o fim da monarquia, e foi já em regime republicano que Maria Amália Vaz de Carvalho tornou-se a primeira mulher eleita para integrar a Academia das Ciências de Lisboa, em 1912.

Da sua obra sobressai uma forte preocupação com a condição feminina na sociedade portuguesa, ideia que atinge o expoente máximo em *Cartas a Luísa* (1886), um dos principais trabalhos da escritora. Nele podemos encontrar um conjunto de cartas endereçadas à sua amiga Luísa de Almeida Albuquerque, onde nos são apresentadas reflexões arrojadas sobre o casamento, a inclusão de mulheres nas escolas, educação para a emancipação feminina, e muitos outros tópicos demasiado vanguardistas para uma sociedade portuguesa de finais do século XIX. Esta valorização incansável da questão feminista mereceu-lhe a atribuição do seu nome ao primeiro liceu feminino nacional, inaugurado em 1933.

Maria Amália Vaz de Carvalho faleceu a 24 de Março de 1921, na sua casa de Lisboa.

### **Referências a Cascais**

Em virtude do momento emocional difícil que se seguiu ao falecimento do seu marido, Maria Amália Vaz de Carvalho ganhou o hábito de passar temporadas em Cascais, perto do Parque Marechal Carmona, ou então na casa da amiga, a Duquesa de Palmela. Encontrou conforto junto do seu grande amigo, o historiador Oliveira Martins, por quem nutria uma forte admiração. Os ares da maresia de Cascais eram revigorantes para a escritora, e os amigos com quem

se deparava por lá, também despertavam esse efeito positivo. Embora não pertencesse oficialmente ao grupo de ilustres auto-intitulado 'Vencidos da Vida', exclusivamente masculino, Maria Amália Vaz de Carvalho conviveu de perto com vários dos seus integrantes, como foram os casos de Ramalho Ortigão ou de Eça de Queiroz. Pelo contributo histórico fundamental que significou a publicação da *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein* (1898-1903), a Duquesa de Palmela acabaria por agraciá-la com a oferta da Vila D. Pedro, habitação localizada na Rua Fernandes Tomás, nº 1.

No livro *Pelo mundo fora* (1896), Maria Amália Vaz de Carvalho recorda os tempos passados em Cascais com Oliveira Martins, aludindo para a debilitação da saúde do amigo.

«Feridos os dois por uma doença traiçoeira que se apresentava no empobrecido organismo de ambos, igualmente ameaçadora de morte próxima e que para ele tão cedo realizou a negra ameaça, ambos tínhamos partido com diferença de dias apenas para Cascais.

Eram contíguas as casas que habitávamos, davam ambas para o lindo parque que o falecido Visconde de Gandarinha ali plantou luxuosamente. [...] avistava-se, das janelas dos dois convalescentes, o mar, o grande mar azul, em que Oliveira Martins lera tão comovedoramente a lenda do nosso destino nacional, a história gloriosa e trágica da vida e da morte da Pátria Portuguesa. [...]

Menos abatido de espírito, e mesmo de corpo, que eu, era ele quem, descendo a escada da sua casa e subindo a da minha, vinha sentar-se na pequenina sala onde eu quotidianamente esperava aquela visita deliciosa. [...]

Falávamos de tudo. Mais, no entanto, do presente que do passado. Era nobre, glorioso, épico o passado? De certo!

Mas que importava, se estava inteiramente extinto para nós»

*Pelo mundo fora* (1896)

## A CALÇADA DA ASSUNÇÃO EXALTADA POR ALBERTO PIMENTEL

### Sobre o autor

Qualquer tentativa de exercício biográfico sobre Alberto Pimentel revelar-se-á forçosamente incompleto, tendo em consideração o seu espírito incansável, que se traduz numa vastíssima obra literária e numa participação activa na vida pública. Tudo soa a síntese quando procuramos saber mais sobre a vida de uma das figuras mais fecundantes da literatura portuguesa. Ainda assim, segue o esforço de condensar o riquíssimo e heterogéneo percurso de Alberto Pimentel em poucos parágrafos.

Alberto Pimentel nasceu no Porto, na noite de 14 de Abril de 1849. Filho de um médico-cirurgião, começou por dividir a sua infância entre a cidade-natal e Cinfães, onde o pai era proprietário de uma quinta. Sem acesso a formação académica superior por motivos económicos, sentiu-se desde muito cedo impelido para a escrita, e estreou-se pela primeira vez aos 14 anos, com a publicação de um pequeno jornal original intitulado *Tentativas literárias* (1863). Mais tarde, passou a assumir funções como tradutor no *Jornal do Porto*, onde arrisca publicar regularmente fascículos do seu primeiro romance *O testamento de sangue* (1872). Conheceu o sucesso comercial pouco depois com os romances *O anel misterioso* (1873) e *À porta do paraíso* (1873). Desde então, continuou a edificar a sua produção literária a um ritmo arrebatador, nos mais variados registos.

Cândido de Figueiredo, personalidade incontornável no estudo da linguística, e escritor contemporâneo de Alberto Pimentel, reconheceu-lhe bem cedo essa polivalência:

*«O conhecimento da língua, habilita-o para amoldar a pena, sem grande esforço, aos mais diversos e difíceis assuntos. Não é um sábio, não é um historiador, não é um luminar da pedagogia, e contudo tão facilmente decanta as folhas de um lírio como escreve um livro de história, um relatório escolar, uma monografia criminal, um artigo de polémica. Isto depende essencialmente de um largo conhecimento e exercício da boa linguagem, em que pese a muitos, que muito escrevem e pouco estudaram a língua que escrevem.»*

*Fotografias de Lisboa (1874)*

Alberto Pimentel escreveu sobre Camilo Castelo Branco, um dos romancistas mais relevantes de toda a literatura portuguesa, e sua principal referência, escreveu obras históricas sobre as amantes de D. João V, a corte de D. Pedro IV e também sobre os devaneios de D. Álvaro Pires de Castro, primeiro marquês de Cascais. Dissertou acerca das raízes do fado e dos cantares minhotos, e até publicou pequenas crónicas relacionadas com a origem da inclusão do chá e da

broa na alimentação da população. Assinou também bastante literatura de viagem em jeito descontraído, assinalando a sua passagem por localidades que lhe eram queridas, tais como o Porto, Santo Tirso, Lisboa, Ericeira e Cascais, entre outras. Este era um género que lhe aprazia particularmente, pelo gosto declarado em explorar o seu país:

*«Eu gosto principalmente de viajar no meu país, quisera, se isso fosse possível, visitar todas as aldeias, por mais remotas e sertanejas que fossem; gosto de conhecer as tradições locais, de conversar com os camponeses ao serão; de procurar os pontos de vista; não me esquivo ao incómodo de subir ao topo de um monte, de atravessar uma serra cavalgando num burrinho; mas quero que me cubra o céu português, o céu sob o qual eu nasci e amei e espero morrer; quero ouvir falar a minha doce língua, ver os monumentos da minha pátria, sentar-me melancólico, no fim da tarde, à beira de um caminho ou de um rio, podendo contudo dizer à minha alma que não está só, que estou na minha terra, em Portugal.»*

*Viagens à roda do código administrativo (1879)*

Entre romances, poesias, contos, crónicas, estudos históricos, e outros géneros menos catalogáveis, Alberto Pimentel é dono de uma extensíssima obra que ultrapassa as duas centenas de publicações em meio século de carreira literária, algo apenas comparável ao seu ídolo Camilo Castelo Branco, ou a Teófilo Braga. Contudo, o seu perfil laborioso evidenciou-se muito para além do domínio da literatura, tendo assumido uma participação assídua e prolífera na administração pública e na intervenção política. Foi membro do Partido Regenerador, e um dos fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa, entre vários outros cargos públicos de importância, um pouco por todo o território nacional. Um crítico anónimo chegaria mesmo a pronunciar-se por escrito acerca desta sua faceta:

*«O senhor Alberto Pimentel quer ser tudo, [...] e daqui resulta que, querendo ser tudo, o senhor Pimentel não é por enquanto coisa alguma nas lusitanas letras. [...] Quanto melhor não fora que o senhor Alberto Pimentel pensasse apenas em ser poeta, ou em ser jornalista, ou em ser regenerador. Havia de valer alguma coisa, pois que nós não duvidamos um momento do apregoado talento do Sr. Pimentel. Mas com a mania de querer ser tudo, de querer falar e escrever sobre tudo, há-de cada dia ver mais distante a sua porta para a Posteridade.»*

*Revista A Ilustração (Setembro de 1884)*

Desta forma, Alberto Pimentel conseguiu antecipar um certo esquecimento da obra e do seu autor, que se continua a acentuar com o passar dos anos. Faleceu em Queluz, a 19 de Julho de 1925, aos 76 anos, deixando três filhos.

## Referências a Cascais

Na obra de Alberto Pimentel, as principais menções a Cascais podem ser encontradas numa das suas habituais leves crónicas de viagens. Em *Sem passar a fronteira* (1902), o autor congrega muitas dessas aventuras pelo país que tanto prezava, dedicando o segundo capítulo do livro inteiramente a Cascais, com uma junção de vários artigos e folhetos de publicações periódicas. No capítulo intitulado *Cascaes*, Alberto Pimentel relata episódios relacionados com a concorrida época balnear da localidade, aproveitando para enaltecer as praias que Cascais tem para oferecer. Com muito humor à mistura, descreve a excursão de um grupo de alentejanos oriundos de Estremoz, derrete-se pela Calçada da Assunção (actual Rua Marques Leal Pancada) e por uma pastelaria tradicional, e classifica os quatro tipos de maridos existentes em Cascais (o roda-viva, o metódico, o plantão e o rebelde).

«Quem se der a observar a vida das praias, reconhecerá facilmente que têm de ser classificados em várias categorias os maridos, que são obrigados à perpetração do que geralmente se chama “a estação balnear” [...] O marido roda-viva é aquele que todos os dias vai à sua repartição ou ao seu escritório, pretextando o rigor burocrático ou a afluência de negócios. [...] O marido metódico é aquele que arranja as suas coisas de modo que só tem que ir uma vez por semana a Lisboa, sempre no mesmo dia. [...] O marido plantão é o que, durante a temporada da praia, não sai de ao pé da família. Sabe tudo o que se passa em casa e fora de casa. [...] O marido rebelde é aquele que vem buscar a Cascais a folia, que neste momento lhe faltaria em Lisboa. Trouxe a família como bagagem. Pô-la em casa e saiu logo para a rua. A família que se divirta, que ele trata de fazer o mesmo.»

*Sem passar a fronteira* (1902)

No livro *Manhãs de Cascais* (1893), embora existam variadíssimas menções ao ambiente de praia em grande parte das crónicas que compõem a obra, e mesmo considerando o título aparentemente evidente, este não reúne quaisquer referências claras a Cascais, ao contrário do que sucede com as praias da Nazaré, por exemplo, citadas amiúde.

Por último, é necessário ressaltar na vida literária de Alberto Pimentel o livro *Um português derretido: A pitoresca história de D. Álvaro Pires de Castro, 1º marquês de Cascais* (data desconhecida). Trata-se de uma crónica histórica sobre o afamado marquês de Cascais, lembrado por (entre outras excentricidades) esbanjar riqueza na sua visita à família real francesa, e queimar literalmente dinheiro e incenso aos pés de Ana de Áustria, esposa do rei Luís XII e rainha da França na primeira metade do século XVII. Várias das suas peripécias estão devidamente registadas neste livro, incluindo um curioso episódio que tem lugar em Cascais e envolve figos e um vizinho judeu.

## **Transcrição da história dos figos**

*«Vivia em Cascais um rico judeu com quem o marquês coudel-mor tinha relações de boa vizinhança, não obstante a firmeza dos seus sentimentos religiosos.*

*O judeu possuía belas figueiras, árvore muito vulgar em Cascais, e costumava enviar ao marquês os melhores figos que elas produziam, a título de galantaria para com o nobre donatário da vila. Os figos iam logo de manhã numa bandeja de ouro, para serem comidos ao almoço.*

*Não se admirava o marquês do bom sabor daquela fruta, porque também lá possuía figueiras que a davam excelente; mas espantava-se que os figos do judeu tivessem um tal ou qual olor que acirrava o apetite.*

*Tirando da estante o Banquete que Apolo hizo a los embaxadores, publicado pelo licenciado Bracamonte poucos anos antes, o coudel-mor lia por várias vezes esta passagem:*

*No tienen los higos olor alguno, mas no me espanto pues luego al nascer la naturaleza los expuso a las inclemências del tiempo, negandoles el comum abrigo de las flores, camareras del olor, y mantillas de los otros fructos.*

*- Pateta de licenciado! – Concluía o marquês. – Quem te manda a ti, sapateiro, tocar rabeção? Então não há figos com cheiro?! Pois vem cheirar estes do judeu!*

*E lisonjeava-o a delicada lembrança do vizinho, que para enviar o presente mandara de propósito fazer a bandeja de ouro, como se quisesse significar deste modo que os figos destinados ao estômago do antigo embaixador à corte de França não podiam ter contacto com outro metal que não fosse o de maior valor e estimação.*

*Mas o judeu não perdera, apesar das atenções que o marquês lhe dispensava, o ódio de raça atizado pelo fanatismo religioso, que desde D. Manuel lavrava fundo entre os hebreus perseguidos e os portugueses perseguidores. Por vingar os torresmos dos seus irmãos em Israel, queimados nos autos-de-fé, o judeu lembrou-se de passar os figos, no primeiro dia em que os mandara, pelo imundo ilhó da rabadilha. E decerto riu muito consigo mesmo quando o marquês, agradecendo o presente, lhe gabou o estranho aroma dos figos. Nos dias seguintes, para não desvalorizar o mimo da fruta, repetiu a operação, e o resultado continuou a ser excelente.*

*A Santa Inquisição, talvez por qualquer delito menor que a fricção dos figos no sesso, fígou o judeu, meteu-o nos cárceres do Rossio, instaurou-lhe processo. Ia o marquês intervir em favor do seu vizinho israelita, como testemunha abonatória dele, quando um criado do preso, também posto a tratos na Inquisição, denunciou aos inquisidores o caso dos figos. O tribunal horrorizou-se da estupenda judiaria praticada em detrimento de um piedoso e nobilíssimo fidalgo português. Mas o coudel-mor, que sabia o que eram criados, não acreditou a denúncia, confiando mais na finura do seu olfacto do que no depoimento do denunciante. A agravante dos figos foi mais um combustível lançado à fogueira que esperava o judeu.*

*Segundo o estilo da corte, o marquês de Cascais acompanhou o rei ao edificante espectáculo do auto-de-fé. Se não devesse assistir por obrigação de classe, teria ido de motu próprio para mostrar ao hebreu, com a sua presença, que não dava maior crédito à história dos figos. Na Igreja de S. Domingos, o coudel-mor chegou-se à beira do judeu, que de carocha e sambenito aguardava resoluto o terrível momento de começar a arder, e perguntou-lhe:*

*- Ó velhaco, tu fizeste aquilo dos figos?*

*E o judeu respondeu com cínica firmeza:*

*- Fiz, Sr. Marquês. Como V. Ex.<sup>a</sup> os achou bons da primeira vez que me lembrei de perfumá-los assim, julguei que para maior deleite de V. Ex.<sup>a</sup> devia continuar a passá-los pelo mesmo sítio antes que V. Ex.<sup>a</sup> os comesse.*

*O judeu falou alto e bom som, para se mostrar impenitente na morte e intransigente sectário de Moisés.*

*Naturalmente, o dominicano pregador lembrou do púlpito abaixo a abominável zombaria de um hebreu, cujo esfíncter merecia ser empalado por um tição infernal.*

*Tomou ainda maior vulto o caso dos figos, que tiveram as honras de locução proverbial para exprimir uma injúria feita sob color de obséquio. «Figos de Cascais» equivalia a dizer – o travo da ironia envenenado a doçura de uma gentileza.»*

*D. Álvaro Pires de Castro, 1º marquês de Cascais (data desconhecida)*

## O CHALET LEITÃO DE RUBEN A.

### Sobre o autor

Nascido no centro de Lisboa, a 26 de Maio de 1920, Ruben Alfredo Andresen Leitão, conhecido no universo literário apenas por Ruben A., mudou-se ainda em criança com a família para o Porto, por motivos de ordem financeira. Cresceu livremente sem os limites que as cidades impõem, na Quinta do Campo Alegre, onde é hoje o Jardim Botânico do Porto. As férias de Verão eram passadas muitas vezes em Cascais, no Chalet Leitão (actual N.º 106 da Av. D. Carlos I), e foi lá que criou juntamente com o seu primo Ruy Leitão, o jornal *O Falcão de Prata*, um pequeno projecto que simbolizou a primeira incursão literária de Ruben A.

Ao atingir a maioridade, os pais ofereceram-lhe uma viagem pela Europa, prémio decorrente de um contrato de seguro que haviam celebrado anos antes. Esta aventura acabaria por marcar profundamente o jovem Ruben A., que se deparou com uma Europa alarmante em vésperas da Segunda Guerra Mundial. No Verão de 1938, percorreu várias cidades alemãs, viveu a boémia de Bremen, Munique e Berlim, mas foi no decurso da sua estadia na Áustria que tropeçou numa realidade desconhecida e incompreensível.

*«A senhora, na tranquilidade de muitas gerações, muito elegante, cheia de bom francês quando eu não percebia o vienense, servia-me mais chocolate e perguntava coisas de Portugal, onde havia estado nos últimos tempos da Monarquia. Comecei então a apaixonar-me pela Áustria, pelos Judeus, por estas duas amigas que o acaso quis oferecer-me numa lei do menor esforço. De momento, na inconsciência que vivia, percebi o drama profundo da ocupação, de um povo relegado à tragédia, à brutalidade, ao mando de um estranho que comandava para a fossa humana quem não colaborasse na corrupção do poder. Quando ela me disse que dois sobrinhos haviam sido levados de casa por uma tropa de SS, eu fiquei com a fala truncada. Um mundo inédito surgia a meus olhos, um mundo que os jornais da minha terra não contavam. As levas de judeus – e que lepra tinham eles por terem nascido judeus? – as levas em comboios de mercadorias para as câmaras de esterilização, para campos de concentração, para gases, para o horror – aquela noite surgia para mim como um dos momentos em que se abre no crânio um novo aposento iluminado por uma luz que jorra sobre anos sem fim, uma repugnância e uma resistência a toda a expressão de força sem culpa formada»*

*O mundo à minha procura Vol. II (1966)*

Pouco depois de regressar a Portugal, Ruben A. muda-se com a família para a Lisboa, e faz o exame de admissão à Faculdade de Direito de Lisboa. Após ter reprovado, recorre aos ensinamentos do professor Agostinho da Silva, figura decisiva para o seu desenvolvimento cultural. As aulas particulares tiveram o resultado pretendido, visto que Ruben A. passou nos exames de admissão

seguintes, e inscreveu-se no Curso de Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras de Lisboa. O Chalet Leitão volta a ser parte integrante da sua vida, ao virar palco de tertúlias com ilustres colegas como Almada Negreiros, António Duarte, ou Barata Feyo, aos Domingos e nas férias grandes. Por lá passaram também alguns refugiados que se tornaram amigos, e que representavam uma ínfima parte da massa populacional a tentar escapar às atrocidades de uma Europa em pleno conflito bélico. Reaviva-se o sentimento desolador que Ruben A. havia experienciado inicialmente na sua aventura pela Europa.

*«Falava-se da guerra com mais certeza, muitos com certa vontade, o que contrariava um pouco o espírito pacífico do português. Os refugiados surgiam por aqui, traziam um não-sei-quê de fim, de abandono total; massa amorfa, misturada, onde trigo e joio se tornava difícil de distinguir. Uma chusma que dos antros europeus começava a marchar para esta plataforma ibérica, viajava na companhia de famílias, e de famílias que para sempre abandonavam teres e haveres, outros ainda traziam somente saudades de um restolho que ficava para trás. A nossa visão raro caía na desgraça, caía nos automóveis espampanantes de matrícula, nas fêmeas de apetite, nas delicadas parceiras para todos os jogos, nos últimos encontros que a vida queria trazer ao nosso dia-a-dia. Se alguns desses seres eram espíões, visitados por maridos hipotéticos, se umas empacotavam lembranças, certas de quem nunca mais se vê, outras ficavam para sempre na memória como pessoas diferentes, que nos tratavam cheias de mimo, talvez por estarem numa terra neutra e quererem um pouco de amor que lhes escapava na origem»*

*O mundo à minha procura Vol. II (1966)*

Mal tinha começado o seu percurso académico, Ruben A. recebe ordem para fazer a recruta militar em Penafiel, e só terminaria a licenciatura anos mais tarde, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Começa como professor de escolas comerciais em Lisboa e no Porto, mas rapidamente emigra para Londres em 1947, numa viagem quase existencial, na qualidade de bolseiro do Instituto para a Alta Cultura de Lisboa. É em Inglaterra que Ruben A. dá início à sua produção literária, e inaugura a sua actividade de cronista no *Diário de Popular*. No entanto, a publicação do livro *Páginas II* (1950), um trabalho biográfico que narra muito da Inglaterra onde vive, consegue obter a atenção negativa por parte do Presidente do Conselho de Ministros, António de Oliveira Salazar, e sucessivas pressões ditam o seu regresso a Portugal.

Ao mesmo tempo que construía a sua obra literária, Ruben A. assumiu funções na Embaixada do Brasil, foi conservador do Instituto de Cultura Brasileira da Faculdade de Letras de Lisboa, cronista do *Expresso*, administrador da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, e director-geral dos assuntos culturais do Ministério da Educação e da Cultura.

Entre a lista de livros publicados, evidenciam-se o romance *A Torre da Barbela* (1965), de um absurdo e impressionismo contagiante, visto por muitos como uma obra essencial da literatura portuguesa do século XX, e *Kaos* (1982), romance em tom de paródia publicado postumamente. Noutro registo, urge referenciar *O mundo à minha procura* (1964, 1966 e 1968), uma autobiografia em três volumes que é sobretudo o retrato lúcido e cativante de uma época, e que vai para além das fronteiras nacionais.

Na noite de 26 de Setembro de 1975, o primo da poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen sofreu um enfarte do miocárdio fatal, três dias após ter chegado a Londres, para voltar a ser professor, desta feita na Universidade de Oxford.

### **Referências a Cascais**

Na obra de Ruben A., Cascais surge quase exclusivamente na sua autobiografia em três volumes, *O mundo à minha procura* (1964, 1966 e 1968). As referências ao Chalet Leitão repetem-se, onde passou férias e fins-de-semana desde criança, acompanhado inicialmente por familiares, depois por colegas da faculdade, e mais tarde, recebendo vários refugiados da Segunda Guerra Mundial. Dias de sol na praia da Conceição, ou até no Guincho, tardes passadas a jogar ténis no Sporting Club de Cascais, visitas ao Casino, passeios de barco, paixões de Verão, nada ficou por fazer.

*«Pela manhã cedo saía do Chalet Leitão – espécie de central humana de camionagem – e do cais embarcava directo com os primos para a praia da Conceição. Dias e dias iguais, perfeitamente iguais, nortadamente iguais. Dias simples, sem nuvens, dias ainda sem destruição, dias que comandavam o vasto azul que de tempos a tempos surgia cortado por um hidroplano do Bom Sucesso, talvez trazendo o Paulo Viana a bordo e amarando mesmo ao pé da nossa cabeça»*

*O mundo à minha procura Vol. II (1966)*

## AS BIBLIOTECAS ITINERANTES DE BRANQUINHO DA FONSECA

### Sobre o autor

Filho de Tomás da Fonseca, escritor e militante republicano, António José Branquinho da Fonseca nasceu em Mortágua, distrito de Viseu, a 4 de Maio de 1905. A sua infância coincidiu com um período de actividade política intensa, gerado pela afirmação do regime republicano, circunstância que iria ocupar muito do tempo do seu pai, e obrigá-lo a passar temporadas em casas de familiares em Viseu, Lisboa e na Parede. Assentaria em Coimbra, onde terminou o liceu e o Curso de Direito.

Durante o seu percurso universitário, Branquinho da Fonseca tornou-se grande amigo de José Régio e João Gaspar Simões, dois nomes que também viriam a traçar um caminho notável na literatura nacional. O trio fundaria em 1927 a revista *Presença*, fortemente influenciado pelo modelo da emblemática *Orpheu* (1915), lançando as bases para o que seria considerado o segundo momento do modernismo literário português. Três anos antes, tinham feito parte da fundação da revista *Tríplico*, publicação coimbrã de menor dimensão, que serviu de tubo de ensaio para a *Presença*.

Estreou-se na poesia com o sugestivo título *Poemas* (1926), e ao mesmo tempo que a sua obra literária despontava, Branquinho da Fonseca foi exercendo funções nos registos civis de Coimbra, Marvão, e também da Nazaré. Aliás, é nesta última localidade que o escritor começa a evidenciar uma particular preocupação pelas bibliotecas, característica pela qual ainda é hoje é recordado.

Decide mudar-se para Cascais no início da década de 1940, altura em que assume um novo cargo, desta feita na comissão de obras da Base Naval de Lisboa. Branquinho da Fonseca já se havia candidatado ao posto de conservador da Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, sem sucesso, ainda em 1932. Dez anos mais tarde, a sua candidatura é recuperada, e recebe a almejada nomeação para conservador.

O ano de 1942 fica igualmente marcado pela publicação de *O Barão*, uma das obras mais celebradas do autor. Um conto fantástico com traços novelescos, posteriormente adaptado ao teatro por Luís de Sttau Monteiro (1964), e ao cinema por Edgar Pêra (2011).

Devido ao excelente trabalho desenvolvido ao longo de dezanove anos enquanto conservador em Cascais, onde se destaca obrigatoriamente a criação das bibliotecas itinerantes, acção inédita em Portugal, Branquinho da Fonseca é convidado a exercer funções na Fundação Calouste Gulbenkian. Dirigiu o Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação, deixando novamente um

contributo indispensável para o fortalecimento da relação entre o público e as bibliotecas, até ao dia 7 de Maio de 1974, dia em que faleceu em Cascais.

### **Referências a Cascais**

Embora não existam menções a Cascais na obra de Branquinho da Fonseca, devemos ressaltar o papel determinante que o autor desempenhou enquanto conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães. Desde o primeiro momento que Branquinho da Fonseca procurou aproximar a biblioteca da comunidade, e conseqüentemente, influenciar positivamente os hábitos de leitura dos habitantes da vila. Procedeu inicialmente à renovação e reorganização do espaço, em busca de um ambiente mais acolhedor, capaz de atrair e fixar mais usuários. Instituiu a modalidade de empréstimo, de forma a não restringir o acto da leitura à biblioteca, e mais importante, reforçou substancialmente o acervo disponível. Este enriquecimento da colecção denotou uma orientação clara, com o intuito de tornar a biblioteca mais generalista, diversificando as temáticas, e colocá-la em contacto com o presente, através da aquisição de obras recentes. Contudo, o seu maior contributo viria a ser a criação das bibliotecas itinerantes, iniciativa nunca antes vista em território nacional, cujo sucesso se traduziria na replicação do conceito anos mais tarde, pela Fundação Calouste Gulbenkian.

## A CASA S. BERNARDO E AS CAMINHADAS DE EÇA DE QUEIROZ POR CASCAIS

### Sobre o autor

José Maria de Eça de Queiroz nasceu na Póvoa de Varzim, a 25 de Novembro de 1845. «Eu não tenho história, sou como a República do Vale de Andorra», escrevia numa das suas cartas, fazendo alusão à infeliz narrativa que conturbou os seus primeiros anos de vida, e influenciou de forma decisiva a construção da sua personalidade. Rejeitado pela mãe ao nascimento, foi entregue a uma ama costureira de Vila do Conde, e anos mais tarde, mudou-se para Verdemilho, localidade dos arredores de Aveiro, para ser criado pelos avós paternos. Ao contrário da mãe, o pai de Eça de Queiroz sempre evidenciou apoio e preocupação pelo filho, mas à distância. Como se tratava do fruto indesejado de uma infidelidade, não o acolheu em sua casa, até este ter 21 anos. Entretanto, Eça estudou no colégio interno de Nossa Senhora da Lapa, no Porto, onde travou amizade com o professor Ramalho Ortigão, individualidade com quem iria colaborar em vários escritos. Virou estudante de Direito em Coimbra, e foi lá que descobriu o prazer do teatro académico.

A total ausência da mãe na vida de Eça de Queiroz haveria de marcar de forma indelével a sua sensibilidade, patente na celebrada obra literária que veio a edificar. Aos 21 anos, após terminar o curso, é finalmente recebido em casa do pai, onde a madrasta (que durante algum tempo pensou ser a sua mãe verdadeira) e os irmãos o tratavam com despeito. Eça de Queiroz procurou de imediato descarregar a frustração emocional que sentia através de um período de verdadeiro frenesim literário. E se por um lado, este comportamento denota uma tentativa de se afirmar perante a nova família, também evidencia um claro complexo de inferioridade que se manifesta ao longo do seu percurso.

Face ao desconforto familiar vivido, Eça segue para Évora, por indicação do pai, para fundar um jornal de oposição ao governo vigente. Em 1869, o autor embarca numa viagem diplomática prestigiante ao Egipto e Palestina, e o conjunto de artigos publicados sobre a aventura conferem-lhe pela primeira vez a visibilidade e o reconhecimento tão desejados.

Torna-se administrador do concelho de Leiria, local onde idealizou *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870), seu primeiro romance, escrito em colaboração com o seu ex-professor e amigo Ramalho Ortigão. Também por esta altura surgiram *As Farpas* (1871-1882), conjunto de crónicas publicadas pelos dois autores, carregadas de crítica satírica da sociedade, que conseguiram assumir um protagonismo assinalável na época.

Eça de Queiroz participa nas Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, encontros de intelectuais vanguardistas cancelados pelo governo antes da sua

sexta edição, sob a acusação de tentarem «sustentar doutrinas e preposições que atacam a religião e as instituições políticas do Estado». Pouco depois, dá início à sua carreira consular, ao ocupar o posto de Cônsul de Portugal em Havana, Cuba. Segue-se o consulado de Newcastle, em Inglaterra, durante vários anos, período em que publica por fascículos, *O Crime do Padre Amaro* (1875), uma das suas obras mais aclamadas.

Apesar do sucesso literário, Eça de Queiroz continua a averbar relações amorosas falhadas, sente uma solidão constante, vive em permanentes apertos económicos, e mantém uma insatisfação obsessiva pelos seus escritos. Porém, no decurso da estadia como cônsul em Bristol, começa a manifestar um forte desejo de casar e de ser pai, resolução que se veio a materializar em 1886.

*«Eu precisava de uma mulher serena, inteligente, com uma certa fortuna (não muita), de carácter firme sob um carácter meigo, – que me adoptasse como se adopta uma criança; que me pagasse o grosso das minhas dívidas, me obrigasse a levantar a certas horas cristãs – e não quando os outros almoçam – que me alimentasse com simplicidade e higiene, que me impusesse um trabalho diurno e salutar, e que, quando eu começasse a chorar pela lua, me promettesse – até eu a esquecer... Esta doce criatura salvaria um artista – e faria uma daquelas obras de caridade que outrora levava gente ao Calendário. Mas ai! Onde está esta criatura ideal?»*

*Correspondência, Vol I, a Ramalho Ortigão (1925)*

O escritor casou com Emília de Castro, filha dos condes de Resende, e irmã dos amigos Manuel e Luís Benedito de Castro. Tiveram quatro filhos. Foi apenas nas vésperas do seu casamento, aos quarenta anos de idade, que a sua mãe biológica, Carolina Augusta Pereira D'Eça, legitima finalmente por escrito o laço que os unia, a pedido do pai, encerrando de vez este capítulo doloroso. Apesar do reconhecimento oficial, não existe nenhum registo histórico de tentativa de aproximação entre mãe e filho.

Eça de Queiroz orgulhava-se de integrar o grupo intitulado 'Vencidos da Vida', que reunia intelectuais em jantares e tertúlias animadas, em vários pontos de Lisboa e Cascais. Figuravam nestes ajuntamentos personalidades ilustres como Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão ou os condes de Sabugosa e de Arnoso. Eça descreve o 'vencido' da seguinte maneira:

*«se um sujeito, aí pelos vinte anos, quando se escolhe uma carreira, decidiu ser um milionário, um poeta sublime, um general invencível, um dominador de homens (ou de mulheres, segundo as circunstâncias), e se, apesar de todos os esforços e empurrões para diante, fica a meio caminho do milhão, do poema ou do penacho – ele é para todos os efeitos um vencido, um morto da vida, embora se pavoneie por essa Baixa amortalhado numa sobrecasaca do Poole e conservando no chapéu o lustre da resignação»*

*Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas (1981)*

Pouco antes de assumir a quarta e derradeira experiência consular, desta feita em Paris, Eça de Queiroz vê publicado *Os Maias* (1888), a sua obra-prima. Pontuada por temáticas como o narcisismo, a solidão, desaires amorosos, e sem esquecer uma crítica feroz a uma nação decadente, este romance acaba por reunir aspectos fundamentais da personalidade e da obra de uma figura ímpar da história da literatura portuguesa. Faleceria em França, acredita-se que vítima de tuberculose, a 16 de Agosto de 1900. Após o seu desaparecimento, o amigo conde de Arnoso conseguiu mover influências nas Cortes, e como forma de honrar a tão estimada amizade, garantiu à viúva uma pensão do Estado, que se manteve até à instauração da república.

*«À chegada ao cemitério e após o elogio fúnebre, feito pelo ministro Teixeira de Sousa, representante do governo, verificou-se que a luxuosa urna com as suas enormes e opulentas argolas era demasiado volumosa e não permitia a entrada pela porta do jazigo, apesar de todos os esforços. Os acompanhantes do funeral entreolharam-se perplexos para aquela situação constrangedora de um caixão atravessado na porta de um jazigo a impedir o encerramento condigno da cerimónia. Então alguém sugeriu que se desmontassem as enormes argolas. Só que para isso era necessária a autorização da viúva que estava em Paris. Enviou-se de imediato um cabograma, mas a resposta tardava.*

*Neste triste e demorado impasse, muitos dos acompanhantes do funeral pouco a pouco começaram a dispersar, abandonando o local. E assim, ali ficou quase só aquele grande escritor com a sua urna à porta do jazigo, simbolizando dramaticamente o destino final de um homem tão grande não caber no lugar que lhe fora destinado depois de morrer»*

Geadá, Manuel, *Eça de Queiroz: Do outro lado do espelho* (2017)

## **Referências a Cascais**

Assim que o rei D. Carlos determinou que Cascais seria o seu destino de Verão habitual, as classes superiores da sociedade seguiram o seu exemplo, e passaram a deslocar-se regularmente até à então Vila na época balnear. Desde o seu regresso de Havana que Eça de Queiroz começou a ser presença rotineira por Cascais, ficando na Casa S. Bernardo (Avenida Humberto II de Itália), do seu amigo Conde de Arnoso, no Hotel do Globo (onde é hoje o Hotel Baía), ou então no também extinto Hotel do Estoril. Por lá encontrava-se com o amigo Ramalho Ortigão, nadava nas águas que lhe faziam lembrar as praias do Norte, ou partia numa das suas extensas e prazerosas caminhadas ao longo da costa. É possível encontrarmos inúmeras referências a Cascais na sua vasta correspondência publicada. Eis alguns exemplos:

*«Não quero eternizar esta epístola. Por isso não te digo a saudade com que penso na varanda de Cascais, e nas preguiçosas manhãs passadas a pasmar para a luz e para a água, e nas cavaqueiras com a prima Matilde, e nas noitadas, em que sob o silêncio e a penumbra propícia, decidíamos os grandes problemas. Imagino que toda essa*

*delícia aí se está repetindo, e que têm havido na varanda todas as coisas boas, vós, Sabugosas, luar, frescura do mar, e um bocado de guitarra. Dá mil saudades a todos esses queridos amigos da varanda»*

Carta enviada para o conde de Arnoso, a 25 de Julho de 1896  
Retirado de *Roteiro da Lisboa de Eça de Queiroz e seus arredores*, de A. Campos Matos (2011)

*«Aqui, como já disse o Garrett em verso, estamos no Cabo do Mundo. As notícias levam quase dois dias a percorrer estes 20 quilómetros que nos separam da Capital. E este não é pequeno inconveniente, em momento de tanta curiosidade ansiosa. Restam apenas os boatos que o vento traz. Assim, está correndo agora que houve um combate entre esquadras americana e espanhola, nas costas de Portugal, para os lados de Viana!»*

Carta enviada para a esposa Emília de Castro, a 11 de Maio de 1898  
Retirado de *Roteiro da Lisboa de Eça de Queiroz e seus arredores* (2011)

A acima mencionada Casa S. Bernardo, que acolheu em variadíssimas ocasiões Eça de Queiroz, também foi cenário de diversos encontros dos 'Vencidos da Vida', grupo do qual o proprietário da habitação, conde de Arnoso, também fazia parte. Situava-se à entrada da estrada da Boca do Inferno, marco cascaelense que mereceu um breve poema de Eça, recentemente descoberto e publicado pela Fundação Eça de Queiroz:

#### *A Boca do Inferno*

*Sob os rochedos gigantes de formas*

*Caprichosas*

*Retalhados de cavernas imensas,*

*Misteriosas*

*Ouve-se do vento e das vagas o fragor*

*O Oceano precipita-se e rola em furor*

*E de dor uiva embatendo no penedio*

*E quando a noite regressa, o pescador*

*Tardio*

*Ouve ao longe estranhos ruídos internos*

*É Satanás que ruge às portas dos infernos.*

Retirado de *Eça de Queiroz em Casa: desenhos e textos inéditos*, de Irene Fialho (2016)

## FERNANDO PESSOA E O SOSSEGO DE CASCAIS

### Sobre o autor

«A aldeia em que nasci foi o Largo de S. Carlos», escreveu Fernando Pessoa numa carta enviada ao seu primeiro biógrafo e editor da sua obra, o autor João Gaspar Simões. Estávamos a 13 de Junho de 1888, quando o mundo assistia ao nascimento de um dos poetas mais influentes do século XX. Os primeiros anos de vida foram passados nessa zona da baixa lisboeta, até que o falecimento do seu pai, e o posterior casamento da sua mãe com o cônsul português na África do Sul, o levaram a mudar de continente em 1895. A sua educação e formação decorreram na cidade de Durban, durante cerca de dez anos, até ao regresso a Lisboa, o que significou um contacto privilegiado e aprofundado com a linguagem britânica. Aliás, é em inglês que surgem os seus primeiros escritos, e se começa a manifestar a sua tendência heterónima, destacando-se os fictícios Alexander Search ou Charles Anon.

Ao longo da sua vida literária, acredita-se que Fernando Pessoa tenha criado mais de 70 pseudónimos, heterónimos e semi-heterónimos diferentes. Esta multiplicidade de 'eus' é uma das marcas mais indeléveis da poesia de Pessoa, cujo recurso se explica pela necessidade do autor em expressar uma diversidade contraditória de ideias, reflexões e sentimentos. Sobre este desdobramento de personalidades, Fernando Pessoa escrevia o seguinte:

*«Não sei quem sou, que alma tenho...Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas»*

*Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação (1966)*

Entre o número substancial de heterónimos gerados, Pessoa identificou Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, como sendo o trio de egos que mais se assemelham ao seu próprio carácter, e que por isso, acabam por se tornar mais recorrentes no conjunto da sua obra. Assim sendo, podemos afirmar que o interesse pela natureza e a sobrevalorização das sensações de Alberto Caeiro, a angústia épica de Ricardo Reis, e a desordem evolutiva de Álvaro de Campos, constituem algumas das principais facetas da personalidade de Fernando Pessoa. No entanto, o mais aproximado de todos eles será Bernardo Soares, considerado pelo próprio autor um semi-heterónimo, pois «não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e afectividade», explica numa carta dirigida ao poeta Adolfo Casais Monteiro (*Poesias de Álvaro de Campos*, 1980). É sob a assinatura deste semi-heterónimo que nasce *O livro do desassossego* (1982), uma das obras mais aclamadas de Fernando Pessoa, publicada originalmente

quase 50 anos após a sua morte, a partir de um aglomerado de textos soltos encontrados no espólio pessoal.

Outra obra emblemática de Pessoa é *Mensagem* (1934), único livro de poemas publicado em português durante a sua vida. Reúne um total de 44 poemas, num exercício de exaltação patriótica, promovendo uma regeneração cultural, sustentada na valorização das proezas históricas nacionais, como foram os Descobrimentos.

Apesar da sua produção literária constante, Fernando Pessoa não a concebe como uma actividade profissional. Numa breve autobiografia assinada em 1933, dois anos antes do seu falecimento, preenche da seguinte forma o campo intitulado de 'Profissão': «A designação mais própria será 'tradutor', a mais exacta de 'correspondente estrangeiro em casas comerciais'. O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação» (*Fernando Pessoa: emissário e transeunte*, 2008).

Quando Pessoa regressou a Lisboa em definitivo, no ano de 1907, concretizou a sua vontade de frequentar o Curso Superior de Letras, mas a instabilidade académica verificada nessa altura, levou-o a desistir da aventura académica. Encetou diversos projectos editoriais, entre os quais é imperioso ressaltar a fundação da Revista *Orpheu* (1915), que apesar da sua curta existência (duas edições), representou uma fractura no ambiente literário português, e o berço do movimento modernista, pelo vanguardismo dos textos reproduzidos. Muitos estudiosos de Fernando Pessoa apontam para a sua faceta empreendedora, e o seu percurso profissional diversificado comprova isso mesmo, tendo acumulado funções de editor, tipógrafo, tradutor, e publicitário, entre outras. Chegaria inclusive a apresentar uma candidatura para o lugar de conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, em Cascais, muito pelo apreço que Pessoa sentia pela localidade vizinha da capital. A irmã residia no Estoril, e Pessoa manifestou por diversas vezes o seu desejo de mudar-se para Cascais em definitivo, algo que se reflecte nas várias referências positivas à zona em vários dos seus escritos. Acabaria por ser preterido do cargo a favor do pintor português Carlos Bonvalot.

Em toda a sua vida, apenas lhe é conhecido um amor, o de Ofélia Queiroz, imortalizado num conjunto de cartas recuperadas e publicadas pouco depois da sua morte. Nelas podemos aferir o sentimento de paixão irrefreável de Fernando Pessoa, à medida que se desprende de todos os intelectualismos na linguagem, e, ao mesmo tempo, assistimos a manifestações constantes de insegurança de Pessoa, hesitante quanto à veracidade do amor que Ofélia nutre pelo poeta.

«I know not what tomorrow will bring» («Não sei o que o amanhã trará») foi a última frase escrita por Fernando Pessoa, no Hospital de S. Luís dos Franceses,

em Lisboa, onde faleceu devido a uma crise hepática motivada por uma cirrose, aos 47 anos, a 30 de Novembro de 1935.

## Referências a Cascais

A Costa do Sol emergiu oficialmente como refúgio balnear de excelência em meados dos anos 20, graças ao papel determinante de Fausto de Figueiredo, empresário responsável por dinamizar a indústria do turismo na região do Estoril. Fernando Pessoa foi um dos principais simpatizantes desta tendência, e passava bastante tempo entre Estoril e Cascais, sempre que lhe apetecia abrigar-se da agitação cosmopolita da cidade de Lisboa. Alugava casa na antiga Rua Oriental do Passeio, nº2, que hoje se chama Alameda dos Combatentes da Grande Guerra, ou então, ficava com a irmã, que entretanto se havia instalado no Estoril, na Rua de Santa Rita.

Numa das cartas enviadas à sua amada Ofélia Queiroz, Fernando Pessoa revela o desejo de mudar-se para Cascais:

*«O que lhe disse de ir para Cascais (Cascais quer dizer um ponto qualquer fora de Lisboa, mas perto, e pode querer dizer Sintra ou Caxias) é rigorosamente verdade: verdade, pelo menos, quanto à intenção. Cheguei à idade em que se tem o pleno domínio das próprias qualidades, e a inteligência atingiu a força e a destreza que pode ter. É pois a ocasião de realizar a minha obra literária, completando umas coisas, agrupando outras, escrevendo outras que estão por escrever. Para realizar essa obra, preciso de sossego e um certo isolamento. Não posso, infelizmente, abandonar os escritórios onde trabalho (não posso, é claro, porque não tenho rendimentos), mas posso, reservando para o serviço desses escritórios dois dias da semana (quartas e sábados), ter de meus e para mim os cinco dias restantes. Aí tem a célebre história de Cascais»*

29 de Setembro de 1929

*Cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz (2012)*

A dada altura da sua vida, Fernando Pessoa decide mergulhar no universo do ocultismo, e é a partir desta iniciação esotérica que nasce um dos episódios mais marcantes do poeta em Cascais. Estudioso incansável de astrologia, Pessoa decide enviar uma carta a Aleister Crowley, mago e ilustre astrólogo inglês, a informar que o seu horóscopo estaria errado. Crowley responde a dar razão ao português, e desde então, estabelece-se uma troca de correspondência fértil entre os dois. Mais tarde, o astrólogo inglês auto-intitulado 'A Besta 666', cuja excêntrica reputação o perseguia um pouco por todo o mundo, anunciou uma visita a Lisboa, consumada no dia 2 de Setembro de 1930.

Durante a sua estadia em território lusitano, Pessoa e Crowley decidem encenar o misterioso desaparecimento do forasteiro, a 25 de Outubro, algures na estrada da Boca do Inferno. Com a ajuda de um jornalista do *Notícias Ilustrado*, que se

dispôs a publicar o tal desaparecimento em forma de reportagem, personificando alguém que teria encontrado uma cigareira e uma carta misteriosa de Crowley no Canal de Mata-Cães. O jornalista em questão, Augusto Ferreira Gomes, entregou os objectos à Polícia, e Fernando Pessoa chegaria mesmo a prestar declarações, negando qualquer tipo de conhecimento sobre o sucedido, e deixando em aberto as hipóteses de assassinato ou até de suicídio. Crowley voltou a aparecer publicamente três semanas depois, em Berlim, na abertura de uma exposição de pintura sua. Este episódio serviu de inspiração para Pessoa escrever *A Boca do Inferno* (1932), romance policial na primeira pessoa, sobre um detective de nacionalidade inglesa fictício, que teria sido incumbido de investigar o desaparecimento de Aleister Crowley.

## II: POWERPOINT DA FORMAÇÃO DOS LOCALS



### 2 ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

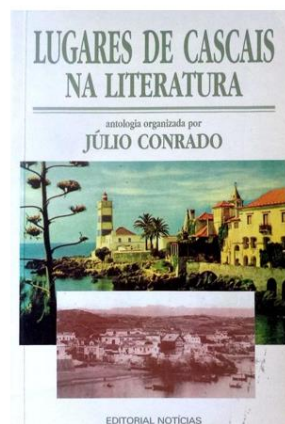
#### IMPORTÂNCIA E OBJECTIVOS DA VISITA

- Dar a conhecer a origem histórica e o desenrolar da relação profícua entre a vila de Cascais e a literatura
- Promover o património literário existente em Cascais
- Fomentar uma solução complementar ou alternativa a outras fontes de turismo
- Acompanhar a tendência evolutiva do turista, cada vez mais propenso a actividades dotadas da componente de desenvolvimento pessoal

**3****ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS**

«A mera alusão ao Estoril ou a Cascais implica uma ideia de feliz mobilidade: são sítios onde se vem jantar, jogar, amar, acertar negócios, passar férias. [...] O mito de uma "Linha" frívola repercute, de maneira geral, na literatura daqueles que a tomam por palco onde se movem as suas personagens, quase sempre pertencentes à tribo invasora que com novos feitos lhe acrescenta a lenda pueril.»

Conrado, J. (1995). *Lugares de Cascais na Literatura*.



Fonte: IberLibro.com

**5****ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS****PONTOS DA ROTA**

1. Estação ferroviária de Cascais
2. Praia da Conceição
3. Jardim Visconde da Luz
4. Vila D. Pedro
5. Calçada da Assunção
6. Chalet Leitão
7. Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães
8. Casa de São Bernardo
9. Boca do Inferno

**6****ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS**

## 1. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE CASCAIS

«Se queres dar, leitor, o mais belo dos passeios permitidos ao habitante de Lisboa, faz o que eu ontem fiz.

Levanta-te às 5 horas da manhã, num Domingo, veste-te à luz do candeeiro, porque em Setembro ainda não é bem dia a essa hora, pega na tua bengala e no teu binóculo e vai à ponte dos vapores ao Cais do Sodré.

Tomamos um bilhete de ida e volta no vapor de Cascais por dez tostões»

Ortigão, R. (1876). *As Praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*.



Estação do caminho-de-ferro de Cascais, em meados do século XX.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais

Disponível online em

<https://www.flickr.com/photos/96897289@N02/13444564235/>

**7****ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS**

## 1. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE CASCAIS

- Pedrouços → Cascais (1889)
- Pedrouços → Alcântara (1892)
- Alcântara → Cais do Sodré (1895)
- Inauguração da primeira via férrea electrificada do país (1926)



Comboio a vapor junto ao Monte Estoril (1920)

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais

Disponível online em

<https://www.flickr.com/photos/96897289@N02/38998518804/>

## 8

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

## 2. PRAIA DA CONCEIÇÃO

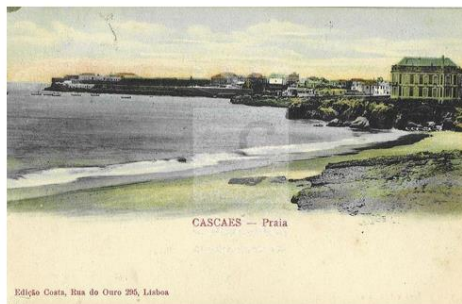


Praia da Conceição. À direita, casa Loulé; ao fundo, Cidadela de Cascais (1908)

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais

Disponível online em

<https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=34370&type=PCD>



Praia da Conceição, em Cascais. Ao fundo, Casas Loulé e Lancastre (1920)

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais

Disponível online em

<https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=34365&type=PCD>

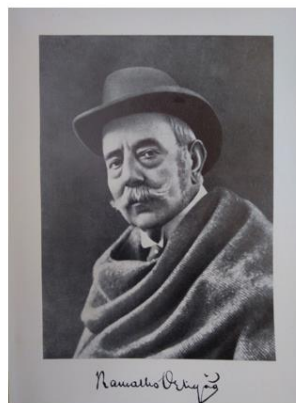
## 9

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

## 2. PRAIA DA CONCEIÇÃO

**Ramalho Ortigão** (Porto, 1836 – Lisboa, 1915)

- Professor de Eça de Queiroz no colégio da Lapa, no Porto
- Apaixonou-se pela literatura de viagens, inspirado por Almeida Garrett
- *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870) | *As Farpas* (1871-1882) com Eça de Queiroz
- Membro do grupo *Vencidos da Vida*
- Papel na valorização do património nacional



Fonte: Cavalheiro, R. (1959). *Ramalho Ortigão*.

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 2. PRAIA DA CONCEIÇÃO

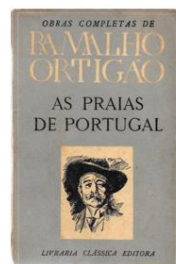
**Ramalho Ortigão sobre Cascais** (Porto, 1836 – Lisboa, 1915)

→ *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante* (1876)

- Descrição da viagem de vapor desde o Cais do Sodré, e escreve uma crónica onde detalha o património, a população, a história e as dinâmicas sociais da então vila de Cascais

→ *Banhos de caldas e águas minerais* (1875)

→ *As Farpas* (1871-1882)



Fonte: escrita da praia.blogspot.com



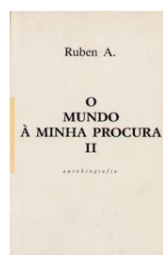
Fonte: Município do Porto

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 2. PRAIA DA CONCEIÇÃO

«Pela manhã cedo saía do Chalet Leitão – espécie de central humana de camionagem – e do cais embarcava directo com os primos para a praia da Conceição. Dias e dias iguais, perfeitamente iguais, nortadamente iguais. Dias simples, sem nuvens, dias ainda sem destruição, dias que comandavam o vasto azul que de tempos a tempos surgia cortado por um hidroplano do Bom Sucesso, talvez trazendo o Paulo Viana a bordo e amarando mesmo ao pé da nossa cabeça»

A., Ruben. (1966). *O mundo à minha procura*. Vol. II.



Fonte: fnac.pt



Fonte: gallica.bnf.fr

«Quem se der a observar a vida das praias, reconhecerá facilmente que têm de ser classificados em várias categorias os maridos, que são obrigados à perpetração do que geralmente se chama “a estação balnear”»

Pimentel, A. (1902). *Sem passar a fronteira*.

12

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 3. JARDIM VISCONDE DA LUZ



Estátua aos Combatentes da Grande Guerra no Jardim Visconde da Luz. Ao fundo, fábrica de conservas de peixe (1930)  
Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais  
Disponível online em  
<https://www.flickr.com/photos/96897289@N02/36286554576/>



Jardim Visconde da Luz, em Cascais. Ao fundo, Monumento aos Mortos da Grande Guerra (1950)  
Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais  
Disponível online em  
<https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=88378&type=PCD>

13

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 3. JARDIM VISCONDE DA LUZ

**Almeida Garrett** (Porto, 1799 – Lisboa, 1854)

- Precursor do Romantismo em Portugal
- Papel activo na esfera política
- Criou o Conservatório de Arte Dramática, o Teatro Nacional D. Maria II, e foi o autor da primeira lei sobre a propriedade literária e artística
- *Viagens na minha terra* (1846), *Um Auto de Gil Vicente* (1842), *Frei Luís de Sousa* (1843), *Falar Verdade a Mentir* (1846), *Folhas Caídas* (1853)



Litografia de Pedro Augusto Guglielmi (1846)  
Fonte: Universidade de Coimbra

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 3. JARDIM VISCONDE DA LUZ

**Almeida Garrett sobre Cascais** (Porto, 1799 – Lisboa, 1854)

→ Almeida Garrett e a Viscondessa da Luz trocavam inúmeras cartas, e encontravam-se furtivamente em diversos locais entre Oeiras e Cascais

→ Um ano antes do seu falecimento, Garrett publica *Folhas Caídas* (1853), livro de poemas que contém variadíssimas referências mais ou menos ocultas à Viscondessa da Luz



*Por largo campo, indomita e fremete  
Corre a revolução  
Da vossa Luz a rápida torrente  
Me alegro o coração*

Caricatura de Garrett e a Viscondessa da Luz. Da Galeria pitoresca de "A Matraca, periódico moral e político por uma sociedade de litteratos sem refolho", Lisboa 1847-48.

Fonte: (cerc)ARTE

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 4. VILA D. PEDRO



Casa Maria Amália Vaz de Carvalho, em Cascais, no início do séc. XX  
Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais  
Disponível online em  
<https://www.flickr.com/photos/96897289@N02/11684494763/>



Vila D. Pedro (2001)  
Fonte: Histórias da História de Cascais  
Disponível online em  
<https://www.facebook.com/ruipaisdeamaral/photos/p.658432457879103/658432457879103/?type=1&theater>

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 4. VILA D. PEDRO

**Maria Amália Vaz de Carvalho** (Lisboa, 1847 – Lisboa, 1921)

- Cresceu em Loures, rodeada de escritores, devido às tertúlias promovidas pelo pai
- Casou-se com o poeta Gonçalves Crespo, que conheceu através de um dos seus poemas
- Segue o exemplo do pai, e passa a organizar serões literários, agora na sua casa em Lisboa
- Emocionalmente débil após enviuvar
- *Cartas a Luísa* (1886) e a discussão do papel da mulher
- Primeira mulher eleita para integrar a Academia das Ciências de Lisboa



Fonte: Carvalho da Silva, A. (1997). *Esboço da vida e obra de Maria Amália Vaz de Carvalho*.

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 4. VILA D. PEDRO

**Maria Amália Vaz de Carvalho sobre Cascais** (Lisboa, 1847 – Lisboa, 1921)

- *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein* (1898-1903) e a casa oferecida pela amiga Duquesa de Palmela
- Encontrou conforto em Cascais junto do seu grande amigo, o historiador Oliveira Martins

«Feridos os dois por uma doença traiçoeira que se apresentava no empobrecido organismo de ambos, igualmente ameaçadora de morte próxima e que para ele tão cedo realizou a negra ameaça, ambos tínhamos partido com diferença de dias apenas para Cascais»

Vaz de Carvalho, M. Amália. (1896). *Pelo mundo fora*.



Fonte: Carvalho da Silva, A. (1997). *Esboço da vida e obra de Maria Amália Vaz de Carvalho*.

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 5. CALÇADA DA ASSUNÇÃO

**Alberto Pimentel** (Porto, 1849 – Queluz, 1925)

→ Um dos autores mais prolíferos da literatura portuguesa

→ Adepto incondicional da literatura de viagens

→ «Havia de valer alguma coisa, pois que nós não duvidamos um momento do apregoado talento do Sr. Pimentel. Mas com a mania de querer ser tudo, de querer falar e escrever sobre tudo, há-de cada dia ver mais distante a sua porta para a Posteridade»

Crítico anónimo, Revista *A Ilustração* (Setembro de 1884)



Fonte: Toponímia de Lisboa

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 5. CALÇADA DA ASSUNÇÃO

**Alberto Pimentel sobre Cascais** (Porto, 1849 – Queluz, 1925)

→ «Possui hoje a vila a linda avenida Valbom, o belo passeio Maria Pia, o tranquilo jardim da Parada, o solitário Passeio do Visconde da Luz, mas nenhuma rua pode despertar mais interesse a um misantropo, como eu, do que a calçada d'Assunção, que tem pedras e doces que falam do passado, de marqueses com marquesado territorial, de galanterias e bolos, de amores e conventos, finalmente, de freiras cuja beleza plástica ainda agora é celebrada em graciosos monumentos de açúcar e amêndoa»

Pimentel, A. (1902). *Sem passar a fronteira*.



Publicidade da Antiga Casa Faz-Tudo

Fonte: Histórias da História de Cascais

Disponível online em

<https://www.facebook.com/ruipaisdeamaral/photos/p.977373985984947/977373985984947/?type=1&theater>

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 6. CHALET LEITÃO

**Ruben A.** (Lisboa, 1920 – Oxford, 1975)

- Cresceu no Porto, e passava férias em Cascais
- Viajou pela Europa nas vésperas da Segunda Guerra Mundial
- *A Torre da Barbela* (1965), *Kaos* (1982), *O mundo à minha procura* (1964, 1966, 1968)
- Professor, Administrador da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, e director-geral dos assuntos culturais do Ministério da Educação e da Cultura, entre outros



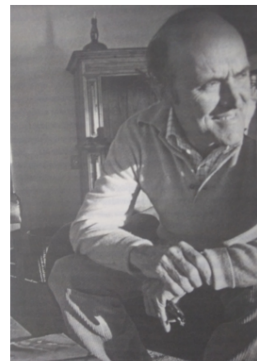
Chalet Leitão (1917)  
 Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais  
 Disponível online em <https://www.cascais.pt/arquivohistoricodigital>

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 6. CHALET LEITÃO

**Ruben A. sobre Cascais** (Lisboa, 1920 – Oxford, 1975)

- Na obra de Ruben A., Cascais surge quase exclusivamente na sua autobiografia em três volumes, *O mundo à minha procura* (1964, 1966 e 1968). As referências ao Chalet Leitão repetem-se, onde passou férias e fins-de-semana desde criança, acompanhado inicialmente por familiares, depois por colegas da faculdade, e mais tarde, recebendo vários refugiados da Segunda Guerra Mundial. Dias de sol na praia da Conceição, ou até no Guincho, tardes passadas a jogar ténis no Sporting Club de Cascais, visitas ao Casino, passeios de barco, paixões de Verão, nada ficou por fazer.



Ruben A. na Pousada de Valença  
 Fonte: Cruz, L. & Carretero Cruz, M. (2012).  
*Ruben A.: uma biografia*

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 7. MUSEU-BIBLIOTECA CONDES DE CASTRO GUIMARÃES



Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães e ponte de Santa Marta (1930)  
 Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais  
 Disponível online em  
<https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=57506&type=PCD>



Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães (2005)  
 Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais  
 Disponível online em  
<https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=57506&type=PCD>

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 7. MUSEU-BIBLIOTECA CONDES DE CASTRO GUIMARÃES

#### Branquinho da Fonseca (Mortágua, 1905 – Cascais, 1974)

→ Fundação da revista *Presença* (1927), com os colegas universitários José Régio e João Gaspar Simões

→ Conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães durante dezanove anos, onde cria as bibliotecas itinerantes

→ *O Barão* (1942)



Branquinho da Fonseca na ponte de Santa Marta, defronte do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães (1943)  
 Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais  
 Disponível online em  
<https://www.flickr.com/photos/96897289@N02/36584744012/in/photolist-XJSnNu-XIVSY7-XoPQWS-XMwVip>

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 7. MUSEU-BIBLIOTECA CONDES DE CASTRO GUIMARÃES

#### Branquinho da Fonseca como Conservador (1942 - 1960)

→ Procedeu inicialmente à renovação e reorganização do espaço, em busca de um ambiente mais acolhedor, capaz de atrair e fixar mais usuários. Instituiu a modalidade de empréstimo, de forma a não restringir o acto da leitura à biblioteca, e mais importante, reforçou substancialmente o acervo disponível. Contudo, o seu maior contributo viria a ser a criação das bibliotecas itinerantes, iniciativa nunca antes vista em território nacional.



Leitores junto à Biblioteca Móvel da Câmara Municipal de Cascais (1953)

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais

Disponível online em <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=107564&type=PCD&add=195>

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 7. MUSEU-BIBLIOTECA CONDES DE CASTRO GUIMARÃES

#### A candidatura recusada de Fernando Pessoa

→ Fernando Pessoa apresenta uma candidatura para o lugar de conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, em 1932, muito pelo apreço que Pessoa sentia pela localidade vizinha da capital. A irmã residia no Estoril, e Pessoa manifestou por diversas vezes o seu desejo de mudar-se para Cascais em definitivo, algo que se reflecte nas várias referências positivas à zona em vários dos seus escritos. Acabaria por ser preterido do cargo a favor do pintor português Carlos Bonvalot.



Retrato de Fernando Pessoa por José de Almeida Negreiros (1964)

Fonte: Museu Calouste Gulbenkian

Disponível online em [https://gulbenkian.pt/museu/works\\_cam/retrato-de-fernando-pessoa-139004/](https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/retrato-de-fernando-pessoa-139004/)

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 8. CASA DE SÃO BERNARDO



Casa de São Bernardo (1910)

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais

Disponível online em

<https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=32686&type=PCD>



Grupo Vencidos da Vida

Fonte: Matos Campos, A. (2007). *Eça de Queiroz: fotobiografia*.

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 8. CASA DE SÃO BERNARDO

**Eça de Queiroz** (Póvoa de Varzim, 1845 – Paris, 1900)

- «Eu não tenho história, sou como a República do Vale de Andorra»
- A total ausência da mãe na vida de Eça de Queiroz haveria de marcar de forma indelével a sua sensibilidade
- Em 1869, embarca numa viagem diplomática prestigiante ao Egito e Palestina
- *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870), *As Farpas* (1871-1882), *O Crime do Padre Amaro* (1875), *Os Maias* (1888)
- Conferências Democráticas do Casino e carreira de cônsul



Fonte: Matos Campos, A. (2007). *Eça de Queiroz: fotobiografia*.

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 8. CASA DE SÃO BERNARDO

**Eça de Queiroz sobre Cascais** (Póvoa de Varzim, 1845 – Neuilly-sur-Seine, 1900)

→ Membro do 'grupo jantante' Vencidos da Vida, que se reunia invariavelmente na Casa de São Bernardo

→ «Por isso não te digo a saudade com que penso na varanda de Cascais, e nas preguiçosas manhãs passadas a pasmar para a luz e para a água, e nas cavaqueiras com a prima Matilde, e nas noitadas, em que sob o silêncio e a penumbra propícia, decidíamos os grandes problemas»

Carta enviada para o conde de Arnozo, a 25 de Julho de 1896  
Retirado de *Roteiro da Lisboa de Eça de Queiroz e seus arredores*, de A. Campos Matos (2011)



Fonte: Matos Campos, A. (2007). *Eça de Queiroz: fotobiografia*.

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 9. BOCA DO INFERNO



Turistas junto à Boca do Inferno, no início do século XX

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais

Disponível online em

<https://www.flickr.com/photos/96897289@N02/9668937827/in/photolist-eKtaE5-fzpqWe-fjpQmB-k9chbj-j4oagx-WPDBov>



Assistência à rebentação de ondas junto à Boca do Inferno, em meados do século XX, fotografada por António Passaporte

Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Cascais

Disponível online em

<https://www.flickr.com/photos/96897289@N02/12563511214/in/photolist-eKtaE5-fzpqWe-fjpQmB-k9chbj-j4oagx-WPDBov>

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 9. BOCA DO INFERNO

**Fernando Pessoa** (Lisboa, 1888 – Lisboa, 1935)

- Educação e formação em Durban, na África do Sul
- Mais de 70 pseudónimos, heterónimos e semi-heterónimos diferentes (Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Bernardo Soares...)
- Fundador da Revista *Orpheu* (1915), berço do modernismo
- O amor por Ofélia Queiroz
- *O Livro do Desassossego* (1982), *Mensagem* (1934)



Fonte: Zenith, R. (2008). *Fernando Pessoa*.

## ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

### 9. BOCA DO INFERNO

**Fernando Pessoa sobre Cascais** (Lisboa, 1888 – Lisboa, 1935)

- Candidatura ao lugar de conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães
- Passava bastante tempo entre Estoril e Cascais, sempre que lhe apetecia abrigar-se da agitação cosmopolita da cidade de Lisboa. Alugava casa na antiga Rua Oriental do Passeio, nº2, que hoje se chama Alameda dos Combatentes da Grande Guerra, ou então, ficava com a irmã, que entretanto se havia instalado no Estoril, na Rua de Santa Rita
- Encenou o desaparecimento do astrólogo britânico Aleister Crowley, algures na estrada da Boca do Inferno



Fonte: Zenith, R. (2008). *Fernando Pessoa*.

### III: GUIÃO ORIENTADOR PARA OS GUIAS-INTÉRPRETES

#### Ponto de partida - Estação Ferroviária de Cascais

Muitos dos escritores que optaram por incluir Cascais na sua literatura, e/ou nas suas vidas chegaram à vila de comboio. Fernando Pessoa, Alberto Pimentel ou Eça de Queiroz terminavam as suas viagens nesta mesma estação. Faz todo o sentido começar aqui o nosso percurso, até porque a ligação ferroviária com Lisboa, inaugurada em 1889, foi um dos principais elementos de atracção responsáveis pela transfiguração da vila na segunda metade do século XIX, a par, claro, da vinda da D. Luís no período balnear, a partir de 1870, e do surto de banhos de mar. Antes do comboio, as pessoas deslocavam-se de Lisboa para Cascais de carrões, diligências, carroças, ou até de burros. Três horas de caminho numa boa diligência, oito horas numa carroça normal, e um dia inteiro montado num burro. Com o advento ferroviário estas demoras diluíram-se drasticamente para pouco menos de uma hora. Em 1889 o comboio terminava o seu percurso em Pedrouços (entre Belém e Algés), em 1892 prolongou-se até Alcântara, e em 1895 fixou o seu terminal no Cais do Sodré. Mais tarde, em 1926, inaugurou-se a primeira via-férrea electrificada do país. As representações de Cascais na literatura transmitem quase sempre uma ideia de lazer, como de um sítio para onde se vai pontualmente para ser feliz a jantar, amar, jogar, fazer negócios, ou passar férias, como poderemos verificar no decurso da rota.

*(Seguir pela Alameda Duquesa de Palmela, e descer as escadas junto ao Trem Velho, em direcção à Praia da Conceição)*

#### **Ponto 1 - Praia da Conceição**

A partir de meados do século XIX, os médicos portugueses decidiram acompanhar as tendências europeias, e passaram a recomendar os banhos de mar para tratamentos de inúmeras doenças e prevenção de epidemias. Desta forma, a costa de Cascais ganhou um novo protagonismo pelas suas propriedades terapêuticas. Os tratamentos consistiam em mergulhos rápidos e depois os banhistas teriam de permanecer com os seus longos trajes e deixá-los secar naturalmente ao longo do dia. Um dos primeiros escritores a debruçar-se sobre as praias de Cascais foi Ramalho Ortigão (Porto, 1836 – Lisboa, 1915). Nascido no Porto, onde foi professor de Eça de Queiroz no Colégio da Lapa, apaixonou-se pela literatura de viagens após ter lido *Viagens na minha terra* (1846) de Almeida Garrett. A ligação que iniciou com o seu aluno Eça de Queiroz iria resultar numa boa amizade e em várias colaborações literárias. O emblemático romance *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870) e *As Farpas* (1871-1882), conjunto de folhetos que faziam um retrato da sociedade portuguesa, muitas vezes satírico, constituem trabalhos autorais conjuntos. Membro do grupo de intelectuais autointitulado ‘Vencidos da Vida’, encontrava-se regularmente em

jantares informais para discutir os principais assuntos de literatura, política, arte ou religião. Entre os mais ilustres filiados nesta pequena comunidade, destacam-se Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Conde de Arnoso ou Carlos Lobo de Ávila. É importante também lembrar o papel pioneiro de Ramalho Ortigão na valorização do património nacional, pois esteve envolvido nas principais acções de promoção, deciframento e conservação do património português do século XIX e defendeu uma reforma legislativa urgente junto das entidades governamentais, em defesa do património. Ramalho Ortigão foi dos primeiros escritores a debruçarem-se sobre as praias de Cascais, dedicando-lhe um capítulo inteiro no seu *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante* (1876). Nele faz a descrição da viagem de comboio desde o Cais do Sodré e escreve uma crónica onde detalha o património, a população, a história e as dinâmicas sociais da então vila de Cascais. Outros escritores como Ruben A. ou Alberto Pimentel recorreram às praias da zona para encenar os seus escritos. No caso de Ruben A., figura da qual iremos falar melhor mais à frente, frequentava muito a Praia da Conceição durante as suas férias de Verão na vila, nas décadas de 1930 e 1940. Noutro registo, Alberto Pimentel teoriza sobre os quatro tipos de ‘maridos de praia’, em *Sem passar a fronteira* (1902): «O **marido roda-viva** é aquele que todos os dias vai à sua repartição ou ao seu escritório, pretextando o rigor burocrático ou a afluência de negócios. [...] O **marido metódico** é aquele que arranja as suas coisas de modo que só tem que ir uma vez por semana a Lisboa, sempre no mesmo dia. [...] O **marido plantão** é o que, durante a temporada da praia, não sai de ao pé da família. Sabe tudo o que se passa em casa e fora de casa. [...] O **marido rebelde** é aquele que vem buscar a Cascais a folia, que neste momento lhe faltaria em Lisboa. Trouxe a família como bagagem. Pô-la em casa e saiu logo para a rua. A família que se divirta, que ele trata de fazer o mesmo».

*(Seguir pela Rua Frederico Arouca, virar na Rua da Palmeira, e continuar em direcção ao Jardim Visconde da Luz)*

## **Ponto 2 - Jardim Visconde da Luz**

Este Jardim inaugurado em 1867 deve o seu nome a uma figura decisiva no progresso e na mobilidade em Cascais, pois foi através do seu bom uso do cargo de Director-Geral das Obras Públicas que se conseguiram concretizar obras fundamentais, entre as quais se destaca a estrada que liga a vila a Oeiras em 1864, aproximando-se assim de Lisboa. O Visconde da Luz é um óptimo pretexto para falar de Almeida Garrett (Porto, 1799 – Lisboa, 1854), dos seus amores e desamores, até porque o maior deles todos foi a Viscondessa da Luz. Almeida Garrett ficará para sempre notabilizado como o introdutor do Romantismo em Portugal, movimento artístico que alastrou pela Europa a partir do final do século XVIII e que encontrou expressão na literatura através de uma abordagem sentimental, em prol da natureza e das sensações, rompendo com a norma

clássica existente. Sempre assumiu um papel bastante activo na esfera política, nunca se afastando dos momentos emblemáticos da política nacional da altura (liberais contra absolutistas, cabralismo, Regeneração). Criou o Conservatório de Arte Dramática, o Teatro Nacional D. Maria II (que começou por se chamar Teatro Garrett) e foi o autor da primeira lei nacional sobre a propriedade literária e artística. Entre as suas principais obras, destaque para *Viagens na minha terra* (1846) e as peças de teatro *Um Auto de Gil Vicente* (1842), *Frei Luís de Sousa* (1843) e *Falar Verdade a Mentir* (1846). Voltando às questões amorosas que nos trazem aqui, Almeida Garrett conheceu a Viscondessa da Luz num baile e, desde então, passaram a trocar inúmeras cartas, encontrando-se furtivamente em diversos locais entre Oeiras e Cascais. Um ano antes do seu falecimento, Garrett publica *Folhas Caídas* (1853), livro de poemas que surge inicialmente anónimo, e que contém variadíssimas referências, mais ou menos ocultas à Viscondessa da Luz, através da utilização substancial das palavras ‘Rosa’, nome da Viscondessa, e ‘Luz’.

*(Seguir pela Alameda dos Combatentes da Grande Guerra, em direcção à Baía)*

### **Ponto 3 - Vila D. Pedro**

A Vila D. Pedro, que hoje é um restaurante, encontra-se directamente ligada à vida da escritora Maria Amália Vaz de Carvalho (Lisboa, 1847 – Lisboa, 1921). Nasceu em Lisboa e cresceu com a família num Palácio em Loures, rodeada de artistas e intelectuais, devido às populares tertúlias promovidas pelo pai. Numa época em que as mulheres ainda não podiam frequentar a escola, Maria Amália teve o privilégio de ser educada pela mãe em casa, e de adquirir o gosto pela leitura e pela escrita. Apaixonou-se por um livro de poemas de Gonçalves Crespo, *Miniaturas* (1871) e depois acabou mesmo por casar com o poeta. Muda-se para Lisboa com o marido, onde seguiu o exemplo do pai, ao organizar encontros de intelectuais e serões de leitura na sua nova casa. Aos 36 anos, uma série de acontecimentos viria a marcar profunda e irremediavelmente a vida da escritora. O marido Gonçalves Crespo faleceu vítima de tuberculose, perdeu aquele que seria o seu terceiro filho ao nascimento, e descobriu um conjunto de correspondência que indiciava a infidelidade do seu marido. Nunca conseguiria recuperar emocionalmente desta sequência de acontecimentos e encetou um ritmo frenético de escrita, para poder sustentar os dois filhos. Maria Amália Vaz de Carvalho deve ser também recordada pelo seu contributo precursor na discussão do papel da mulher na sociedade do final do século XIX. Publicou *Cartas a Luísa* (1886), que reúne uma compilação de cartas enviadas a uma amiga, onde discute abertamente a emancipação feminina. Foi a primeira mulher eleita para integrar a Academia das Ciências de Lisboa, e a sua acção mereceu-lhe a atribuição do seu nome ao primeiro liceu feminino nacional, inaugurado em 1933 (antiga Escola D. Maria Pia). Quando Maria Amália enviuvou, começou a frequentar muitas casas de amigos, incluindo a da Duquesa de Palmela. Estar

em Cascais era quase terapêutico para esta escritora emocionalmente frágil, então a amiga e Duquesa de Palmela, em agradecimento pela publicação de *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein* (1898-1903), ofereceu-lhe a Vila D. Pedro. Membro não-oficial do grupo 'Vencidos da Vida', exclusivo a homens, encontrou conforto em Cascais junto do seu grande amigo, o historiador Oliveira Martins.

*(Seguir em direcção à Praça 5 de Outubro e subir a Rua Marques Leal Pancada até às escadinhas do Restaurante 'Ratatouille Village')*

#### **Ponto 4 - Antiga Casa 'Faz-Tudo'**

Entre um restaurante francês e um vestígio da antiga muralha de Cascais, vamos falar de Alberto Pimentel (Porto, 1849 – Queluz, 1925), o tal autor português que classifica os maridos das praias. Começamos por dizer que Pimentel é um dos autores mais prolíferos da história da literatura portuguesa, contabilizando mais de duzentas obras publicadas. Moveu-se nos mais diferentes géneros literários, mas era a literatura de viagens aquela que o apaixonava verdadeiramente. Escreveu sobre excursões ao Porto, Santo Tirso, Lisboa, Ericeira e Cascais, entre outros destinos. Para além da literatura, assumiu uma participação assídua e prolífera na administração pública e na intervenção política. Foi membro do Partido Regenerador e um dos fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa. A sua vontade obsessiva de estar em todo o lado, fazer tudo e escrever sobre tudo, valeu-lhe a seguinte crítica anónima: «com a mania de querer ser tudo, de querer falar e escrever sobre tudo, há-de cada dia ver mais distante a sua porta para a Posteridade» (*A Ilustração*, 1884). Dedicou um dos capítulos do livro de viagens *Sem passar a fronteira* (1902) a Cascais. Nele destaca as praias e dedica um extenso trecho à antiga Calçada d'Assunção, agora Rua Marques Leal da Pancada, derretendo-se com os doces tradicionais da Antiga Casa Faz-Tudo.

*(Atravessar o arco, e descer pelas escadinhas do Sítio do Castelo, rumo à Avenida D. Carlos I (seguir pelo lado da Baía))*

#### **Ponto 5 - Chalet Leitão**

Da doçaria passamos até à arquitectura, com o belíssimo Chalet Leitão, estreado em 1896, durante um acelerado período de construção de casas de férias na vila. Nos primórdios da arquitectura de veraneio em Cascais podem ser identificados dois modelos dominantes: os palácios historicistas e os *chalets* rústicos. Este apontamento arquitectónico é o pretexto ideal para falarmos sobre Ruben A. (Lisboa, 1920 – Oxford, 1975). Embora nascido em Lisboa, mudou-se muito cedo com a família para o Porto, onde conviveu com a sua prima, a célebre poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen. As suas férias de verão em

adolescente, e mais tarde quando frequentou a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, eram passadas nesta casa de familiares. Ao atingir a maioridade, Ruben A. teve a oportunidade de viajar pela Europa, devido a um prémio que os pais venceram ao celebrar um contrato de seguro. Esta viagem pela Europa no Verão de 1938, em vésperas da Segunda Guerra Mundial, acabaria por marcar profundamente a personalidade do escritor. Percorreu várias cidades alemãs, viveu a boémia de Bremen, Munique e Berlim, mas foi no decurso da sua estadia na Áustria que tropeçou numa realidade desconhecida e incompreensível. Pouco depois, já em Cascais, começou a assistir à chegada de vários refugiados e alguns deles tornaram-se seus amigos. Na sua extensa autobiografia de três volumes intitulada *O mundo à minha procura* (1964, 1966, 1968), o contacto indirecto com o conflito bélico é um assunto bastante presente. Foi professor, Administrador da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, e director-geral dos assuntos culturais do Ministério da Educação e da Cultura, entre outros. Entre as obras mais reconhecidas de Ruben A. destaca-se o romance surrealista *A Torre da Barbela* (1965).

*(Seguir pela Avenida D. Carlos I e depois pela Avenida Rei Humberto II de Itália, em direcção ao Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães)*

### **Ponto 6 - Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães**

Inaugurado em 1931, o Museu Condes de Castro Guimarães é o mais antigo espaço museológico do concelho. A outrora Torre de São Sebastião nasceu pela acção do aristocrata Jorge O'Neill, no início do século XX. O palácio foi vendido em 1910 aos Condes de Castro Guimarães que, após procederem a algumas alterações, passaram a habitá-lo grande parte do ano. Quando faleceu, em 1927, o Conde deixou, em testamento, a casa e propriedade ao Município de Cascais, para que nelas fosse constituída uma Casa-Museu e Jardim Público (Fonte: CMC). Um dos conservadores mais relevantes deste espaço foi o escritor Branquinho da Fonseca (Mortágua, 1905 – Cascais, 1974), que exerceu funções durante 19 anos. O autor começou por colocar o seu nome no mapa em finais da década de 1920, enquanto estudante de Direito em Coimbra, ao fundar a revista *Presença* (1927), com os colegas universitários José Régio e João Gaspar Simões. Fortemente influenciado pelo modelo da emblemática *Orpheu* (1915), esta publicação lançou as bases para o que seria considerado o segundo momento do modernismo literário português. A sua obra mais aclamada, *O Barão* (1942), um conto fantástico com traços novelescos, foi posteriormente adaptada ao teatro por Luís de Sttau Monteiro (1964) e ao cinema por Edgar Pêra (2011). Enquanto conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães (1942-1960) procedeu inicialmente à renovação e reorganização do espaço, em busca de um ambiente mais acolhedor, capaz de atrair e fixar mais usuários. Instituiu a modalidade de empréstimo, de forma a não restringir o acto da leitura à biblioteca, e, mais importante, reforçou substancialmente o acervo

disponível. Contudo, o seu maior contributo viria a ser a criação das bibliotecas itinerantes, iniciativa nunca antes vista em território nacional, que lhe valeu o convite para dirigir o Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian. Antes de Branquinho, também Fernando Pessoa apresentou a sua candidatura ao cargo de conservador, em 1932, muito pelo apreço que Pessoa sentia pela localidade vizinha da capital. A irmã residia no Estoril e Pessoa manifestou por diversas vezes o seu desejo de mudar-se para Cascais em definitivo, algo que se reflecte nas várias referências positivas à zona em vários dos seus escritos. No entanto, acabaria por ser preterido do cargo a favor do pintor português Carlos Bonvalot. Actualmente, a Câmara Municipal de Cascais dispõe de 3 Bibliotecas Municipais que integram a Rede Nacional de Bibliotecas de Leitura Pública: Biblioteca Infantil e Juvenil, Biblioteca Municipal de Cascais – Casa da Horta da Quinta de Santa Clara e a Biblioteca Municipal de São Domingos de Rana. As Bibliotecas Municipais de Cascais disponibilizam um catálogo *online* que permite a todos os interessados efetuar pesquisas para verificar se o título ou autor que procuram estão representados na coleção. Aos leitores inscritos é dada a possibilidade de gerir *online* os seus dados pessoais, proceder a reservas e renovações de empréstimos e apresentar sugestões para a aquisição de títulos.

*(Seguir a mesma Avenida em direcção à Casa São Bernardo)*

### **Ponto 7 - Casa São Bernardo**

Casa idealizada no final do século XIX pelo Conde de Arnoso, secretário pessoal do rei D. Carlos e membro do grupo ‘Vencidos da Vida’; grande amigo do escritor Eça de Queiroz (Póvoa de Varzim, 1845 – Paris, 1900), que frequentava regularmente esta casa durante as suas visitas a Cascais. Eça de Queiroz nasceu de uma relação extramarital, e se o pai ainda optaria por entregá-lo aos cuidados de um avô, a mãe demoraria quarenta anos a reconhecê-lo oficialmente como seu filho, aquando do seu casamento. A total ausência da mãe na vida de Eça de Queiroz haveria de marcar de forma indelével a sua sensibilidade. Aluno de Ramalho Ortigão no Colégio da Lapa, no Porto, começou por destacar-se em 1869, com a publicação do relato de uma viagem diplomática prestigante ao Egipto e Palestina. Para além de *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870) e de *As Farpas* (1871-1882), escritos em conjunto com Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz assinou a título individual *O Crime do Padre Amaro* (1875) e *Os Maias* (1888), dois dos romances mais emblemáticos da literatura nacional. Membro impulsor das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, encontros de intelectuais vanguardistas cancelados pelo governo antes da sua sexta edição, sob a acusação de tentarem «sustentar doutrinas e preposições que atacam a religião e as instituições políticas do Estado». Este dissabor deu origem à formação do grupo dos ‘Vencidos da Vida’, que reunia intelectuais em jantares e tertúlias animadas, em vários pontos de Lisboa e Cascais.

Protagonizou igualmente uma carreira respeitável enquanto cônsul, passando por Havana, Newcastle, Bristol e finalmente Paris, onde veio a falecer. Desde o seu regresso de Havana que Eça de Queiroz começou a ser presença rotineira por Cascais, ficando na Casa S. Bernardo (Avenida Humberto II de Itália) do seu amigo Conde de Arnoso, no Hotel do Globo (onde é hoje o Hotel Baía), ou então no também extinto Hotel do Estoril. Por lá encontrava-se com o amigo Ramalho Ortigão, nadava nas águas que lhe faziam lembrar as praias do Norte, ou partia numa das suas extensas e prazerosas caminhadas ao longo da costa. É possível encontrarmos inúmeras referências a Cascais na sua vasta correspondência publicada.

*(Seguir a mesma Avenida em direcção à Boca do Inferno)*

### **Ponto 8 - Boca do Inferno**

A última paragem da Rota é o cenário ideal para falarmos sobre Fernando Pessoa, pois a sua ligação com Cascais não se esgota numa candidatura recusada para as funções de conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães. Embora tenha nascido e vivido os primeiros sete anos da sua vida no Largo de São Carlos, em Lisboa, o falecimento do pai, e o posterior casamento da sua mãe com o cônsul português na África do Sul, levaram-no a mudar de continente em 1895. Teve um contacto privilegiado e aprofundado com a linguagem britânica durante toda a sua educação e formação em Durban. Notabilizou-se pela sua capacidade de se desdobrar em diversos pseudónimos, heterónimos e semi-heterónimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Bernardo Soares...) e fundou a revista *Orpheu* (1915), publicação que apesar da sua curta existência (duas edições), representou uma fractura no ambiente literário português, e foi considerada o berço do movimento modernista, pelo vanguardismo dos textos reproduzidos. Entre as suas principais obras, é imperioso referir a *Mensagem* (1934), único livro de poemas publicado em português durante a sua vida. Reúne um total de 44 poemas, num exercício de exaltação patriótica, promovendo uma regeneração cultural, sustentada na valorização das proezas históricas nacionais, como foram os Descobrimentos. Em várias das cartas enviadas ao seu único amor conhecido, Ofélia Queiroz, Pessoa manifestou a sua vontade de assentar em Cascais, onde tanto se abrigou da confusão cosmopolita. É aqui na Boca de Inferno que teve lugar um dos episódios mais marcantes de Fernando Pessoa em Cascais. Estudioso incansável de astrologia, o poeta luso decide enviar uma carta a Aleister Crowley, mago e ilustre astrólogo inglês, a informar que o seu horóscopo estaria errado. Crowley responde a dar razão ao português e, desde então, estabeleceu-se uma troca de correspondência fértil entre os dois. Mais tarde, o astrólogo inglês auto-intitulado 'A Besta 666', cuja excêntrica reputação o perseguia um pouco por todo o mundo, anunciou uma visita a Lisboa, consumada no dia 2 de Setembro de 1930. Durante a sua estadia em território lusitano, Pessoa e

Crowley decidem encenar o misterioso desaparecimento do forasteiro, a 25 de Outubro, algures na estrada da Boca do Inferno. Com a ajuda de um jornalista do *Notícias Ilustrado*, que se dispôs a publicar o tal desaparecimento em forma de reportagem, personificando alguém que teria encontrado uma cigarreira e uma carta misteriosa de Crowley no Canal de Mata-Cães. O jornalista em questão, Augusto Ferreira Gomes, entregou os objectos à Polícia, e Fernando Pessoa chegaria mesmo a prestar declarações, negando qualquer tipo de conhecimento sobre o sucedido, e deixando em aberto as hipóteses de assassinato ou até de suicídio. Crowley voltou a aparecer publicamente três semanas depois, em Berlim, na abertura de uma exposição de pintura sua. Este episódio serviu de inspiração para Pessoa escrever *A Boca do Inferno* (1932), romance policial na primeira pessoa, sobre um detective de nacionalidade inglesa fictício, que teria sido incumbido de investigar o desaparecimento de Aleister Crowley.

## **IV: GUIÃO ORIENTADOR PARA OS ACTORES DO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS**

### **PONTO DE ENCONTRO | ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE CASCAIS**

**14h-14h10**

Intervenção inicial do Guia-Intérprete.

**14h10-14h15**

(Seguir pela Alameda Duquesa de Palmela e descer as escadas junto ao Trem Velho, em direcção à Praia da Conceição).

### **PONTO 1 | PRAIA DA CONCEIÇÃO**

**14h15-14h20**

Intervenção do Guia-Intérprete.

**14h20-14h30**

(Seguir pela Rua Frederico Arouca, virar na Rua da Palmeira e continuar em direcção ao Jardim Visconde da Luz. Pelo caminho parar brevemente junto do poema de Herberto Helder, na antiga loja Valentim de Carvalho).

### **PONTO 2 | JARDIM VISCONDE DA LUZ**

**14h30-14h45**

Intervenção do Guia-Intérprete.

**TEC:** Durante a intervenção do Guia-Intérprete, Almeida Garrett e a Viscondessa da Luz estarão (mal) escondidos, no local indicado pela seta da imagem abaixo. Será um momento de intimidade evidente, com conversa e muitos sorrisos. A Viscondessa da Luz assumirá sempre uma postura mais envergonhada, pois tem medo de ser reconhecida. Quando o Guia-intérprete terminar a sua intervenção, levará o grupo até ao casal. Almeida Garrett apresenta-se, ao passo que a Viscondessa mantém uma certa distância, motivada pelo embaraço de não querer ser reconhecida. Garrett pede opinião ao grupo sobre uma carta de amor que pensa enviar à Viscondessa da Luz, e declama os seguintes parágrafos:

*«Se neste coração houvesse ainda a mais leve sombra de outra imagem que não fosse a tua – ontem se tinha apagado para sempre – ontem, se eu ainda tivera que te dar, tinhas tomado posse de todo o meu ser. Alma, sentidos, coração, espírito, ocupas tudo, és senhora de tudo. Isto já não é amor, não é paixão, é mania verdadeira: não posso pensar senão de ti, e não posso viver senão contigo. Que dia, R! que dia foi o de ontem, e poderá ele esquecer-nos jamais?*

*Acreditarás que no momento que te deixei tive uma saudade, uma pena que não sei explicar?*

*Já tinha feito um doce hábito de estar a teu lado, já me parecia que era a minha vida regular e ordinária estar junto a ti, rodeado de teus carinhos, inlaçado nos teus braços....»*

Enquanto declama a última frase, Garrett repara ao longe na presença de alguém conhecido, parece ficar inquieto. Interrompe o discurso, pede ao grupo de imediato para não contar a ninguém que os tinham visto juntos e foge com a Viscondessa (nunca em direcção à Baía).



**14h45-14h55**

(Seguir pela Alameda dos Combatentes da Grande Guerra, em direcção à Baía).

**PONTO 3 | VILA D. PEDRO**

**14h55-15h**

Intervenção do Guia-intérprete.

**15h-15h05**

(Seguir em direcção à Rua Marques Leal Pancada, até às escadinhas do Restaurante 'Ratatouille Village').

**PONTO 4 | ANTIGA CASA FAZ TUDO**

**15h05-15h20**

Intervenção do Guia-intérprete ainda na entrada da Rua Marques Leal Pancada.

**TEC:** Assim que o Guia-intérprete terminar a intervenção, segue com o grupo até à Antiga Casa Faz Tudo, onde estará Alberto Pimentel e a vendedora da confeitaria. Alberto Pimentel convidará o grupo a provar as Areias de Cascais e as Joaninhas, integrando no seu discurso as seguintes citações:

«Enfim, a calçada da Assunção, em Cascais, se poucos vestígios arqueológicos ainda conserva do tempo em que a vila foi marquesado e dele recebeu brilho e fama, tem na antiga casa Faz Tudo, o que quer que seja de característico dessa época, de ucharia e galanteio, nas doces Joaninhas que se comem, nas Testinhas que se beijam e mordem, nos Lacinhos com que se enfeita o estômago, nas Torradinhas que dispensam manteiga, e nas Barrigas de Freira a que uma pessoa toma o gosto sem ofender os cânones»

«O bolo d'areia pode parecer ridículo pelo nome, pois que no calão moderno – areia – significa toleina, mas não deixa de ser próprio de uma praia, onde, de mais a mais, há um pouco de isso...»

Enquanto o grupo prova as areias e as joaninhas, a vendedora explica sucintamente como são feitas, utilizando como referência a seguinte receita:

## Areias de Cascais

Serve 4

190 g de açúcar  
190 g de manteiga  
90 g de banha  
Raspa de limão  
550 g de farinha de trigo  
250 g de açúcar para polvilhar

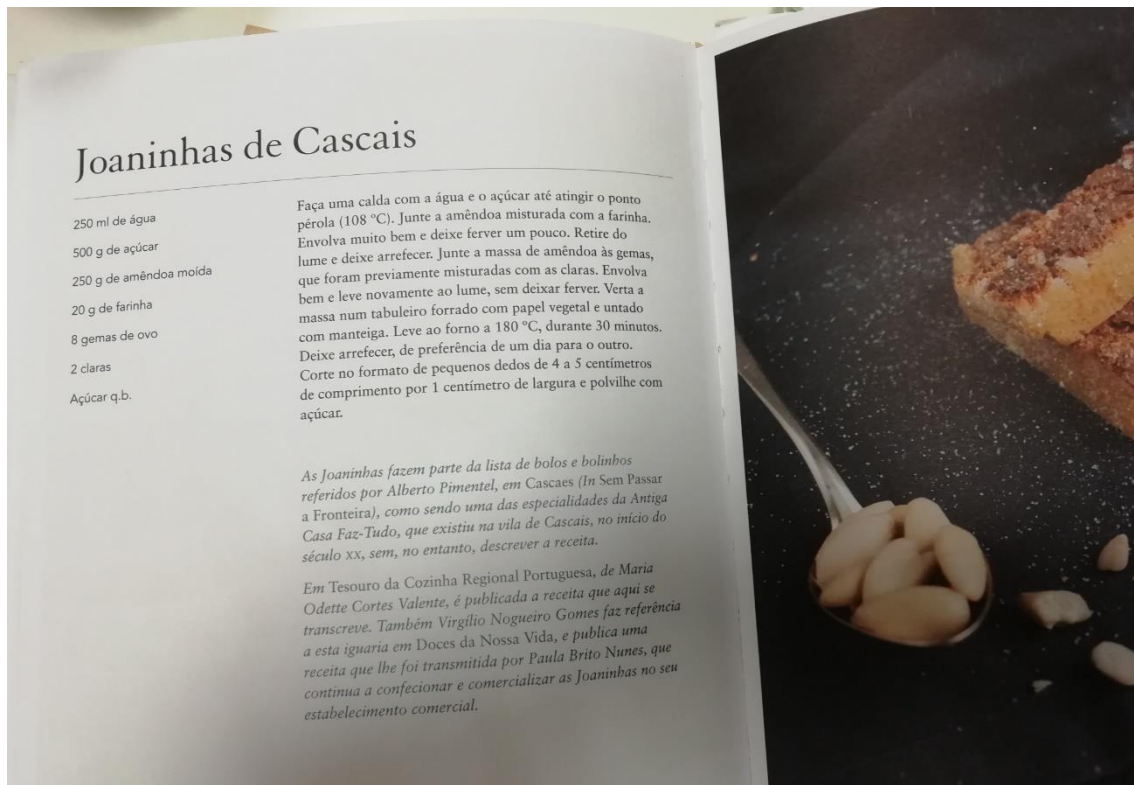
«O bolo d'areia pode parecer ridículo pelo nome, pois que no calão moderno – areia – significa toleina, mas não deixa de ser próprio de uma praia, onde, de mais a mais, há um pouco de isso...»<sup>133</sup>

Trabalhe o açúcar com a manteiga, a banha e a raspa de limão. Junte a farinha. Reserve durante uma hora. Se necessário acrescente umas gotas de água. Coloque as bolinhas num tabuleiro untado com manteiga e leve ao forno, a 230 °C, cerca de 15 minutos. Devem ficar claras. Depois de retirá-las do forno, passe-as por açúcar.

As Areias são talvez o doce mais conhecido e emblemático de Cascais. Há, por isso diversas receitas. A que aqui se apresenta é do chef Pastelero Gilberto Costa e consta do seu livro *Biscoitos, Bolachas e Bolinhos*. Estes bolinhos são referidos pela primeira vez, por Alberto Pimental, em Cascais (*In Sem passar a fronteira*), como sendo uma das especialidades da Antiga Casa Faz-Tudo, que existiu na vila de Cascais, no início do século XX. A receita, desta e de outras «guloseimas» mencionadas pelo autor, não é descrita. Nos anos trinta do século XX a receita aparece publicada na obra *Cozinha Ideal*, de Mamei Ferreira, nos anos quarenta em *O Livro de Fantagruel*, de Bertha Rosa-Limpo. Maria de Lourdes Modesto refere esta iguaria na *Grande Enciclopédia da Cozinha*, que terá sido publicada os anos sessenta, e inclui a receita em *Cozinha Tradicional Portuguesa*, obra publicada no início dos anos oitenta. Na *Grande Enciclopédia da Cozinha*, na entrada *Areias*, diz-se que são «bolinhos pequenos de fácil confecção, muito apreciados» e que «são célebres as Areias de Cascais». <sup>134</sup> Posteriormente várias outras versões foram surgindo. Também Virgílio Nogueira Gomes se interessou por esta iguaria e incluiu a sua história e uma receita em *Doces da nossa vida*.

134





Alberto Pimentel decide enaltecer Cascais, terminando com o elogio à Calçada da Assunção, com base na seguinte citação:

*«Possui hoje a vila a linda avenida Valbom, o belo passeio Maria Pia, o tranquilo jardim da Parada, o solitário Passeio do Visconde da Luz, mas nenhuma rua pode despertar mais interesse a um misantropo, como eu, do que a calçada d'Assunção, que tem pedras e doces que falam do passado, de marqueses com marquesado territorial, de galanterias e bolos, de amores e conventos, finalmente, de freiras cuja beleza plástica ainda agora é celebrada em graciosos monumentos de açúcar e amêndoa».*

O Guia-intérprete agradece e segue viagem com o grupo. Alberto Pimentel e a vendedora mantêm-se na banca a conversar e esperam que todos desapareçam de vista.



**15h20-15h25**

(Atravessar o arco, e descer pelas escadinhas do Sítio do Castelo, rumo à Avenida D. Carlos I, pelo lado da Baía).

### **PONTO 5 | CHALET LEITÃO**

**15h25-15h30**

Intervenção do Guia-intérprete.

**15h30-15h40**

(Seguir pela Avenida D. Carlos I e depois pela Avenida Rei Humberto II de Itália, em direcção ao Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães. Pelo caminho, parar brevemente em frente da Cidadela e fazer referência à livraria da Cidadela e da Casa Sommer)

**TEC:** Logo após a breve intervenção à entrada da Cidadela, Fernando Pessoa passará em frente do Centro Cultural de Cascais e à vista de todos, encara novamente o grupo, seguindo na direcção do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães.



## **PONTO 6 | MUSEU-BIBLIOTECA CONDES DE CASTRO GUIMARÃES** **15h40-15h55**

Intervenção do Guia-intérprete à entrada do Museu-Biblioteca, com intervenções de João Henriques, e do representante da Fundação D. Luís, Salvato Teles de Menezes. Conta-se igualmente com a presença da Biblioteca Móvel.

**TEC:** Durante a intervenção do Guia-intérprete, Fernando Pessoa aparecerá novamente ao grupo, desta vez a sair do edifício principal do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães.



## **15h55-16h**

(Seguir a mesma avenida em direcção à Casa São Bernardo)

## **PONTO 7 | CASA SÃO BERNARDO** **16h-16h15**

Intervenção do Guia-intérprete na entrada da Casa.

**TEC:** Eça de Queiroz estará sentado na varanda da Casa, no lado contrário. Aguardará pela chegada do grupo, que receberá entusiasticamente. Convida o grupo a subir à varanda. Fala sobre Cascais, tendo por base o seguinte trecho:

*«Aqui, como já disse o Garrett em verso, estamos no Cabo do Mundo. As notícias levam quase dois dias a percorrer estes 20 quilómetros que nos separam da Capital. E este não é pequeno inconveniente, em momento de tanta curiosidade ansiosa. Restam apenas os boatos que o vento traz. Assim, está correndo agora que houve um combate entre esquadras americana e espanhola, nas costas de Portugal, para os lados de Viana!».*

Revela estar à espera dos restantes elementos do grupo 'Vencidos da Vida', e explica o que significa ser um Vencido da Vida, utilizando os seguintes trechos como referência:

*«Todos aqueles que impelidos pela ânsia de realizar uma obra grandiosa, embora muito conseguissem, sucumbiram, por fim, desalentados e incompreendidos, ante a doentia convicção de que todo o emprego foi mal-empregado» (Gomes Monteiro)*

*«Se um sujeito, aí pelos vinte anos, quando se escolhe uma carreira, decidiu ser um milionário, um poeta sublime, um general invencível, um dominador de homens (ou de mulheres, segundo as circunstâncias), e se, apesar de todos os esforços e empurrões para diante, fica a meio caminho do milhão, do poema ou do penacho – ele é para todos os efeitos um vencido, um morto da vida, embora se pavoneie por essa Baixa amortalhado numa sobrecasaca do Poole e conservando no chapéu o lustre da resignação» (Eça de Queiroz)*

Finalmente, pergunta ao grupo para onde vai a seguir. O Guia-intérprete responde «Boca do Inferno», e Eça de Queiroz responde com o poema 'Boca do Inferno':

*«Sob os rochedos gigantes de formas  
Caprichosas  
Retalhados de cavernas imensas,  
Misteriosas  
Ouve-se do vento e das vagas o fragor  
O Oceano precipita-se e rola em furor  
E de dor uiva embatendo no penedio  
E quando a noite regressa, o pescador  
Tardio  
Ouve ao longe estranhos ruídos internos  
É Satanás que ruge às portas dos infernos»*

Eça de Queiroz deseja boa viagem, e volta a sentar-se, aguardando pela chegada dos amigos, enquanto o Guia-intérprete e o Grupo abandonam a Casa S. Bernardo.





**16h15-16h25**

(Seguir no shuttle em direcção à Boca do Inferno)

### **PONTO 8 | BOCA DO INFERNO**

**16h25-16h40**

Intervenção final do Guia-intérprete.

**TEC:** Fernando Pessoa será encontrado uma última vez na Boca do Inferno, depois da intervenção do Guia-intérprete, onde contará com orgulho o episódio sobre Crowley e a Boca do Inferno. Não existe um sítio exacto definido para a intervenção de Fernando Pessoa. Existem questões relacionadas com a afluência do local e com a própria acústica que só podem ser avaliadas no momento, e que exigem improvisação de todos os envolvidos. Segue o episódio:

*«A dada altura da sua vida, Fernando Pessoa decide mergulhar no universo do ocultismo, e é a partir desta iniciação esotérica que nasce um dos episódios mais marcantes do poeta em Cascais. Estudioso incansável de astrologia, Pessoa decide enviar uma carta a Aleister Crowley, mago e ilustre astrólogo inglês, a informar que o seu horóscopo estaria errado. Crowley responde a dar razão ao português, e desde então, estabelece-se uma troca de correspondência fértil entre os dois. Mais tarde, o astrólogo inglês auto-intitulado 'A Besta 666', cuja excêntrica reputação o perseguia um pouco por todo o mundo, anunciou uma visita a Lisboa, consumada no dia 2 de Setembro de 1930.*

*Durante a sua estadia em território lusitano, Pessoa e Crowley decidem encenar o misterioso desaparecimento do forasteiro, a 25 de Outubro, algures na estrada da Boca do Inferno. Com a ajuda de um jornalista do Notícias Ilustrado, que se dispôs a publicar o tal desaparecimento em forma de reportagem, personificando alguém que teria encontrado uma cigareira e uma carta misteriosa de Crowley no Canal de Mata-Cães. O jornalista em questão, Augusto Ferreira Gomes, entregou os objectos à Polícia, e Fernando Pessoa chegaria mesmo a prestar declarações, negando qualquer tipo de conhecimento sobre o sucedido, e*

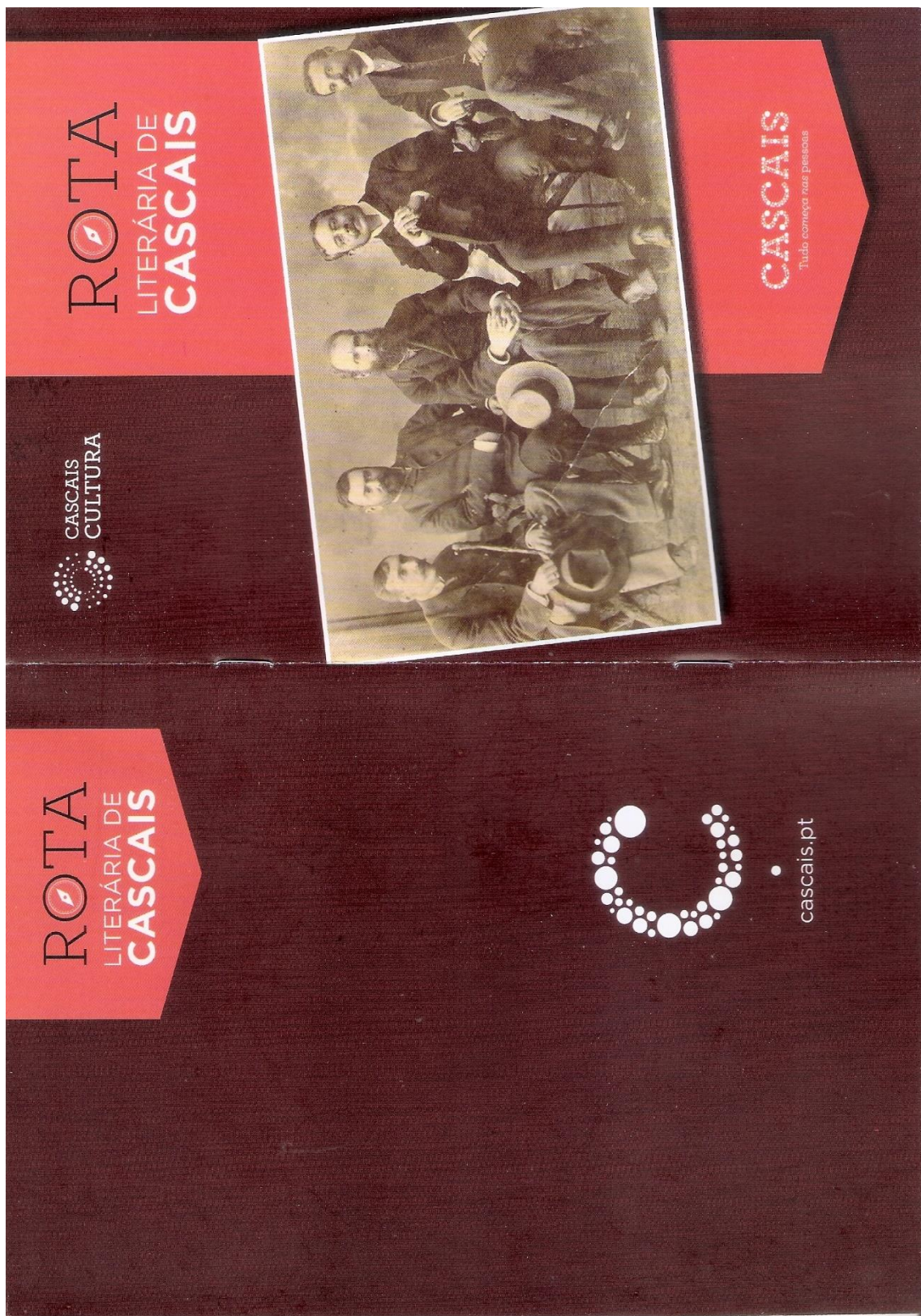
*deixando em aberto as hipóteses de assassinato ou até de suicídio. Crowley voltou a aparecer publicamente três semanas depois, em Berlim, na abertura de uma exposição de pintura sua. Este episódio serviu de inspiração para Pessoa escrever A Boca do Inferno (1932), romance policial na primeira pessoa, sobre um detective de nacionalidade inglesa fictício, que teria sido incumbido de investigar o desaparecimento de Aleister Crowley».*

No final da intervenção de Fernando Pessoa, o Guia-intérprete fará uma declaração final e agradece a participação dos alunos do TEC.



# **ANEXOS**

# I: FOLHETO DA 'ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS'



# ROTA

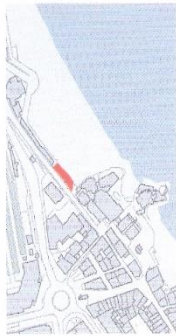
## LITERÁRIA DE CASCAIS

A vila de Cascais emana invariavelmente uma noção de lazer prazeroso e por isso surge como cenário privilegiado para estórias, personagens e escritores. Ainda o advento ferroviário do final do século XIX não havia iniciado e já Almeida Garrett se escapula furtivamente até Cascais, em busca do seu amor proibido, a Viscondessa da Luz. Com o progressivo esbatimento das distâncias entre a vila e a capital, cada vez mais foram os autores que escreveram sobre Cascais. Ramalho Ortigão enalteceu as praias e as propriedades terapêuticas das suas águas, ao passo que Alberto Pimentel se deliciou com a gastronomia local. Para Fernando Pessoa e Maria Amália Vaz de Carvalho, Cascais era um refúgio espiritual reconfortante. Eça de Queiroz reunia os principais intelectuais da sua época em animados jantares na Casa de S. Bernardo. E pese embora a faceta naturalmente descontrada da vila, esta também não podia escapar às principais questões do seu tempo, como nos lembra Ruben A., após ter convivido com vários refugiados da Segunda Guerra Mundial no Chalet Leitão, junto à Baía. Obrigatório destacar ainda o papel de Brinquinho da Fonseca, responsável por aproximar as bibliotecas da comunidade, através do seu reconhecido trabalho enquanto conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães. A partir destas múltiplas referências que ligam os livros à vila, nasceu a Rota Literária de Cascais, que pretende constituir-se como um meio de promoção do património literário local.

Cascais consegue reunir um património literário centenário de valor inestimável. Vamos descobri-lo!

- 1 PRAIA DA CONCEIÇÃO
- 2 JARDIM VISCONDE DA LUZ
- 3 VILA D. PEDRO
- 4 ANTIGA CASA FAZ TUDO
- 5 CHALET LEITÃO
- 6 MUSEU CONDES DE CASTRO GUIMARAES
- 7 CASA DE S. BERNARDO
- 8 BOCA DO INFERNO





## 1 Banhos de caldas, águas minerais e praias de Ramalho Ortigão

Praia da Conceição | Rua Frederico Arouca, 175  
Lat. 38.700277° | Long. -9.416465°

Ao ler *Viagens na minha Terra* (1846), obra icônica de Almeida Garrett e da história da literatura nacional, o escritor português Ramalho Ortigão (1836-1915) sentiu-se impelido a aventurar-se nas crônicas de viagens, gênero que abraçou apaixonadamente, embora nunca em exclusivo. Escreveu sobre as suas passagens por Paris, Inglaterra, Holanda e Brasil, mas sempre manifestou uma especial preferência quando essas viagens eram pelas terras de Portugal. Cascais e Ramalho Ortigão surgem de mãos dadas quando a temática é a praia, quer seja no manual *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante* (1876), ou em *Barlhos de caldas e águas minerais* (1875), livro sobre a existência de termas e águas termais em território luso. Juntamente com o seu grande amigo e figura incontornável da língua portuguesa, Eça de Queiroz, assinou *As Farpas* (1871-82), um conjunto de folhetos icónicos de periodicidade mensal, que faziam um retrato da sociedade portuguesa, muitas vezes satírico, em todas as suas vertentes. Numa delas demonstra enorme satisfação pelas transformações urbanísticas anunciadas para a zona do Estoril, patente no seguinte parágrafo.

«O sítio de Cascais propõe-se transformar o lúxico arbalde do Estoril, onde junto de praia há uma rica nascente de água termal em vila de banhos; e de águas no moderno tipo elegante de Wiesbaden, de Trévillie ou de Salm-Steubien. Seria lúcio, a realizar-se o último



dos grandes benefícios com que nos últimos tempos nos tem cumulado a Providência. Desde que se decidiu para todas as eteas que lúcio é um alegre desfazer de feira, que depois de nós pode vir o dilúvio quando for serúdo, porque a gente vai acabar com o resto que há para perder o malis velozmente que ser possa — desde que esta decisão se tomou por acordo geral e a contento de maior número — Estoril — as-Baixas, tornou-se para nós uma necessitação social»

Cascais em *Ramalho Ortigão*. (2002). 21-22.



## 2 O Romantismo de Almeida Garrett

Jardim Visconde da Luz | Rua Visconde da Luz  
Lat. 38.699497° | Long. -9.420949°

Não admira que tenha sido Almeida Garrett (1799-1854), homem de grandes paixões, o responsável por introduzir o Romantismo na literatura portuguesa. Cascais foi o cenário privilegiado da história de amor proibida entre Almeida Garrett e Rosa Infante, a viscondessa da Luz. Durante vários anos os dois trocaram correspondência e combinaram encontros furtivos em diversos pontos da localidade. Em 1853, um ano antes da sua morte, Garrett publicou *Folhas Cálidas*, um conjunto de poemas onde esta relação apaixonada surge como temática central, embora sem nunca revelar explicitamente a identidade da amada. Entre eles, encontramos um poema melancólico intitulado 'Cascais', do qual segue um pequeno trecho.



### CASCAIS

Acabava ali a terra  
Nos derradeiros rochedos,  
A deserta árida serra  
Por entre negros penedos  
Só deixa viver mansinho  
Triste pinheiro maninho,  
E os ventos despregados  
Sopravam rijos na rama,  
E os céus turvos, anuviados,  
O mar que incessante brama...  
Tudo ali era braveza  
De selvagem natureza.  
Ali na quebra do monte,  
Entre uns juncos malmedrados,  
Seco o rio, seca a fonte,  
Ervas e matos queimados,  
Ai nessa bruta serra,  
Ai foi um céu na terra.  
Ali sós no mundo, sós,  
Santo Deus! como vivemos!  
E de nada mais soubemos!  
Como nos folgava a vida  
De tudo o mais esquecida!  
Que longos beijos sem fim,  
Que falar dos olhos mudo!  
Como ela vivia em mim,  
Como eu tinha nela tudo,  
Minha alma em sua razão,  
Meu sangue em seu coração!

Garrett, A. (1943). *Folhas Cálidas e outros poemas*, 68.



### 3 A Vila D. Pedro de Maria Amália Vaz de Carvalho

Vila D. Pedro | Rua Fernandes Tomás, 1  
Lat. 38.697608° | Long. -9.418958°

Natural de Lisboa, Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) mudou-se com a família para os arredores da capital aos quinze anos e foi no Palácio de Piteuéis, em Loures, que iniciou a sua caminhada literária. Longe da capital encontrou conforto na escrita, inspirado pelas ilustres figuras que frequentavam a sua casa, por via das tertúlias que o pai organizava. Mais tarde, ela própria se tornaria anfitriã de semelhantes encontros, pontuados com a presença dos principais nomes da literatura nacional. Depois de envolver do poeta Gonçalves Crespo, mergulhou numa profunda crise emocional e Cascais tornou-se o seu refúgio preferencial. Pelo contributo histórico fundamental que significou a publicação da *Voz do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein* (1898-1903), a Duquesa de Palmela acabaria por agraciá-la com a oferta da Vila D. Pedro, habitação localizada na Rua Fernandes Tomás, n.º 1, em Cascais. No livro *Pelo mundo fora* (1896), Maria Amália Vaz de Carvalho recorda os tempos passados na vila com Oliveira Martins, aludindo à debilitação da saúde do amigo.

6 Feridos os dois por uma doação traiçoeira que se apresentava no empobrecido organismo de ambos, igualmente ameaçadora de morte próxima e que para ele tão cedo realizou a regra ameaça, ambos tínhamos partido com diferença de dias apenas para Cascais. Eram contiguas as casas que habitávamos, davam ambas para o lindo parque que o falecido Visconde de Gandarimha ali plantou luxuosamente. [...] avistava-se, das janelas dos dois convescentes, o mar, o grande mar azul, em que Oliveira Martins lera tão comovedoramente a lenda do nosso destino nacional, a história gloriosa e trágica da vida e da morte da Pátria Portuguesa. [...] Menos abatido de espírito, e mesmo de corpo, que eu, era ele quem, descendo a escada da sua casa e subindo a da minha, vinha sentar-se na pequenina sala onde eu quotidianamente esperava aquela visita deliciosa. [...] Falávamos de tudo. Mais, no entanto, do presente que do passado. Era nobre, glorioso, épico o passado? Decerto! Mas que importava, se escava inteiramente extinto para nós?

Voz de Carvalho, M. Amália. (1896). *Pelo mundo fora*, 247.





## O A Calçada da Assunção exaltada por Alberto Pimentel

Antiga Casa 'Faz-Tudo'  
Rua Marques Leal Paicada, 18  
Lat. 38.690566° | Long. -9.42114°

Natural da cidade do Porto, Alberto Pimentel (1849-1925) será recordado como um dos escritores mais frutíferos e polyvalentes da história da literatura portuguesa. Entre romances, poesias, contos, crónicas, estudos históricos, e outros géneros menos catalogáveis, Alberto Pimentel é dono de uma extensíssima obra que ultrapassa as duas centenas de publicações em meio século de carreira literária. Habitualmente leves e descontraídas, as crónicas de viagens integravam o lote dos seus géneros prediletos, pelo assumido prazer de viajar por Portugal, à descoberta de novas tradições e vivências. Numa destas publicações, intitulada *Sem passar a fronteira* (1902), o autor valiente dedica o segundo capítulo do livro inteiramente a Cascais, com uma junção de vários artigos e folhetos de publicações periódicas. Descreve alguns episódios relacionados com a época balnear, faz um elogio a diversas praias da costa, mas o que se destaca mais é, sem dúvida, o texto lisonjeiro que dedica à Calçada da Assunção (actual Rua Marques Leal Paicada), do qual se segue um pequeno trecho.

*«Passat hoje a vila a linda avenida Velton, o belo passeio Maria Pia, o tranquilo jardim da Parada, o solitário Passeio do Visconde da Luz, mas nenhuma rua pode despertar mais interesse a um misantrópico, como eu, do que a calçada d'Assunção, que tem pedras e doces se falam do passado, de marquezes com marquêsado territorial, de galanerias e bolos, de amores e convites, finalmente, de freiras cuja beleza plástica ainda agora é celebrada em graciosos monumentos de esparto e amêndoa [...]. Eufra, a calçada da Assunção, em Cascais, se poucos vestígios arqueológicos ainda conserva do tempo em que a vila foi marquêsado e dele recebeu brilho e fama, tem na antiga casa faz Tudo, o que quer que seja de conhecimento dessa época, de ucharia e galanteio, nos doces joaninhas que se comem, nas leitinhãs que se beijam e mordem, nas lanchitas com que se entêto o estômago, nas Torradinhas que dispensam manteiga, e nas Barrigas de Feio, a que uma pessoa toma o gosto sem ofender os cânones»*

Pimentel, A. (1902). *Sem passar a fronteira*, 47.



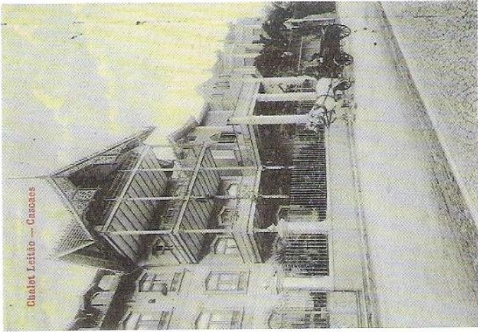
## O Chalet Leitão de Ruben A.

Avenida Dom Carlos, 106  
Lat. 38.695749° | Long. -9.49879°

Primo da célebre poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen, o escritor Ruben A. (1920-1975) desde cedo se habituou a passar as férias de Verão no Chalet Leitão, em Cascais. Tornase residente permanente da habitação no virar da década de 40, quando frequentou o curso de Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No primeiro ano da sua vida académica, em vésperas de ser chamado a fazer a recrutamento militar, Ruben A. fez do Chalet Leitão um ponto de encontro para os seus amigos e colegas universitários, onde se contam figuras ilustres como Almada Negreiros, António Duarte e Bárata Feio, entre outros. Também nessa altura a casa recebeu vários refugiados da Segunda Guerra Mundial, que aguçavam avidamente em Cascais pela oportunidade que lhes permitisse deixar o continente europeu.

*«Pela manhã cedo saiu do Chalet Leitão - espécie de central humana de comunhão - e do qual embarcava direto com os primos para a praia da Conesção. Dias e dias iguais, perfeitamente iguais, normalmente iguais. Dias simples, sem ruínas, dias ainda sem destruição, dias que começavam o vasto azul que de tempos a tempos surgia cortado por um fulgoriano do Bom-Sucesso, talvez ruzeado, o Paulo Víma, a bordo e amarrando mesmo ao pé da nossa cabeceira»*

A. R. (1966). *O mundo é minha procura*, vol. II, 21-22.



*«Faltava-se da guerra com mais certeza, muitos com certa vontade, o que contrariava um pouco o espírito pacífico do português. Os refugiados surgiam por aqui, traziam um não-sabê-quê de fim, de abandono, total, massa amorfa, misturada, onde trigo e jato se tornava difícil de distinguir. Uma chuva que dos antros europeus começava a marchar para esta plataforma ibérica, viajava na companhia de famílias e de famílias que para sempre abandonavam, terras e haveres, cursos ainda traziam somente saudades de um rescaldo que ficava para trás. A nossa vida raro caía na desgraça, caía nos automóveis espanhóis de matrícula, nas fêmeas de apêite, nas delicadas garceiras para todos os jogos, nos últimos encontros que a vida queria trazer ao nosso abraço. Se alguns desses seres eram espíritos, visitados por mortos hipnóticos, se umas empacavam lembranças, certas de quem nunca mais se vê, outras ficavam para sempre na estrutura como pessoas diferentes que nos traziam cheiros de mim, talvez por estarem numa terra neutra e quierem um pouco de amor que lhes escapava no origem»*

A. R. (1966). *O mundo é minha procura*, vol. II, 107-108.



## 6 As bibliotecas itinerantes de Branquinho da Fonseca

Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães

Avenida Rei Humberto II de Itália

Parque Marechal Carmona

Lat. 38.692268° | Long. - 9.42147°

Orlando de Mortágua, António José Branquinho da Fonseca (1905-1974) colocou o seu nome no mapa literário nacional bem cedo, através da criação da revista *Presença* (1927), modeladamente inspirada na afamada *Orpheu* (1915). Juntamente com os bons amigos José Régio e João Gaspar Simões, notabilizaram-se por dar o mote a uma nova fase do movimento modernista através desta publicação. Mais tarde, Branquinho da Fonseca assumiria o cargo de conservador do Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães, em Cascais, onde o valor inestimável do seu contributo ainda hoje é recordado. Para além do processo de renovação que trouxe mais livros e leitores, o então conservador criou as bibliotecas itinerantes, ação inovadora e determinante para a aproximação das comunidades às bibliotecas. Na sua vasta obra poética podemos encontrar um poema exclusivamente dedicado às bibliotecas:



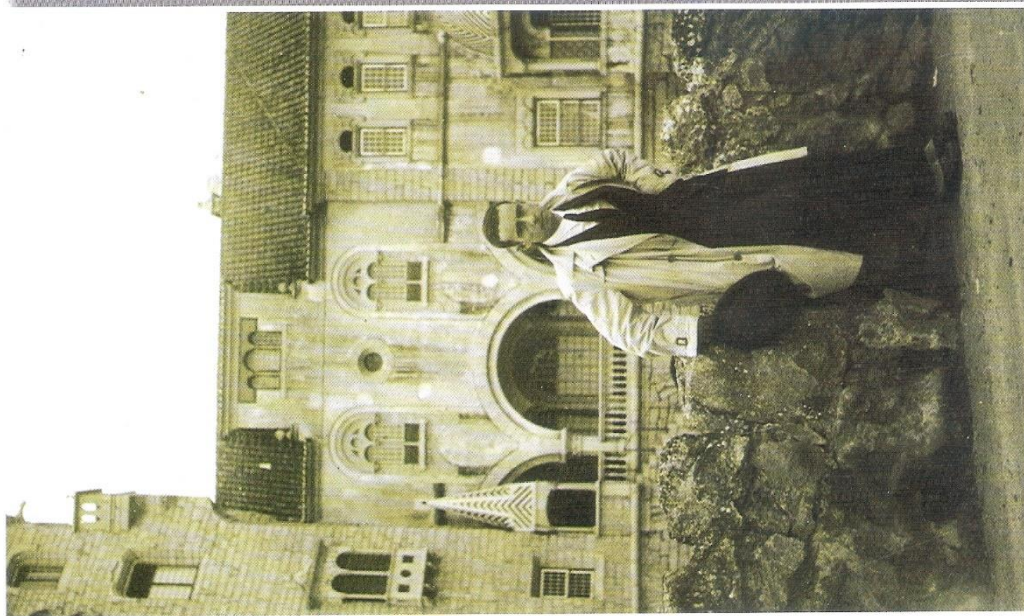
### BIBLIOTECA

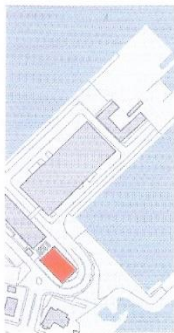
É sempre tarde ou ainda cedo,  
Pois o momento é sempre morto...  
E a minha força não tem medo,  
Mas adormeço e não me importo...

O templo existe mais vazio,  
cheio de sombra e colunatas...  
Olhei-o, entrei...gelei de frio...  
Passei... fugi... só li as datas...

Inoportuno e casual,  
Este romance começou  
Logo no fim, logo no meio...  
E achando-o mau e sempre igual,  
Vai-me vivendo como sou,  
E eu, folha a folha, só o leio...

*Branquinho da Fonseca: obras completas, vol. I, (2010), 147.*



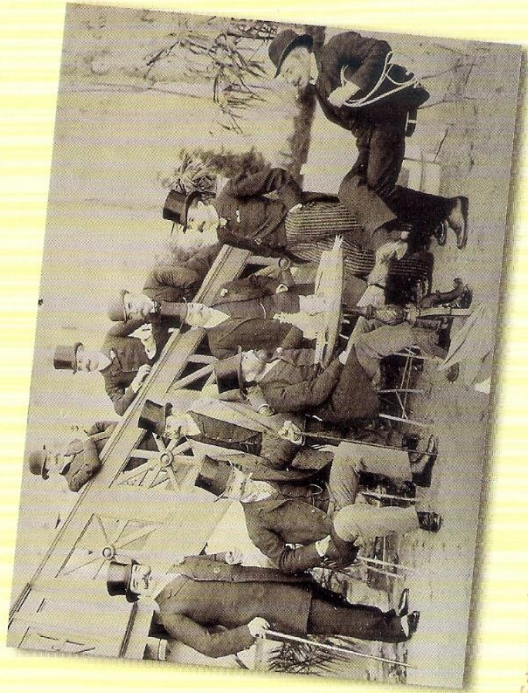


## 7 A Casa de S. Bernardo e as caminhadas de Eça de Queiroz por Cascais

Avenida Rei Humberto II de Itália, 642  
Lat. 38.692131° | Long. -9.430734°

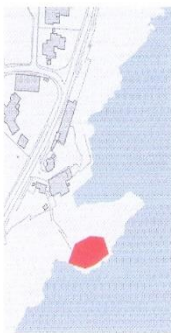


Nome indispensável da história da literatura portuguesa, Eça de Queiroz (1845-1900), imortalizou-se com a publicação de obras essenciais como *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870), em colaboração com o amigo Ramalho Ortigão), *O Crime do Padre Amaro* (1875) e, claro, *Os Maias* (1888). Em paralelo com a sua carreira literária, Eça constrói um percurso importante enquanto cônsul de Portugal, somando passagens por Havana, Newcastle, Bristol e Paris. Por entre tanta viagem, Cascais emergiu sempre como destino obrigatório na época balnear. A convite do amigo conde de Arnoso, Eça de Queiroz ficava inúmeras vezes na Casa de S. Bernardo (na atual Avenida Rei Humberto II de Itália), local onde se reuniam invariavelmente os autodenominados "vencidos da Vida", grupo de intelectuais "resignados", do qual faziam parte figuras como Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro ou o conde de Sabugosa. Quando não estava na amena cavaqueira com amigos, Eça de Queiroz gostava de passear pela costa, muitas vezes em percursos mais extensos do que o previsto, como conta nesta carta enviada à esposa Emília de Castro.



Estou aqui há dois dias, não tenho ido para o Estoril, como te anunciava, e pouco asseado. O Bernardo já aqui está - mas eu, por três ou quatro dias, preferi estar no Hotel, que, ainda vazio, e já lavado para a próxima estação, é bastante confortável. Estou, graças a Deus, melhor - mas ainda bronquítico. Além disso, ontem, por equívoco e más informações, dei um passeio tremendo (perto de 14 quilómetros) sob um Sol ardente e uma noite furiosa à busca do pinhal da Guia! Cheguei derreado. E estou hoje amarfanhado. O tempo resplandecente como Sol - mas desesperado como vento. Cascais é a caverna do velho Éolo, rei dos Aquilões!

Campos Maia, A. (2011). *Roteiro da Lisboa de Eça de Queiroz e seus arredores*, 155.



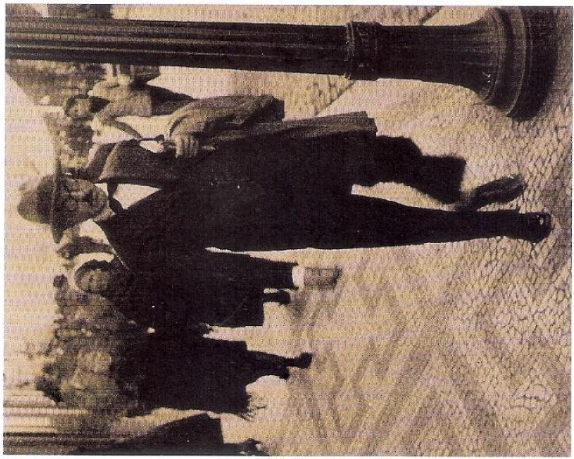
## 3 Fernando Pessoa e o sossego de Cascais

Boca do Inferno | Avenida Rei Humberto II de Itália, 642

Lat. 38.691392° | Long. -9.430734°

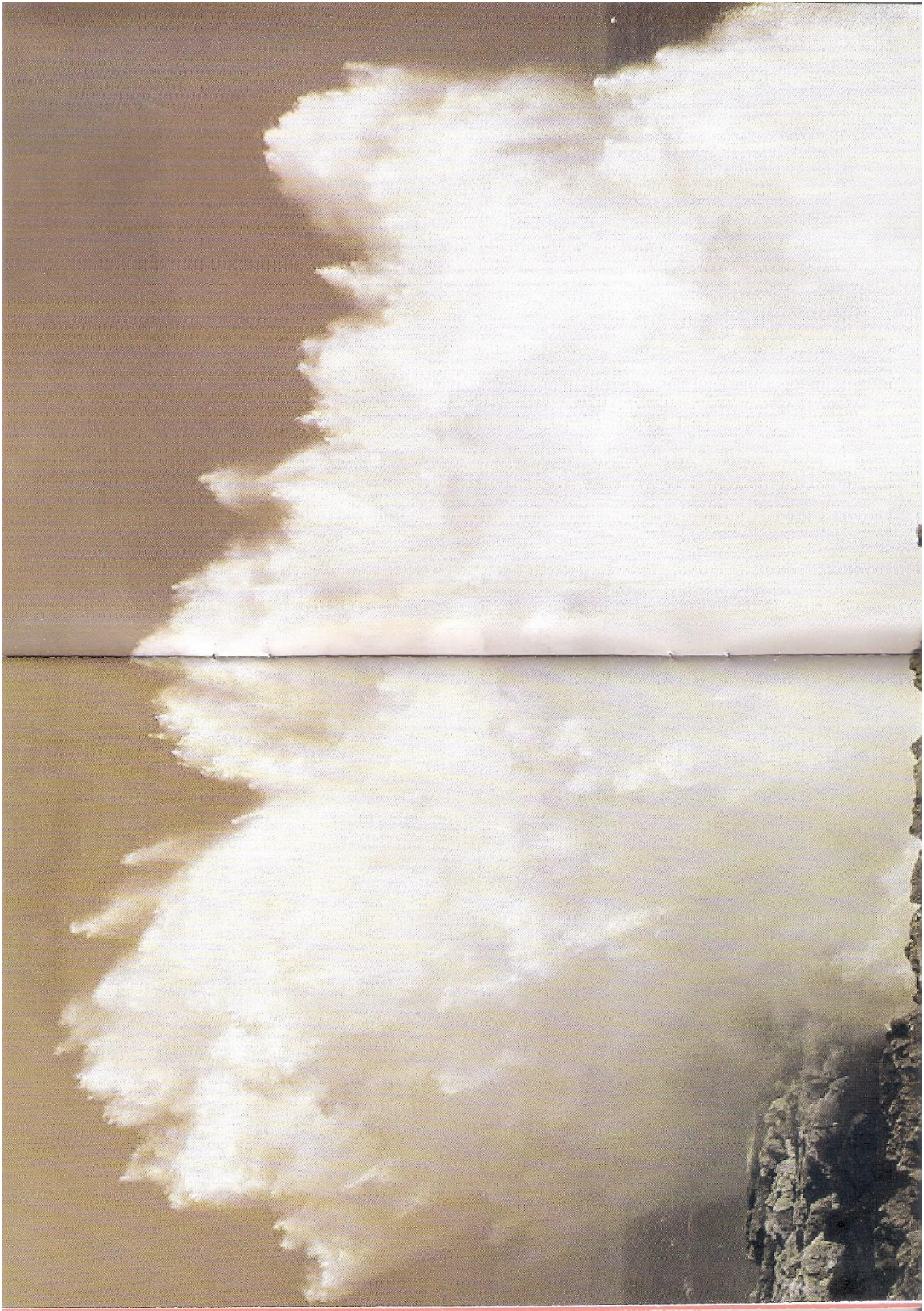


Considerado um dos poetas mais influentes do século XX, Fernando Pessoa (1888-1935) habitou-se desde cedo a exercer funções de editor, tipógrafo, tradutor ou publicitário, de forma a subsistir financeiramente em Lisboa. Em paralelo, geria a sua prolífera produção literária, onde se contam mais de 70 pseudónimos, heterónimos e semi-heterónimos diferentes. Esta vida agitada de Pessoa fez-o desenvolver um especial apreço por refúgios pontuais na Costa do Sol, destino turístico que desportou em meados dos anos 20. Passava os dias em Cascais, ou então aproveitava para visitar a casa da irmã, que se instalara no Estoril. Foi um cúmplice decisivo na encenação do misterioso desaparecimento do astrólogo inglês Aleister Crowley na Boca do Inferno. A mudança definitiva para Cascais sempre foi uma vontade expressa por Fernando Pessoa, que chegou a candidatar-se para o lugar de conservador do Museu Biblioteca Conde de Castro Guimarães, sem sucesso. Numa carta enviada ao seu único amor conhecido, Ojélia Queiroz, o poeta dos heterónimos manifesta esse seu desejo.



“O que lhe disse de ir para Cascais (Cascais quer dizer um ponto qualquer fora de Lisboa, mas perto, e pode querer dizer Sintra ou Caxias) é rigorosamente verdade: verdade, pelo menos, quanto à intenção. Cheguei à idade em que se tem o pleno domínio das próprias qualidades, e a inteligência atingiu a força e a destreza que pode ter. É, pois a ocasião de realizar a minha obra literária, completando umas coisas, agrupando outras, escrevendo outras que estão por escrever. Para realizar essa obra, preciso de sossego e um certo isolamento. Não posso, infelizmente, abandonar os escritórios onde trabalho (não posso, é claro, porque não tenho rendimentos), mas posso, reservando para o serviço desses escritórios dois dias da semana (quartas e sábados), ter de meus e para mim os cinco dias restantes. Ai tem a célebre história de Cascais”  
[29 de setembro de 1929]

Cartas de amor a Ojélia Queiroz (2012), 102



## **II: REPORTAGEM DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS SOBRE A INAUGURAÇÃO DA ‘ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS’**

### «ROTA LITERÁRIA DE CASCAIS

Uma Rota em Cascais de locais eternizados pela vida ou obra de ilustres escritores e poetas.

O jardim Visconde da Luz seria, por certo, o local mais desaconselhado para um encontro entre Rosa Infante, a Viscondessa da Luz, e o escritor, poeta e dramaturgo Almeida Garret, numa relação amorosa secreta. Sobretudo porque aquele local doado pelo dito Visconde de Nossa Senhora da Luz, era demasiado público mesmo no século XIX. Porém, dois séculos depois, foi mesmo lá que os fomos encontrar, representados por dois figurantes do TEC e salvos e livres pelo anacronismo, de encontros indesejáveis. É que este é um dos pontos da Rota Literária que António Ribeiro, aluno da Escola Superior de Hotelaria e Turismo, desenhou no âmbito de um estágio de mestrado que a Câmara Municipal de Cascais lhe facultou em parceria com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Mas a Rota começa exatamente na porta de entrada de forasteiros na Vila, desde 1898, a Estação Ferroviária de Cascais. Por ali chegaram, ao longo dos últimos dois séculos, os mais ilustres escritores e poetas pelas mais variadas razões e paixões.

Ramalho Ortigão, por exemplo, fica ligado à praia da Duquesa, não por uma paixão impossível, mas pela apaixonada abordagem do tema “As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante” e a Cascais regressou para aturadas tertúlias dos Vencidos da Vida, na companhia do seu amigo e aluno Eça de Queirós, com o qual, aliás, haveria de escrever “As Farpas” e o “Mistério da Estrada de Sintra”.

De Eça voltar-se-á a falar quando, em frente ao Museu Condes Castro Guimarães, ligado a Branquinho da Fonseca e a Fernando Pessoa, por razões diferentes, passarmos pela Casa de S. Bernardo, local onde, a convite do Conde Arnoso, Eça passava temporadas e reunia Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e o conde de Sabugosa.

Em plena Baía de Cascais, a Maria Amália Vaz de Carvalho encontrou refúgio numa fase mais dramática da sua vida, na Vila D. Pedro, residência que lhe fora cedida pela Duquesa de Palmela. E, do outro lado, a Calçada da Assunção (atual Rua Marquês Leal Pancada), uma rua inspiradora para Alberto Pimentel,

frequentador assíduo da doçaria da Antiga Casa Faz-Tudo, particularmente das areias e Joaninhas de Cascais.

Mais ao lado, na Avenida Dom Carlos, a Chalet Leitão, onde o escritor Ruben A. passava as suas férias de Verão e onde se reunia com Almada Negreiros, António Duarte e Barata Feyo.

E, por último, a Boca do Inferno onde uma rocambolesca “novela” do encenado desaparecimento ficcionado do astrólogo inglês Aleister Crowley, serviu de inspiração a Fernando Pessoa para o romance policial “A Boca do Inferno”».

**REFERÊNCIA:**

Cascais.pt. (2019). Rota Literária de Cascais | Câmara Municipal de Cascais. [online] Disponível em: <https://www.cascais.pt/noticia/rota-literaria-de-cascais> [Consultado a 31 Out. 2019].